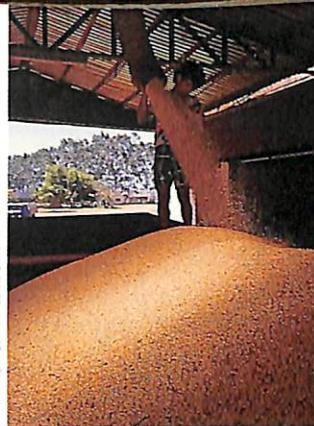


a granja

A REVISTA
DO LÍDER RURAL



**Soja: só ganha quem
tiver alta produtividade**

**30% do
nosso
rebanho é
improdutivo**

**DEPOIMENTO
Presidente da
Federarroz:
impostos e
juros
sufocam
arrozeiro**

**Quarto de milha:
o cavalo
do mocinho**

**Inseminação
intra-uterina por
laparoscopia**

**Café de qualidade
tem cheiro de lucro**



A gente
se desdobra
em quatro
pela saúde
do seu gado.

IVOMEC® Injetável (ivermectin) para bovinos.



Até quem não cria gado conhece IVOMEC Injetável. É sinônimo de confiança e qualidade superior. E não é por acaso que IVOMEC Injetável é líder no controle parasitário entre os pecuaristas não só no Brasil, mas no mundo todo.

IVOMEC F® (ivermectin + clorsulon) Injetável para bovinos.



É o super IVOMEC. Numa única injeção, faz tudo o que IVOMEC Injetável faz, além de controlar a impiedosa Fasciola hepática do gado. IVOMEC F é o parasiticida mais completo do mundo.*

*Controla vermes redondos, gastrintestinais, vermes pulmonares, Fasciola hepática, berne, piolho, sarna, ajuda no controle do carrapato e previne a bicheira.

Para você exercer sua liberdade de escolha com segurança, obtenha mais informações com um veterinário ou na MSD AGVET pelo telefone (011)816-5266, ramal 287.

iVOMEC® dispensa apresentação.

Principalmente para quem entende de gado. O que talvez algumas pessoas não saibam é que IVOMEC é apresentado em várias versões. E todas com elevado padrão de eficiência. De acordo com a sua preferência e os parasitas que mais atacam o seu rebanho, existe sempre um IVOMEC à sua disposição. Na hora de comprar, consulte um especialista. Mas faça uma exigência: tem que ser IVOMEC. Tem que ser o melhor.



IVOMEC® Oral (ivermectin) para bovinos.



O único produto oral que controla simultaneamente parasitas internos e externos. IVOMEC Oral tem o elevado padrão de qualidade do IVOMEC, porém numa formulação mais econômica.

IVOMEC® Pour-on (ivermectin) para bovinos.



Simplesmente a mais avançada tecnologia de aplicação - com exclusivo dosador e pistola aplicadora. O único pour-on que controla eficazmente parasitas internos e externos, inclusive a mosca-dos-chifres, com mínimo stress para o gado.

ivomec

O melhor cada vez melhor.

IVOMEC®, IVOMEC F®, IVOMEC® Oral e IVOMEC® Pour-on são marca registrada de Merck & Co., Inc., Whitehouse Station, N.J., USA

© Copyright, 1993. Todos os direitos reservados

Arroz só tem valor na mesa

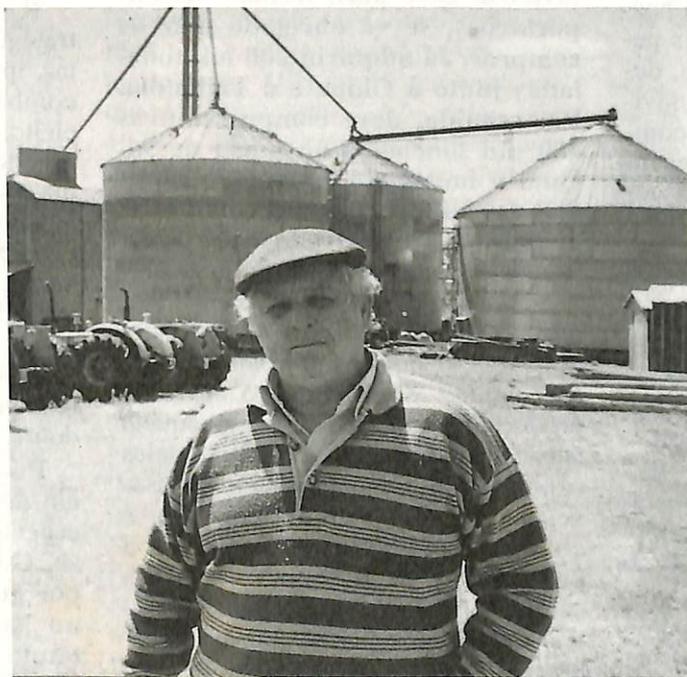
Quando chega a hora do almoço ou do jantar, o arroz tem lugar garantido na mesa. Pode ser servido sozinho ou como complemento nos mais variados pratos. A sua falta provoca uma sensação de vazio, parecendo que a refeição foi incompleta. Embora esse alimento seja considerado como uma inigualável ração básica, na fase de lavoura é simplesmente relegado a segundo plano.

O produtor desse cereal tem enfrentado uma série de problemas, assegura Breno Pinheiro Prates, presidente da Federarroz/RS, em especial uma carga tributária elevada; custos financeiros inadequados; regras desiguais para importações; e 70% das áreas arrendadas. "O arroz importado entra no Brasil por qualquer porto, sem maiores exigências. Em contrapartida, nós não podemos, por exemplo, exportar para a Argentina, sem que haja uma taxa compensatória. Já o produto deles

chega aqui isento."

Prates insiste em destacar que, com a tecnologia adotada na cultura do arroz irrigado, igual ou superior a de países desenvolvidos, o arrozeiro conseguiu superar os fatores limitantes da produtividade. Porém, é impotente em relação a pragas geradas nos últimos anos, e de difícil combate, tais como os impostos, juros e lobbys. Somente o endividamento da categoria junto ao Banco do Brasil chega a US\$ 1,390 bilhão, valores contestados pelos arrozeiros e motivo de uma CPI.

Há 16 anos, Breno Prates iniciava sua primeira lavoura de arroz, em Alegrete/RS, onde ainda planta 200 hectares, com produtividades acima de 5.000kg/ha. Hoje, com 53 anos de idade, casado, quatro filhos, está no final de mandato à frente da Federarroz, mas garante que jamais desistirá de batalhar pelos colegas.



Prates: as novas pragas da cultura são os impostos, juros e lobbys

A Granja — Existe solução para o endividamento do arrozeiro?

Breno Prates — Tem que existir. Em primeiro lugar, é necessário revisar o passado, para que se devolva o que foi cobrado a mais. Depois, no futuro, que sejam efetivadas a equivalência-produto nos financiamentos e

uma real política de preços mínimos, com recursos suficientes ao fomento do setor. Para tanto, tem que baixar a inflação, pois é impossível fazer agricultura rentável com uma taxa de 35% ao mês.

P — Para o senhor, a parcela final deste débito ainda reside em

40% da lavoura gaúcha. Por outro lado, o Banco do Brasil insiste em 17%. Por que tamanha disparidade?

R — A diferença de percentuais é porque o Banco do Brasil não considera os agricultores que estão na Justiça, incluindo como acertados os que

simplesmente formularam proposta de acerto. A estes não deu solução e dificilmente dará.

P — A CPI do endividamento poderá esclarecer os débitos de correção monetária, taxas de juros. Enfim, será capaz, efetivamente, de ajudar o produtor, provando que tais cobranças são indevidas?

R — Segundo o presidente do Banco do Brasil, na CPI, é de 17%, isto é, US\$ 1,390 bilhão, sem considerar a rolagem que, em parte significativa, não haverá condições de acerto.

P — Caso não haja acordo, poderá haver redução de plantio, uma vez que a semeadura iniciou e há urgência de recursos para aquisição de adubos, sementes, etc.?

R — Não acreditamos em redução de área para esta safra, pois o próprio endividamento e a descapitalização do setor impedem que isso aconteça. O arrozeiro precisa manter e até mesmo aumentar a sua receita total, para pensar em saldar os débitos. Há a possibilidade de compras de insumos pelo sistema troca-troca na safra. E, devolvendo o que nos cobraram indevidamente, havendo taxas de juros compatíveis e uma carga tributária decente, a nossa lavoura é competitiva como qualquer outra do mundo.

P — Quanto ao aspecto estrutural, o arrendamento de terras está em 70% no caso das lavouras gaúchas. Como se faz para carregar um pesado fardo como esse?

R — Realmente, 70% dos orizicultores são arrendatários. Em alguns casos, esse fardo torna-se bastante elevado. Porém, entre todos os componentes de custos que tornam nossa atividade não-competitiva no Mercosul e no mundo, este é o único ponto que o próprio lavoureiro pode resolver, o que vem fazendo. O valor do arrendamento baixa ano após ano no Rio Grande do Sul. O proprietário da terra sabe que, se cobrar valores fora da realidade, não vai receber. Assim, o mercado se ajusta.

P — O mercado mundial enfrenta períodos de baixas cotações. A Tailândia, o maior deles, há cerca de 15 anos não sofria como agora. Quais os reflexos sobre o Brasil?

R — A queda de preços no âmbito mundial refletiu-se imediatamente no nosso mercado. Nestes últimos dois

anos, os valores, praticamente, foram sempre inferiores aos custos. Além disso, o governo baixou ainda mais as alíquotas de importação de arroz. Sabemos que o mercado internacional não adota regras leais, existindo pesados subsídios, *dumping*, etc. As autoridades brasileiras deveriam se dar conta de que tais compras mantêm o emprego nos países asiáticos, em detrimento daqui. Qual o custo social do desemprego, da fome, da subnutrição? Temos certeza de que uma agricultura forte diminui esse ônus social.

O arroz que produzimos compete com qualquer outro em preço ou qualidade

P — Por outro lado, o Japão sai de uma safra ruim, com problemas de frio e chuva durante o cultivo da lavoura. Esse país, fechado às importações, se vê obrigado a ir às compras. Já adquiriu 200 mil toneladas junto à China e à Tailândia. Em seguida, deve comprar outras 400 mil toneladas no início de 94. Qual o impacto no mercado mundial deste fato e, conseqüentemente, no bolso do arrozeiro brasileiro? Isto não elevará a cotação interna?

R — Não há dúvida de que a anunciada importação influirá no mercado. Mas veja, o Japão é um país fechado às compras. Mesmo que o custo de produção de um saco de arroz naquela nação seja superior a US\$ 30,00, eles comprarão o estritamente indispensável. O mercado internacional não é confiável. Todavia, se isto tirar a pressão do produto excedente de terceiros, fora do Mercosul, sobre nosso mercado interno, acreditamos que serão praticados preços superiores aos atuais.

P — Mesmo o nosso arroz sendo exclusivamente voltado para o consumo interno?

R — Sim, embora não sejamos auto-suficientes, o mercado interno brasileiro, assim como o Mercosul, sofre influência do comércio mundial. Uruguai e Argentina podem exportar para outros países, se o momento lhes for

favorável. Mas, no contexto internacional, não creio que será de baixa no próximo ano.

P — De março/93 a fevereiro/94, ano comercial do arroz, estão previstas importações da ordem de 700 mil toneladas. Até o momento, entrou a metade. Quais os danos que tal política provoca no setor?

R — Ingressaram no Brasil aproximadamente 450 mil toneladas de arroz, sendo 90% do Mercosul, e o restante, de países asiáticos. O produto dos vizinhos é de boa qualidade, bem ao contrário dos demais, geralmente ruins. O arroz que produzimos compete com qualquer outro em preço ou qualidade, desde que tenhamos iguais condições. Esta política de abertura desenfreada contribuiu para a situação atual. Setor descapitalizado, endividamento, 40 milhões de brasileiros com fome e, ainda por cima, um custo social enorme.

P — É possível evitar essa estratégia?

R — Isto não foi e não é uma estratégia, mas, sim, medidas imediatistas, impensadas, com as quais se visa combater a inflação dentro de fins eleitoreiros. Uma estratégia bem-feita reverte todos esses quadros. Não do dia para a noite, mas solidamente, através de uma política coerente. Por exemplo: regular a entrada de arroz do Mercosul; não importar subsídios, gerando empregos para os asiáticos; carga tributária justa; juros compatíveis com a agricultura e, fundamentalmente, uma política séria e duradoura.

P — Está havendo uma redução em áreas de arroz de sequeiro, em especial nos Estados do Mato Grosso, Goiás e Tocantins, responsáveis por grande parte do abastecimento no Nordeste, bem como em São Paulo e Minas Gerais. Quais os fatores que têm colaborado para destimular o produtor lá de cima?

R — O arroz de sequeiro é uma cultura de desbravamento de áreas, para implantação de outras lavouras. Mesmo que esse grão tenha tido evolução de preços reais nos últimos anos, a falta de estímulo para abertura de novas áreas, por parte do governo, influenciou decisivamente na redução do terreno plantado. Imagine uma cultura, que não é a principal, sem os tratamentos culturais adequados, sem condi-

ções de aplicar a tecnologia correta ou qualquer outro atrativo. A tendência é permanecer somente as produtivas.

P — Neste momento de intenção de plantio, a diminuição lá em cima não favorecerá o produtor gaúcho?

R — A redução de área no sequeiro não é de hoje. Ela vem ficando menor a cada safra. No início da década de 80, eram mais de 5 milhões de hectares plantados, e hoje são 3,5 milhões de hectares. Entretanto as áreas remanescentes são boas e com tendências a elevar a produtividade. Até o momento, a queda do arroz de sequeiro só fez aumentar as importações do grão asiático, quase nada alterando no mercado do agulhinha. O Rio Grande do Sul cultiva 900 mil hectares e responde por 42% da produção nacional.

P — A equivalência-produto provocou uma melhora no preço mínimo?

R — Esta sistemática foi implantada para começar a funcionar na próxima safra a ser colhida. Se houver recursos suficientes, na hora necessária, terá grande importância para a agricultura nacional. O preço mínimo diminuiu neste último pacote, fruto da insensibilidade da Conab, que castigou a eficiência do produtor gaúcho. Agora, o produto de melhor qualidade vale menos do que em anos anteriores, somente porque o padrão do nosso arroz se elevou. Produz-se melhor, com mais custos e, em contrapartida, ganhamos menos. Teoricamente a equivalência-produto garantirá o preço mínimo ao produtor, preço esse que não será alterado durante a safra.

P — A Cédula de Produto Rural (CPR) é uma bela opção para afastar o governo do financiamento direto ao produtor, bem como uma garantia de liquidez imediata?

R — A CPR tramita no Congresso Nacional e visa garantir as operações de venda antecipada do produto, objetivando financiar o custeio da safra. Este título objetiva a aceleração do processo de afastar o governo do financiamento de custeio das safras. Para o perfeito desenrolar desse processo, é preciso um seguro rural que cubra eventuais frustrações; o sistema de equivalência-produto funcionando; a não-intervenção governamental no mercado; uma política agrícola duradoura e, principalmente, a colocação da inflação em níveis de Primeiro

Mundo. Como todo título negociável, tem que ter credibilidade para apresentar liquidez, o que implica regras transparentes e cumpridas à risca.

A função governamental é manter os preços estáveis durante o ano inteiro

P — Em 15 de dezembro, acaba o prazo de prorrogação dos EGFs da safra 91/92. Como este arroz está cotado em um custo bem mais alto do que o de mercado, há um movimento de intermediação para que o produto entre em bolsa sem piso, o que redundará em valor baixíssimo. Isto não aviltará o mercado, resultando em prejuízo ao produtor?

R — Sem dúvida, aviltaria o mercado. O governo cumpre a tradição de ser mau gestor de estoques. Ainda com o agravante de que todo o custo desse arroz será pago pelo Tesouro Nacional, ou seja, nós, brasileiros, vamos pagar. Hoje o produto está custando quase US\$ 14,00 por saco, enquanto o mercado oscila entre US\$ 10,00 e 11,00. O governo, intercedendo de forma desordenada ou atendendo a pressões isoladas de um ou outro setor, será o maior prejudicado. Por outro lado, a colocação no mercado somente do necessário evitaria aumentos, garantindo o grão até a nova safra. Fora estes estoques de safras anteriores, o governo, via EGF/AGF, ainda dispõe de cerca de 1 milhão de toneladas de arroz agulhinha da safra 92/93. No entender da Federarroz, a liberação das reservas, via leilão, garantindo preços mínimos diários, é a melhor medida, com a interrupção de processos de alta, e a entrada na nova safra efetuando-se com preço adequado. O consumidor prefere comprar arroz o ano inteiro por US\$ 0,50 o quilo beneficiado do que ficar fora do consumo quando ele passar a US\$ 0,80. Essa é a função governamental, a de procurar manter valores estáveis em todo o ano. E quem garante que esta parcela que a União colocará nos custos dos EGFs chegará ao consumidor?

P — Como o arrozeiro, vinculado a um segmento altamente tecnificado da agricultura brasileira, em

igual situação a produtores de Primeiro Mundo, pode estar sempre “correndo atrás da máquina”?

R — A lavoura de arroz no RS enfrenta quatro grandes problemas: a) carga tributária elevada; b) custos financeiros inadequados; c) mercado internacional aberto somente para importação de grãos (fechado para aquisição de insumos); d) custos internos (arrendamento). Os três primeiros resolvem-se com uma política agrícola séria, coerente e moderna. O último gradualmente vai se regulando. Não temos dúvidas de que o mau produtor vai ficar à margem do processo. O absurdo está em que o arroz importado entra no País em qualquer porto, onde poucas exigências se fazem. Porém, se você quiser trazer um defensivo agrícola, que custa 50% menos no exterior, as regras são outras. Isto é mercado livre? O mesmo trator produzido em Canoas/RS custa 35% menos no Uruguai do que aqui. Nosso produto não pode ser exportado para a Argentina sem taxaço compensatória, mas o deles chega aqui isento. Realmente somos competitivos tecnicamente, como qualquer outra lavoura, mas aqui desenvolveram-se algumas pragas de difícil combate, entre elas os impositos, juro, *lobbys*, etc.

P — O produtor de arroz é considerado como elite no meio rural. Muitos acham que o seu choro só se justifica por se tratar de pessoas esclarecidas e com acesso à mídia e outras informações. O senhor concorda com tal opinião?

R — No aspecto da qualidade de trabalho, podemos dizer que sim. Porém, no que concerne a privilégios, efetivamente não. Embora trabalhem com a razão básica da mesa do brasileiro, não recebemos qualquer tipo de incentivo. Ao contrário, parecem fazer de tudo para que paremos de produzir. Por outro lado, a Federarroz, não obstante às grandes dificuldades de caixa, tem procurado, graças à sensibilidade dos meios de comunicação, levar aos companheiros e à opinião pública o maior número possível de informações sobre a realidade que vivemos. Isto faz com que alguns pensem que temos condições superiores aos demais segmentos da atividade primária, no entanto tudo é fruto de um árduo trabalho. ■

NOSSA CAPA

A procura por cafés de alta qualidade é hoje uma exigência do mercado consumidor mais rentável. Assim, os barões do café, que muito lucraram em tempos passados, transformaram-se em verdadeiros empresários rurais, adotando métodos avançados de produção do tradicional grão



Foto: Marcos Muzi

NESTA EDIÇÃO



12 Soja: produtividade é condição obrigatória para 94

20 Equínos: versatilidade marca raça quarto de milha

18 Hortaliças: com peletização chove na horta

43 Citrus: da laranja também sai vinho

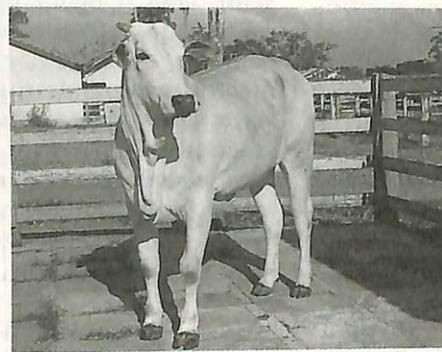
44 Ovinos: I.A. intra-uterina faz genética

SEÇÕES

■ Aconteceu	7
■ Caixa Postal 2890	8
■ Aqui Está a Solução	9
■ Eduardo Almeida Reis	10
■ Porteira Aberta	11
■ Flash	47
■ Hortas e Pomares	48
■ Mundo da Lavoura	49
■ Agribusiness	50
■ Mundo da Criação	51
■ A Granja Leilões	52
■ Escolha seu Trator	54
■ Novidades no Mercado	56
■ Ponto de Vista	58



30 Café: cafeicultura investe em qualidade



26 Seleção: o jeito certo de ver a boiada



Diretor-presidente:
Hugo Hoffmann
Diretora comercial:
Leoni Zaveruska

(secretária). Colaboradores: Eduardo Hoffmann, Luiz Fernando Lemmert, Maria Dilce da Silva e Moacir Russo.

COMPOSIÇÃO

Renato Fachel (supervisor), Paulo Nobre (composição).

CIRCULAÇÃO

Antônio Correa Martins (supervisor de assinaturas), Amália Severino Bueno (coordenadora).

PUBLICIDADE

Contato: Anete Bichinho.

SUCURSAL DE SÃO PAULO

Praça da República, 473, 10º andar, conj. 102, fone (011) 220-0488, telex (11) 31567, fax (011) 220-0686, CEP 01045-001, São Paulo/SP. Gerente: Alexandre Ortiz. Contato: Cláudio Francisco.

Representantes/Publicidade

DISTRITO FEDERAL - OBN - Organização Brasileira de Notícias, SDS Lote T8, Bloco M, Ed. Cine Venâncio Jr., 1º e 2º subsolos, telex (61) 2260, fone (061) 225-6248 e 225-5934, CEP 70394-900, Brasília/DF; PARANÁ - Spala - Marketing e Representações, Rua Conselheiro Laurindo, 825, conj. 704, fone (041) 222-1766, CEP 80060-100, Curitiba/PR; RIO DE JANEIRO - Lobato Propa-

ganda e Marketing Ltda., Rua Siqueira Campos, 43, 8º andar, conj. 834, fone (021) 256-8724, CEP 22031-070, Rio de Janeiro/RJ; MINAS GERAIS - José Maria Neves - Av. do Contorno, 8.000 conj. 1.107 - fone (031) 291-7008 - CEP 30110-120 - Belo Horizonte/MG.

A Granja é uma publicação da Editora Centaurus Ltda., registrada no DCDP sob nº 088, p.209/73. Redação, Publicidade, Correspondência e Distribuição: Av. Getúlio Vargas, 1556 e 1558, fone (051) 233-1822, telex (51) 2333, fax (051) 233-2456, Cx. Postal 2890, CEP 90150-004, Porto Alegre/RS. Exemplar atrasado: CR\$ 1.100,00.

a granja

A REVISTA DO LÍDER RURAL

REDAÇÃO

Luis Eduardo Bona (editor), Luiz Fernando Boaz (repórter), Betina Hoffmann (fotógrafa), Iara Salin Gonçalves (revisão), Anelise T. Aita

Prosperando no caos

Imagine-se a maravilha se o Brasil fosse menos caótico, o Executivo menos ruim, o Legislativo menos preguiçoso e corrupto e, finalmente, o Judiciário menos distante, burocrático e lento.

Imagine-se o Brasil política e economicamente estabilizado, com suas terras, seu clima e sua montanha de gente, incluindo os menos afortunados, ou seja, os miseráveis, trabalhando com perspectivas de desenvolvimento sem inflação.

Imagine-se tudo isso.

Imagine-se esse sonho e é possível mensurar o quanto a agricultura no seu todo estaria bem, pois, hoje, com esta situação caótica, onde as regras não são estáveis, porque simplesmente não existem, com zero por cento de subsídios, ainda assim, com toda a desconfiança que o poder público exala, o setor, diante das circunstâncias, não pode se queixar. Já passou por períodos bem piores, principalmente durante o reinado da czarina Zélia.

Comportamento

Pois bem, já se pode fazer uma análise por alto do comportamento do produtor rural em 1993.

Posicionou-se em mandar às favas as más notícias. Simplesmente, deixou de chorar, arregaçou as mangas e tratou de tocar o seu negócio. Nem dinheiro curto e juros altos foram empecilho para a agricultura e a pecuária.

Segundo os números oficiais, foram semeados 35,5 milhões de hectares, contra 37,5 milhões de hectares da safra anterior. Mas, e aqui está o grande porém, a safra aumentou. Ou seja, o aporte tecnológico foi responsável por essa aparente mágica. Produziu-se mais e melhor com menos terra. Chama-se

isso de produtividade.

O esforço para se sobrepor à crise sem a alavancagem do governo rendeu bons resultados, pois os preços, ao longo do ano até agora, com suas exceções, foram compensadores. O milho e a soja, que pesam bastante nessa avaliação, foram culturas que alcançaram uma maior produtividade e preços animadores. Por outro lado, o boi foi um excelente ativo financeiro, conforme apontam até o presente todos os índices de avaliação mobiliária.

Perspectivas

Neste momento, já está sendo decidido o que será a safra 1993/94. Pelas informações que os nossos repórteres recolheram ao comer o pó das lavouras, a safra seguramente será bem maior que a anterior.

Em geral, o agricultor está animado. Já mandou o governo lamber sabão e acredita firmemente numa resposta positiva, em termos de lucro. Os produtores de semente são um bom termômetro nesta altura do campeonato. Embora tenham se munido de estoques maiores, a demanda ultrapassou a capacidade de atendimento. A falta de sementes mostra que as perspectivas melhoraram em muito.

Equivalência-produto

Cadê a equivalência-produto trombeteada pelo governo Itamar, principalmente pelo seu anterior ministro da Agricultura? Contudo, a equivalência-produto já faz parte do pacote informal de comercialização feita pelas cooperativas com os produtores associados. Também a Maxion utiliza esse instrumento, para trocar colheitadeiras e tratores por sacos de grãos ou litros de leite. Aqui, a criatividade não tem limites, e,

novamente, os tempos duros fazem a imaginação ultrapassar o marasmo e partir para a ação.

Rotina: o Ministério da Agricultura é ocupado por outro titular

Depois de quase dois meses de espera, de marchas e contramarchas, o governo Itamar nomeou Dejanir Dalpasquale para o importante cargo de ministro da Agricultura, com o aval do PMDB e obedecendo indicação pessoal de seu presidente, Luiz Henrique. Acusado de ter favorecido seu filho, quando esteve na presidência do extinto Banco Nacional de Crédito Cooperativo, o atual ministro assume tropeçando, pois é obrigado a dar explicações sobre o assunto. Favorecimento ou não, o certo é que a Cooperativa Agroindustrial do Vale do Rio Guaporê, em Rondônia, presidida pelo filho de Dalpasquale na época do empréstimo (US\$ 84 mil), não honrou até hoje o compromisso, por falta de pagamento. Não é um bom começo.

Os bancos oficiais estão na mira

No momento em que estamos fechando esta edição, a Comissão Mista Parlamentar de Inquérito que investiga as causas do endividamento da agricultura ainda não tinha divulgado o seu parecer. Mas, à medida que os depoimentos estão sendo recolhidos, percebe-se a manipulação feita pelo descasamento dos índices ocorridos ao longo dos vários planos econômicos. São dívidas antigas, algumas com financiamentos de cinco anos. Além disso, a CPI também investiga as irregularidades que estão acontecendo com o Finame Balcão, sendo visados o BNDES e, principalmente, o Banco do Brasil. ■

Caras novas na ABCIF

“A Associação Brasileira de Criadores de Ile de France (ABCIF) já conta com uma nova diretoria, escolhida por aclamação, e que ficou assim constituída: diretor-presidente — Eduardo Diehl Caleffi (055) 232-2545; vice-presidente — Leondy Zarpellon (0432) 23-1208; dir. 1º sec. — Henrique Dias de Freitas Lima; 2º sec. — Maria Isabel Silva (051) 653-1087; dir. 1º tes. — Paulo Fernando Martinez (051) 722-2471; 2º tes. — Marcelo Grazziotin (054) 237-1591; dir. técn. — Cesar Adams Cesar (054) 231-1454; conselho técnico — Fernando Peixoto, Cezar Reinaldo K. Nery e Tairo Teixeira; cons. fiscal — João Nepomuceno Teixeira, João Carlos Giudice e Teófilo Garcia de Garcia; suplentes — Armando Garcia de Garcia, Achylles Jacques Fernandes e Sarah Maria Borges Uggeri. A sede da ABCIF fica na Rua Visconde do Herval, 915, CEP 90.130-151, Bairro Menino Deus, fone (051) 233-7429.”

*Henrique de Freitas Lima
Porto Alegre/RS*

Granja Rezende é um exemplo

“A Granja do Ano, sem dúvida, é uma publicação de ótimo conteúdo editorial e de impecável apresentação gráfica. Enfim, um produto realmente digno de elogios por sua abrangência e qualidade, da capa à contracapa.

Chamou-nos especialmente a atenção a matéria *A voz e a vez dos Destaques/93*, onde é relatada a experiência empresarial dos líderes do agribusiness agraciados com o troféu instituído por esta revista. É de justiça reconhecer a importância de cada um dos homenageados no contexto da agropecuária nacional, mas julgamos lamentável a não-inclusão da empresa avícola no grupo dos Destaques.

Detentoras de alta tecnologia e empregando pessoal rigorosamente pre-

parado, as empresas avícolas estão transformando a realidade da produção de alimentos e, hoje, o segmento de frango de corte já coloca no mercado mais carne do que os abatedouros de bovinos. Inclusive oferecendo preços bem menores, embora não usufrua de nenhum benefício oficial.

Um dos exemplos do dinamismo da avicultura é a Granja Rezende, instalada em Uberlândia, no Triângulo Mineiro, que, este ano, pela segunda vez consecutiva, foi agraciada com o Prêmio FGV de Excelência Empresarial, publicado na revista *Poultry for export*, da Associação Brasileira de Exportadores de Frango (ABEF). Trata-se, realmente, de um destaque no agribusiness avícola, respondendo por mais de 50% do fornecimento das aves que formam o plantel brasileiro.

Outros exemplos de empresas de mais alta qualidade no setor avícola, filiadas à Associação dos Avicultores de Minas Gerais (Avimig), entidade de que sou diretor-presidente, poderiam ser citados, mas ficaremos neste, colocando-nos à disposição sempre que a editoria de *A Granja* solicitar a nossa colaboração.”

*Silvério Marcos dos Santos
Belo Horizonte/MG*

Mudança de endereço

“Temos a grata satisfação de informar aos leitores da revista *A Granja* que, em decorrência do processo de reformulação e modernização em andamento, as entidades de classe a seguir mencionadas estão em novo endereço: Associação Nacional para Difusão de Adubos e Corretivos Agrícolas — Anda; Instituto Brasileiro do Fosfato — Ibrafos; Sindicato da Indústria de Adubos e Corretivos Agrícolas, no Estado de São Paulo — Siacesp; e Sindicato Nacional da Indústria de Matérias-Primas para Fertilizantes — Sinprifert. O local é Praça Dom José Gaspar, 30, 9º andar, CEP 01047-901, fone (011) 255-9277, telex 1137643 e fax 255-9835 e 214-2831, São Paulo/SP.”

*Carlos Ferraz
São Paulo/SP*

Artigos técnicos

“Há muito tempo sou leitor da revista *A Granja*, tendo em vista que nossa repartição sempre a recebeu. Agora, resolvi fazer a minha coleção particular para poder, em minha casa, receber uma publicação onde possa ter o prazer de ler artigos técnicos, e não apenas assuntos de chacinhas de recreio, como se encontra por aí.”

*Fernando A. Gomes da Costa
Salto de Piraporã/SP*

Expointer em alta

“Muito satisfeito fiquei ao ler a edição de setembro, onde tradicionalmente são veiculadas reportagens sobre a Expointer. Pelo que pude constatar, embora o momento difícil que todos nós atravessamos, a exuberância dos animais expostos é algo fora de série. Sem falar, é claro, no aporte tecnológico das máquinas, que também primam por esbanjar qualidade, podendo ser exportadas para qualquer país primeiro-mundista. O quadro só não é mais favorável por uma absoluta falta de regras fixas da nossa tão famigerada política agrícola nacional. Mas, se Deus quiser, dias melhores virão.”

*Lourival C. Limeira
Dom Pedrito/RS*

Crioulo

“No momento em que nos preparamos para transmitir a presidência da Associação Brasileira de Criadores de Cavalos Crioulos (ABCCC), queremos manifestar à revista *A Granja* o nosso mais sincero agradecimento pessoal, assim como dos demais companheiros de diretoria, pelo valioso apoio que recebemos, sem o qual não teríamos alcançado os objetivos a que nos propusemos. A ABCCC espera continuar contando com sua indispensável colaboração.”

*José Antonio Marques Fagundes
Pelotas/RS*

Suíno para diluir gastos

“Há vários anos sou assinante desta prestigiosa revista e venho, pela presente, pedir-lhes um favor, se possível. Desejaria receber de vocês um projeto de pocilga, que pode ser modesto, pois tenho uma propriedade pequena com matos de eucalipto. Nessa atividade, cada corte representa sete anos de intervalo, e o período de paralisação absorve todo o lucro obtido. Assim, desejaria fazer uma pocilga para dez matrizes, com a finalidade de ajudar a suportar as despesas.”

José B. Gomes
Bagé/RS

R — O assistente-técnico estadual da Emater/RS, agrônomo Eniltur Viola, afirma que, para se dimensionar um projeto de pocilga economicamente viável, é indispensável possuir maiores dados. Entre eles, são citados a área da propriedade, localização, mão-de-obra, mercado para comercialização e, principalmente, a disponibilidade para produzir alimentos energéticos (milho, triticale, sorgo granífero e farelo de arroz) e protéicos, caso da soja.

O agrônomo destaca que o ideal é o interessado reunir todas essas informações e posteriormente ir procurar os técnicos do escritório da Emater. A partir daí, será possível executar um projeto de pocilga adequado à realidade do produtor. O contato com a Emater pode ser feito em dois endereços: em Porto Alegre, escritório central, na Rua Botafogo, 1051, CEP 90150-053, fone (051)233-3144, ramal 342; ou no próprio município de Bagé, na Avenida 7 de Setembro, 640, CEP 96400-100.

Energia natural

“Como sei que a redação da revista A Granja assessora seu leitor através desta seção, envio as seguintes questões, referentes a assunto que acredito de grande interesse.

1. A energia eólica se presta à produção em larga escala?

2. Existem, no Brasil, empresas que produzam equipamentos para es-



sa finalidade? Quais seriam?

3. A legislação nacional proporciona tal exploração a qualquer pessoa ou fica restrita ao Estado?

4. Um equipamento moderno de captação de energia eólica é capaz de abastecer uma propriedade rural de grande porte e com elevado consumo? A que custo?

5. Essa energia pode ser usada em nível industrial?”

Urbano Garcia
Porto Alegre/RS

R — O professor Amilcar Barum, da Universidade Católica de Pelotas/RS, afirma que a energia eólica se presta para uma complementação de energia. No Brasil existem empresas que fabricam equipamentos de pequeno porte, enquanto que, na Europa e nos Estados Unidos, podem ser encontrados aparelhos de grande capacidade. Na Alemanha, por exemplo, uma das empresas que fabricam esses equipamentos é a Ventis, cujo endereço para contato é Ernst-Böhme-STR 27 D-3300 Braunschweig, fone: (0531) 211-0140, falar com Werner Geissler.

A legislação nacional já proporciona a exploração de energia de qualquer espécie a quem tiver interesse, mas determina que o excedente deve ser vendido para o governo. Os

equipamentos modernos de captação de energia eólica são capazes de abastecer propriedades rurais de grande porte, porém, na falta de vento, a fazenda pára. Assim, destaca Barum, não é possível ficar na dependência desse elemento como única fonte geradora de energia.

Quanto à última questão, o professor esclarece que a energia eólica é viável em nível industrial, desde que, ratifica, não seja o único recurso energético, e as instalações fiquem junto a uma região de ventos. Para outras informações, contatar com Amilcar Barum, através do fone (0532) 25-3455, ramal 287.

Plasticor

“Em relação à reportagem veiculada na revista A Granja de outubro/92, nº 529, intitulada ‘Plasticultura — o uso do plástico colorido’, solicitamos a gentileza de nos informar a entidade pesquisadora, bem como os demais dados, para que possamos entrar em contato com aquele pessoal.”

Eng. agr. Evandro da Silva Pinheiro
Curitiba/PR

R — Informamos que tal reportagem foi uma adaptação de matéria publicada na revista norte-americana Agricultural Research. Assim, o senhor poderá entrar em contato com a própria editoria da publicação através do seguinte endereço: The Editor, Information Staff, Room 408, 6303 Ivy Lane, Greenbelt, Maryland, 20770, Estados Unidos.

Geléia real

“Solicitamos o endereço do produtor João Rodrigues Seabra Filho, de Rio Claro/SP, citado no artigo sobre a produção de geléia real, publicado em A Granja do Ano 93/94.”

Ivo Missio
Medianeira/PR

R — O apicultor em questão pode ser encontrado na Indústria de Comércio de Produtos Agrícolas (Apivita), na Avenida 24, esquina com a Rua 15, nº 1686, fone (0195) 34-1249, Jardim São Paulo, CEP 13.503-018, Rio Claro/SP.

De esquimós a testículos

Pensei dar a estas notas o título “Interessantices”. É palavra que não existe no dicionário, que tem “esquisitice”, qualidade, maneira, modo de pensar de quem é esquisito; extravagância, excentricidade. Lembrei-me de que, em espanhol, “exquisito” quer dizer delicado, excelente, delicioso, muito agradável. E acabei descobrindo no Aurélio que “esquisito”, em vernáculo, também significa fino, invulgar, delicioso, excelente, requintado. Em matéria de palavras interessantes, descobri até “interessente”, um adjetivo antigo, que significava “que está entre, que está no meio”, mas também podia significar “distante” (Cândido de Figueiredo, Novo Dicionário da Língua Portuguesa).

Minhas interessantices não eram lexicográficas, mas agropecuárias. Afinal, a um modesto produtor rural não se pode pedir que circule com desembaraço pelos dicionários, mas é conveniente que leia sobre “Recentes Progressos no Melhoramento Genético dos Animais”, de Lerner e Donald. Estudei esse livro há séculos. É dele que, agora, recolho as interessantices. A começar pelos esquimós.

Você sabia que são necessários 625kg de algas, para produzir um quilo de esquimó? Não, não se assuste, que o esquimó não precisa comer centenas de quilos de saladas de algas, para engordar um quilinho.

Esquimó gosta mesmo é de foca. E come 5kg de foca, para ganhar um quilo de peso. Mas um quilo de foca é resultado de 5kg de peixes. Cada quilo de peixe representa 5kg de camarões ou de outros invertebrados. Um brinde para quem disser que um quilo de camarão resulta da ingestão de 5kg de algas. O resultado final, como ficou dito aí atrás, dá 625kg

de algas, para cada quilo de esquimó.

Porcos e aves, que possuem estômagos simples e preferem alimentos concentrados, como os animais da espécie *H. sapiens*, podem enfrentar nossa competição no consumo de alimentos. A Somália que o diga. Não deve ser fácil a vida de um porco em terra somáli. Ponto para os ruminantes, que podem elaborar proteínas a partir de alimentos impróprios para o homem, através da microflora do rúmen.

Ainda no aspecto da eficiência na conversão de alimentos, Lerner e Donald estudam o problema da castração. Engordar garrotes inteiros voltou à ordem do dia em nossas invernações.

Dizem os autores ser bem conhecido o fato de que bovinos, ovinos e suínos adultos e não-castrados são, aproximadamente, vez e meia maiores que as fêmeas da espécie. A velocidade de crescimento dos machos é maior que a das fêmeas, e sua eficiência para converter alimentos também deve ser mais desenvolvida.

Por essa razão, para não falar na redução do sofrimento e no estímulo da produção de carne, a castração poderá vir a ser encarada como anti-social. Sem esquecer o fato de que o churrasco de testículos, ao que me dizem, é uma delícia. Ou, se quiserem, um churrasco esquisito.

Lerner e Donald dizem que a formação de novas raças, na agropecuária, é sinal de virilidade e deve

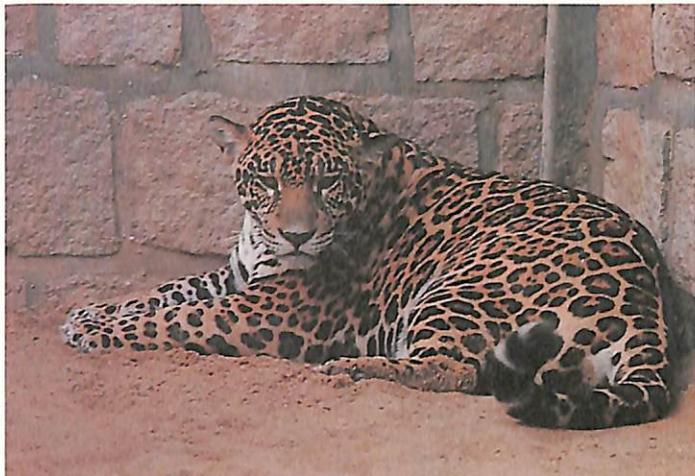
ser bem acolhida. Talvez essa “virilidade” fosse melhor traduzida por “dinamismo”, para não desgostar o feminismo. Depois de informarem que a propaganda não é um substituto para a produção, mas, em nossa sociedade, um complemento essencial, os autores constatam que a propaganda começa, em geral, quando uma nova raça está no estágio inicial de sua formação, ou mesmo antes dele. Isto é, quando uma nova raça ainda não passa de uma idéia, na cabeça de seu criador.

Esse é um assunto que sempre me interessou muito de perto; durante anos criei uma nova raça bovina, a pitangueiras. Não me arrependi. Se já não crio pitangueiras, é porque vendi o rebanho junto com as fazendas fluminenses e vim cuidar de outras coisas em Minas.

Foi há 10 anos, quando telefonei para Luiz Fernando Cirne Lima e lhe contei que havia comprado 5 mil matrizes enxertadas, que deveriam começar a produzir leite dentro de algum tempo. O grande brasileiro se assustou: “Estou acreditando, porque tu estás contando, mas é muita vaca...”

Deixa estar que eu não falava de novilhas enxertadas, mas de mudas de seringueiras, que só agora começaram a produzir razoavelmente. Sempre foram 10 anos de espera, uma eternidade na vida de qualquer pessoa.

Se irrigasse e adubasse, talvez o seringal produzisse comercialmente aos 6 anos. Mas é a tal coisa: nesta crise, com recursos próprios, já foi milagre agüentar os 10 anos. Resta saber se, ainda em 1993, vai dar para atingir o mágico *break even point*. A torcida é grande. ■



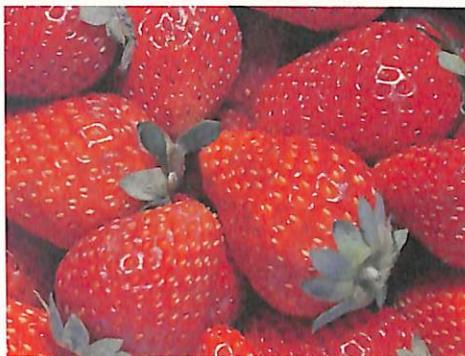
Peão diversifica e sai atrás das onças

Os pecuaristas da região Norte do País andam apavorados com os prejuízos que as onças pintadas vêm causando aos rebanhos. Um latifundiário daquelas bandas comentou que as manhosas felinas já saborearam nada menos do que 60 bezerros e 12 éguas de seu criatório. Segundo ele, as onças jovens dificilmente atacam, pois energia não lhes falta para caçar os porcos selvagens e outros animais do mato. O problema são as “maduronas”. Cansadas de correr a noite inteira atrás das presas, sem sucesso, optam pela lei do menor esforço. Ou seja, passam as garras nos mamíferos domésticos que pastam e ruminam nos extensos campos de *brachiária*. Embora matá-las seja crime, há quem contrate peões exclusivamente para tal fim. Desse jeito, o melhor, para que as vovós possam viver sossegadas, é asilarem-se num jardim zoológico, onde, além de salvar a pele, vão ganhar carminha na boca.

Cavalo popular

Aproveitando a onda popularizante desencadeada pelo presidente Itamar Franco, na tentativa de proporcionar aos menos afortunados a aquisição de bens de consumo, caso do Fuca e da redução do depósito mínimo para aberturas de poupanças no BB e CEF (de CR\$ 20 mil para

500,00), agora chega a vez do cavalo. A Associação Brasileira dos Criadores do Cavalo Mangalarga Marchador lançou, recentemente, uma nova forma de comercialização, popularizando os preços de certos produtos da raça, cotando-os em US\$ 1.000. Essa idéia, esperam os dirigentes, se bem divulgada, vai provocar uma grande corrida, especialmente por parte do pequeno e médio criador. Resta esperar e conferir se o patamar será respeitado, pois, no caso dos automóveis, “de popular” ficou apenas a designação.



Morango maquiado

Há alguns anos, os produtores de morango da Grande Porto Alegre por pouco não mudaram de profissão. Alguns deles abusaram no emprego de agrotóxicos, e a população, alertada, simplesmente não comprou mais a tão deliciosa fruta. Os químicos foram colocados de lado e, novamente, os consumidores voltaram a prestigiar o agricultor. Agora o problema é outro, ou melhor, trata-se de pura safadeza. Como o produto é vendido embalado, fica impossível examinar por completo o conteúdo. Uma cobertura de plástico permite ao freguês vislumbrar apenas as frutas que figuram na parte

de cima da caixinha, comprando o resto no escuro. E é aí que mora o perigo, pois, na maioria das vezes, os escondidos, quando não estão podres, são minúsculos ou esbranquiçados. Parece que certos produtores não aprenderam a lição e insistem em tentar enganar a população.



Jacarés a salvo!

A disputa pelo mercado de couros exóticos levou três jovens (um veterinário, um agrônomo e um químico) a inovar de forma radical. Após dois anos de pesquisas, os proprietários da empresa Tre Anytry Beneficiamento de Peles Exóticas Ltda., localizada em Novo Hamburgo/RS, descobriram um método eficiente para transformar o retículo (um dos estômagos da ovelha) em couro para fabricação de calçados e bolsas. O grande diferencial do produto, conta o agrônomo Leandro Scur, é seu desenho e textura, impossíveis de obter com o tradicional couro *vacum*, apresentando alvéolos semelhantes a favos de abelhas, em alto relevo.

Pelo jeito, a idéia dos novos empreendedores vai dar certo, pois já contam com pedidos de industriais brasileiros e até italianos. Para atender à demanda, Leandro estima produzir 100 mil retículos/mês. Sem dúvida, esse novo negócio é mais uma alternativa para a preservação ecológica. Em vez do couro de jacarés, cobras e lagartos, as mulheres endinheiradas certamente ficarão prazerosas ao usar calçados de estômago “curtido” de doces cordeiros.

SOJA

Produtividade vale ouro na safra 94

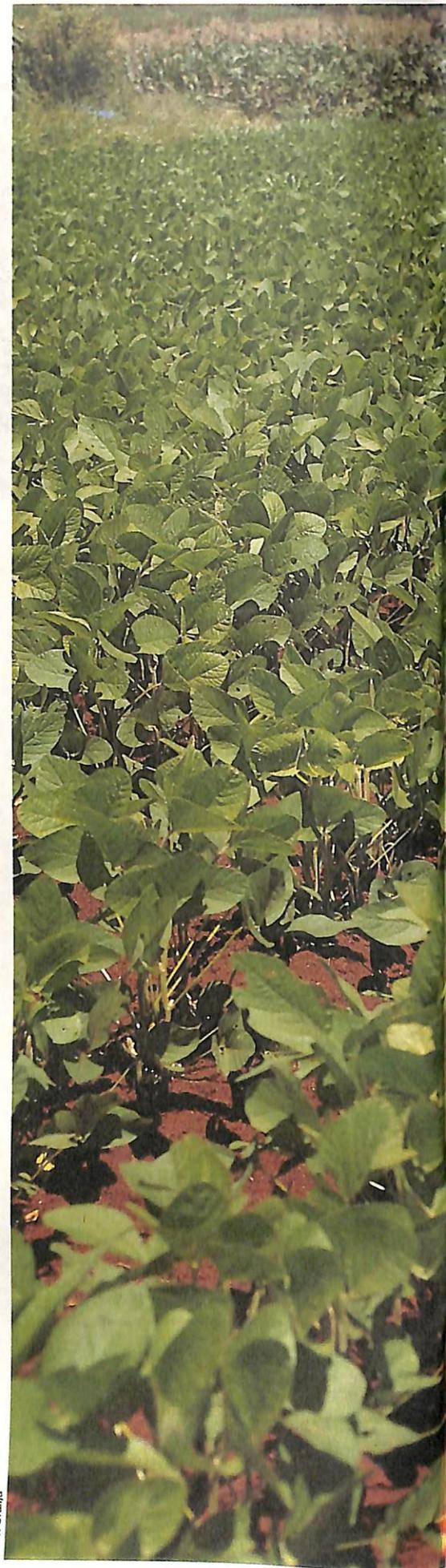
A onda verde da soja, que está invadindo as terras agricultáveis dos principais países produtores, deverá alterar o panorama de mercado da oleaginosa. Para manter os lucros, a palavra de ordem é aumentar a produtividade e comercializar a safra no momento certo

Texto: Carolina Bahia

Quem quer saber do futuro olha para o passado, diz o ditado popular. É isso que os sojicultores brasileiros estão fazendo ao aumentar em 7% a área de plantio, o que significa mais 10.592 hectares. E não é só no Brasil que isso está acontecendo. A área na Argentina vai crescer em 5%, e nos Estados Unidos, em 4%. Tudo em função de dois anos seguidos de bons preços e lucros garantidos. “Algum problema deve acontecer, porque historicamente nunca houve três anos seguidos de boas safras”, arrisca o economista de Safras & Mercado Flávio de França Júnior. Para os agricultores, essas avaliações estatísticas não têm valor, e o que importa são as indicações do mercado. A palavra de ordem é aumentar a produtividade a qualquer preço. Para tal, os produtores têm uma receita diferente,

na busca de fazer das suas lavouras um sucesso em diferentes pontos do País.

França Júnior lembra que a próxima safra de verão encontrará um agricultor capitalizado e disposto a investir. O primeiro indicador é o aumento do uso de tecnologia. De acordo com Safras & Mercado, já no primeiro semestre de 1993 o consumo de fertilizantes colocou-se 18% acima das marcas atingidas de janeiro a julho de 92. As lojas especializadas venderam tratores e defensivos 7% a mais. Isso sem contar a venda adiantada da soja, em torno de 18% em todo o País. Esse investimento tem destino certo: o solo. “Nós faremos um plantio a capricho”, garante o produtor gaúcho Prudent Aernoudts, responsável por 10.500 hectares de soja e milho, cultivados em todo território nacional.





O excesso de seca dificulta o emprego do plantio direto na Região Centro-Oeste

Diferenças — Os Aernoudts mantêm lavouras em Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e Rio Grande do Sul. Naturais da Holanda, e há um quarto de século morando em Panambi, no interior do Rio Grande do Sul, eles aprenderam que cada região tem seus mistérios. Pelo visto, Prudent e os quatro filhos conseguiram decifrá-los. Enquanto que a média gaúcha é de 1.951kg/ha e a mato-grossense, de 2.342kg/ha, a família nunca trabalha abaixo de 2.880kg/ha. “Em primeiro lugar, temos a obrigação de observar as características do solo e adubar. Não economizamos nos insumos”, inicia a lição Aernoudts. Seguindo essa linha, a prática do plantio direto é utilizada na totalidade das terras gaúchas e em apenas 20% em Goiás e 30% no Mato Grosso, onde o excesso de seca dificulta a manutenção da cobertura verde. Também o Grupo Itamarati reconhece as diversidades dos solos do Mato Grosso do Sul e Mato Grosso. No primeiro, apenas 10% funcionam com plantio direto. “O clima não comporta. A decomposição é muito rápida. A gente colhe a aveia e mais tarde planta a soja”, explica Takashi Shida, gerente-administrativo do grupo. Já os vizinhos do norte usam essa prática para garantir a rentabilidade da oleaginosa e do feijão. Cada qual resolve os seus problemas com um só objetivo: manter ou aumentar a produtividade. “A nossa área, no ano passado, era de 12.000 hectares. Aumentamos em 8.000, o que puxa a rentabilidade para baixo, uma vez que plantamos nas chamadas novas fronteiras”, lamenta Takashi.

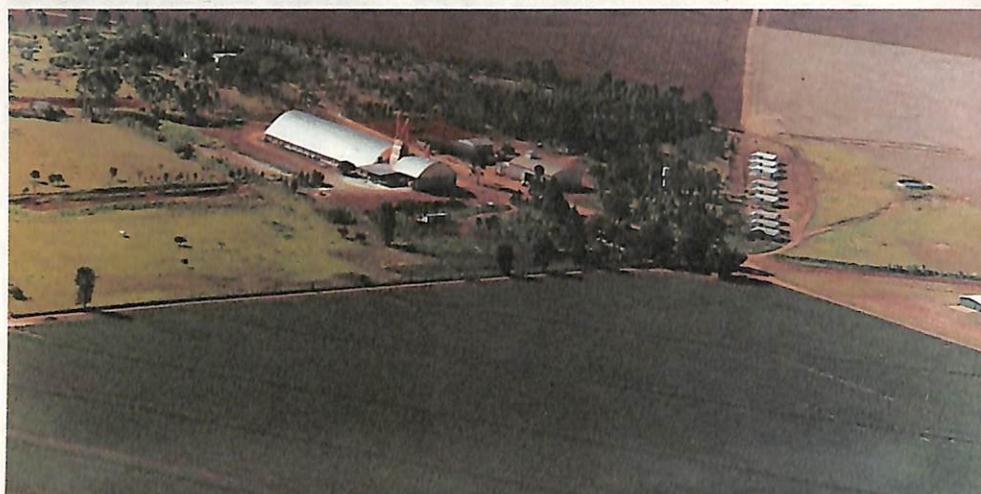
Inimigo — Em novembro, em torno de 85% das lavouras estão plantadas. E é quando a semente já se acomodou no solo, devidamente tratado, que os reais inimigos da planta começam a aparecer, atrapalhando seu desenvolvimento saudável. Lá por janei-

No Brasil, as perdas dentro da propriedade ocasionam um desperdício de 2,3 milhões de toneladas de soja

ro, fevereiro, as lagartas e gafanhotos atacam sem piedade. Mas a tecnologia está adiantada o suficiente e oferece inseticidas químicos. Entretanto o meio ambiente agradece quando são utilizados os produtos biológicos, como o baculovírus, por exemplo, desenvolvido pela Embrapa. A Itamarati Sul reclama de muitos problemas com erva daninhas, o que exige uma fiscalização constante. O cancro, no Rio Grande do Sul, chegou a assustar na safra passada, mas o técnico da Fundacep Luís Tranago, afirma que a rotação de culturas, aos poucos, protegerá a planta contra as fraquezas.

Uma vez tudo resolvido na terra, os olhos dos sojicultores se voltam para o céu. "O clima determina tudo", conclui o engenheiro-agrônomo da Fundacep. Todo o investimento da safra de 91/92 foi literalmente por água abaixo com a enchente, que causou quebra. Todavia se engana quem pensa que não pode, pelo menos, conviver com as variações do tempo. No Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, os produtores plantam mais cedo. Dependendo das chuvas, em outubro algumas lavouras estão prontas, com a utilização de variedades precoces. "Há três anos que temos frustrações por causa do clima. A safrinha intermediária é uma saída", informa o engenheiro-agrônomo da Cooperativa Agropecuária de Ribeirão Preto/SP (Coagri), Márcio Portocarrero. "São Pedro está dando a dica", concorda Ernesto Pedrolo Neto, agrônomo da Cooperativa do Vale do Diamantino (Coopervale), de Palotina/PR.

Perdas — Um dos maiores problemas nacionais é a perda de grãos. Os telejornais diariamente dão notícias sobre produtos estragados nos armazéns do governo. Entretanto, os prejuízos com alimentos como soja e milho começam na propriedade,



Filhos de Prudent: a produção média obtida pela família Aernoudts não baixa de 2.880kg/ha. Em todas as fazendas, há silos para armazenagem da safra

na hora da colheita. Segundo a Embrapa, é aceitável a quebra de um saco por hectare. A média brasileira é de três sacos, contabilizando em torno de 2,3 milhões de toneladas de soja. Afinal de contas, onde está a falha? Está

nas máquinas agrícolas, que precisam tanto de revisão quanto um carro em véspera de viagem. O agrônomo Aureo Lantmann indica que uma colheitadeira com a velocidade do moinete e o tamanho da peneira bem regulados diminui em 10% as falhas.

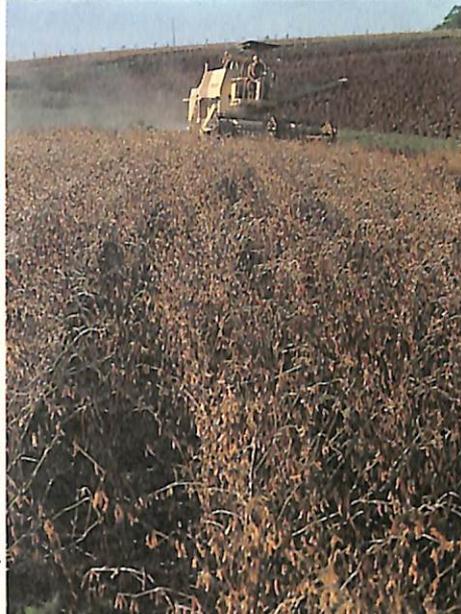
Prudent Aernoudts chama a atenção ainda para as diversidades das geografias dos solos. Como no Sul os terrenos são acidentados, é necessária a utilização de um maior número de colheitadeiras por hectare. Só para ter uma idéia, nas áreas sem relevo do Norte, em 450 hectares

ESTADOS	PRODUÇÃO DE SOJA NO BRASIL						
	SAFRA 92/93				INTENÇÃO DE PLANTIO 93/94*		
	Área plantada 11.000 ha	Área colhida 10.000 ha	Produção (10.000) +	Produtividade kg/ha	Área plantada 11.000 ha	Produção (10.000) +	Produtividade kg/ha
Rio Grande do Sul	3084	3080	6010	1951	3208	6095	1900
Paraná	2100	2080	4870	2341	2247	4898	2180
Mato Grosso	1690	1672	3940	2342	1859	4090	2200
Mato Grosso do Sul	1070	1060	2230	2104	1166	2332	2000
Goiás	980	970	1990	2052	1059	2097	1980
São Paulo	510	500	1050	2100	545	1117	2050
Minas Gerais	520	515	1100	2136	551	1102	2000
Santa Catarina	224	222	425	1914	235	435	1850
Bahia	380	375	590	1573	410	738	1800
Distrito Federal	45	45	90	2000	45	95	2100
Tocantins	15	15	20	1333	20	36	1800
Maranhão	47	44	80	1818	60	102	1700
Rorônia	4	4	9	2250	5	11	2100
BRASIL	10.669	10.592	22.404	2115	11.410	23.148	2029

Fonte: Safras & Mercado (*) Estimativa

trabalha um equipamento; no Sul, uma colheitadeira dá conta de 100 hectares a menos. Além disso, Aernoudts possui silos e armazéns em todas as fazendas, com capacidade para guardar a produção. "Se trabalhamos tanto, é para ter o resultado final garantido", completa. Para quem desconhece a quantidade de grãos perdidos, a Emater fornece o copo que mede os resultados das máquinas.

Ao contrário dos demais Estados, São Paulo sofre com outro tipo de perda. De alguns anos para cá, os grandes usineiros, plantadores de cana-de-açúcar, tomaram conta da maioria das pequenas propriedades rurais. Assim, a área de soja vem cedendo lugar à cana. Preocupada com esse desequilíbrio, a Secretaria de Agricultura criou um programa de manutenção das duas culturas. A Usina da Dedine S/A Agroindústria, de Pirassununga, utiliza o método há oito anos. "Além das vantagens da cana, ainda ganho com a soja, que é um produto de grande liquidez", comemora o gerente agrícola Reinaldo Chitolina.



Perdas na lavoura: para evitá-las, é importante ter o máximo cuidado na hora da colheita

A Embrapa fornece um boletim com os cultivares de soja adequados a cada região do País

Chitolina tem certeza de que descobriu uma verdadeira mina de ouro. E não é para menos. Com esse sistema, 20% do seu canavial, cultivado

em 17.000 hectares, é renovado anualmente. O plano é simples. Em cada safra, 2.500 hectares passam de canavial para lavoura de soja. Depois de colhida, essa oleaginosa deixa 150 quilos de nitrogênio, fora os resíduos dos demais nutrientes. A cana plantada nessa terra com 80 toneladas de matéria seca encontra o solo preparado. Para o produtor, outra vantagem é a economia com adubação. Mas a soja não é encarada só como um fortalecimento para a cultura principal. O rendimento se apresenta acima de 2.820kg/ha, e a unidade de beneficiamento da semente já está em andamento. "O nosso objetivo é produzir semente, e o que não serve vai para a indústria", declara Chitolina.

Semente — De nada adianta tanto cuidado com solo e colheita da soja, se a semente não for de qualidade. Essa é outra preocupação de Chitolina. Dos 132.000 sacos de 40 quilos à disposição, 50.000 são destinados para a semente. "Em outubro, tínhamos vendido tudo. O cuidado com o manejo e o ar natural na secagem resulta

Tolflux

TOLEDO

Sistema de pesagem contínua para materiais transportados a granel

Com capacidade de 5 a 1500 t/h, é a solução adequada para uma série de aplicações que requerem pesagens precisas durante o transporte de materiais a granel. Sólidos ou líquidos, em fluxo livre.

Fabricado com a mais avançada tecnologia, o sistema consiste de uma estrutura metálica de pesagem, um painel de lógica microprocessada e uma impressora para formulário contínuo. Versátil, o Tolflux permite que as indicações de peso, as etapas de operação e os registros sejam facilmente acessados pelo operador. Possui dezesseis totalizadores individuais, que podem ser utilizados simultaneamente, operando tanto no modo de recebimento como em modo de despacho de materiais. Inclui comandos manuais que garantem a continuidade de operação em casos de ajustes e manutenção. As impressões podem ser reconfiguradas e individualizadas de acordo com a aplicação.

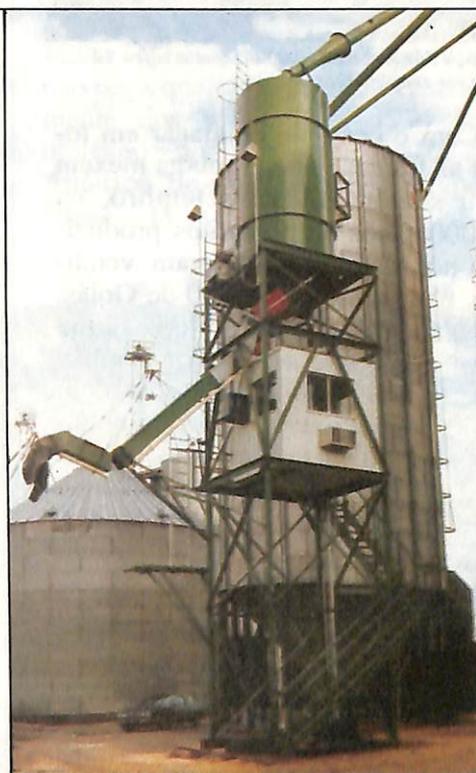
E mais ainda, o Tolflux pode ser interligado a um computador, permitindo programação remota e transferência de dados.

Balanças rodoviárias e rodoferroviárias, que podem ser ligadas em rede, completam com o Tolflux o controle de recebimento, armazenagem e expedição de grãos.



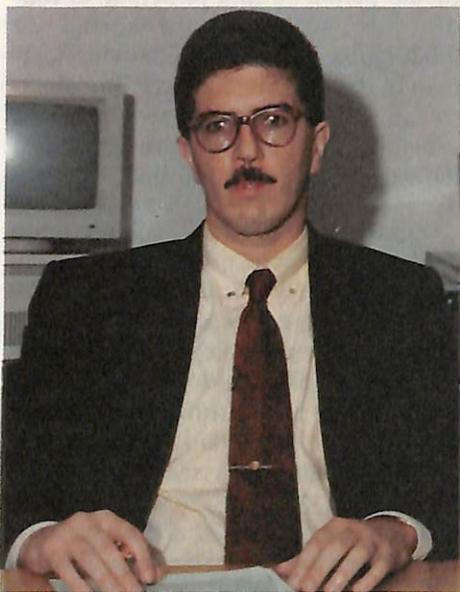
TOLEDO DO BRASIL INDÚSTRIA DE BALANÇAS LTDA.

Rua Galeno de Castro, 730 - CEP 04696-916 - São Paulo - SP - Brasil
Fone (011) 524-3500 - Fax (011) 523-2100 - Telex 11 57770 - TBIB - BR



Aplicações: Pesagens em carga e descarga de navios, vagões e caminhões, em controle de pátios para armazenagem, inventários, estoques, etc.

num produto de primeira linha”, completa. A Itamarati Sul, outra produtora da matéria prima, tem a sua receita própria, para melhorar a adubação e o índice de potássio. Segundo o agrônomo Isaias Altoé, o custo de produção da semente e grão é praticamente o mesmo. Dentro da propriedade, um saco da semente sai em torno de US\$ 14, e o agricultor compra por US\$ 18. “Não abrimos mão da nossa margem de lucro”, declara.



Safras & Mercado

Franca Júnior: o analista diz que a safra 94 deve ser vendida lentamente

Com o costume de atacar em todos as frentes, os Aernoudts mexem com sementes. Em setembro, os 65.000 sacos de 50 quilos produzidos no Mato Grosso foram vendidos, bem como os 20.000 de Goiás. No Rio Grande do Sul, o pique aconteceu em outubro, quando encerraram a comercialização com 50.000 sacos. Nesse caso, os negócios são feitos no escritório em Panambi. Cabe, então, ao sojicultor, a partir de diversos produtos expostos no mercado, escolher o cultivar que mais se adequa às condições climáticas e do solo. A Embrapa fornece esses serviços através de um boletim com os materiais recomendados.

Comercialização — Em março, começam as colheitas. Caso os produtores tenham seguido os passos corretos, as lavouras estarão no ponto e só resta desfrutar dos louros da vitória. Certo? Errado. Aí é que inicia o esforço para transformar pro-

Supersafra agita mercado da soja

A produção mundial de soja provavelmente encerrará o ano agrícola 1992/93 em 115,2 milhões de toneladas, 8,4 milhões acima do período anterior. De acordo com a Embrapa, as exportações devem atingir os 31,18 milhões de toneladas, 11% acima das previsões. Desse total, os Estados Unidos são responsáveis por 20,68 milhões, seguidos de longe pelo Brasil e Argentina, com 4,3 e 3,4 milhões, respectivamente. Os americanos, apesar dos problemas com as lavouras, garantem o título de maiores exportadores de grãos, com a participação de 66% do total. Os dados da Embrapa indicam que as importações serão de 31 milhões, com aumento de demanda por parte da Holanda, Bélgica, Luxemburgo, Japão, Canadá, Indonésia e Malásia. O que compensará com folga a redução das Comunidades dos Estados Independentes (CEI), Portugal e Brasil.

O esmagamento mundial também ficará acima do estimado pela empresa de agropecuária, alcançando a marca dos 95,43 milhões, principalmente em função de maior oferta do Brasil, Argentina e Comunidade Econômica Européia. Em consequência, os estoques finais deverão se elevar de 18,4 para 19,9 milhões de toneladas. A tão comentada queda de 100 mil toneladas americanas serão compensadas pelo acréscimo de 280 mil nos estoques brasileiros, 100 mil nos argentinos e 1,12 milhão nos outros países. Esses números mostram o porquê de tanta agitação ao redor da oleaginosa. Além dos índices positivos em quase todo o mundo, 93 presenteou as safras com preços para lá de satisfatórios. Segundo a Embrapa, os índices ainda estão sendo mantidos pelos especuladores, através da atuação no fundo de commodities da Bolsa de Chicago.

Outro fator mantenedor dos preços tem sido a expectativa de consumo dos países do Leste europeu, principalmente daqueles que faziam parte da antiga União Soviética. Enquanto a soja cresce no mundo,

as outras oleaginosas sofrem uma retaliação de 6% na produção. O analista da Safras & Mercado Flávio de França Júnior avisa que, para o próximo ano, os sojicultores devem estar atentos também ao desenvolvimento das negociações e decisões da Política Agrícola Comum (PAC) da Comunidade Econômica Européia (CEE) e da Rodada Uruguaia do GATT (Acordo Geral das Tarifas e Comércio). Como nenhuma medida concreta foi tomada até o momento, principalmente no que diz respeito à retirada de subsídios à agricultura nos Estados Unidos e CEE, a manutenção de preços a longo prazo não é considerada animadora.

Os técnicos da Embrapa ainda chamam a atenção para a utilização cada vez maior dos produtos de substituição de cereais, conhecidos por PCS, como mandioca, citrus, glúten de milho e as chamadas oleoprotegidas, de que são exemplos a colza, girassol e ervilha, na formulação de ração animal. “O aumento da produção brasileira de soja merece um cuidado especial. O consumo interno é pequeno, uma vez que 76% do total serve para exportação. O excesso de demanda mundial, como os outros fatores, desfavorecem o mercado”, explica o engenheiro-agrônomo Aureo Lantmann.

Por todos esses motivos, mais o “faro fino” de agricultor bem-sucedido, é que o produtor Aernoudts anuncia que, para ele, 94 será o ano do milho. “Quando todo mundo fala mal de uma cultura, eu invisto nela.” Na fazenda do Sul, a área apresentará um incremento de 20% em relação ao ano passado. De 2.000 hectares, 1.350 serão de soja e 650, de milho. O raciocínio é simples. Como todo mundo está apostando na soja, vai faltar a outra cultura para atender às necessidades crescentes do mercado de aves e suínos. Os números de 1993 deverão se repetir, entretanto a grande questão será os preços, em meio a tanta demanda. A não ser que haja quebra de algum grande produtor.

Produção mundial de soja Safra 92/93	
Países	Produção (milhões de t)
Estados Unidos	59,78
Brasil	21,60
Argentina	11,50
China	9,70
Paraguai	1,60
CEE	1,32
Outros	9,70
Total	115,20

Fonte: USDA

duto agrícola em dólares. No momento da comercialização não basta saber o quanto vale uma saca de 60 quilos no mercado interno. Bolsa de Chicago, demanda mundial e local e situação dos países concorrentes são fatores essenciais para uma programação correta das vendas.

O analista França Júnior aconselha que a próxima safra seja vendida aos poucos, em lotes. Como alguns sojicultores venderam boa parte aproveitando os preços de 93, é provável que não precisem de capital imediato. "Essa tranquilidade é muito saudável. Só assim o agricultor escolhe o melhor momento", esclarece. A dica para o próximo ano é sentar em cima das sacas até a entressafra. Essa regra serve para todos os tipos de sojicultores, entretanto com uma grande diferença: o pequeno, para se proteger, não pode agir sozinho e precisa da cooperativa, onde os preços de balcão e negociações diminuem os riscos. Já o grande tem à sua disposição um leque de opções. Ele barganha com indústrias, exportadores, cooperativas e comerciantes.

O sojicultor brasileiro ainda sente-se inseguro para fazer a venda futura

No caso da Itamarati Norte e Sul e das fazendas dos Aernoudts, os clientes-alvo são as indústrias esmagado-



Takashi Shida numa lavoura do Grupo Itamarati: a empresa foi Destaque/93 A Granja do Ano na categoria Produtor de Soja

ras. "Nós vendemos por intermédio de corretores. Alguma coisa até pode ir para o exterior, mas não é a nossa intenção", explica Aernoudts. Como os principais plantadores de todo o mundo estarão incrementando a sua área, o analista prevê que será um ano de preços fracos e, conseqüentemente, haverá um reflexo sobre os valores internos. "Sem desespero de quitar os financiamentos, eles têm que esperar os compradores virem atrás. Chamo uma venda bem feita aquela com antecipação de pelo menos 30%", completa. Aernoudts é um dos que se arrepende de não ter aproveitado os altos preços para vender na futura. Como a maioria dos brasileiros, ele não se sente seguro em fazer negócios a médio e longo prazos, em razão da instabilidade da política econômica. De qualquer for-

ma, ainda sobrou 8% da safra brasileira de 92/93, e 14% da gaúcha. Atualmente, o mercado se encontra em baixa. Os índices melhores são os do Centro-Oeste, onde funciona a velha máxima da economia: oferta menor que demanda resulta em alavancagem de valores.

O tempo é o melhor professor, e os sojicultores brasileiros acabaram aprendendo com ele e com os técnicos da Emater. A Coagri confirma que há uma imensa sede de informação, e a Fundacep fornece aos produtores toda a sorte de dados para o incremento da rentabilidade. França Júnior, mesmo com certas ressalvas, não nega que, se depender exclusivamente dos sojicultores, 1994 será marcado por uma supersafra na América do Sul, encabeçada pelo Brasil. ■

MAIS CARNE - MAIS LEITE - MAIS LÃ, DURANTE A SECA



SUPLEMENTO MINERAL
AMINO-NITROGENADO:

- MICROELEMENTOS
- FÓSFORO - CÁLCIO
- NITROGÊNIO ALIMENTAR
- AMINOÁCIDOS

SUPERFOS
AM·2

PRODUZIR
QUALIDADE
É ARTE
DE POUCOS !



UM AVANÇO DA SIVAM NA TECNOLOGIA ALIMENTAR DO FUTURO

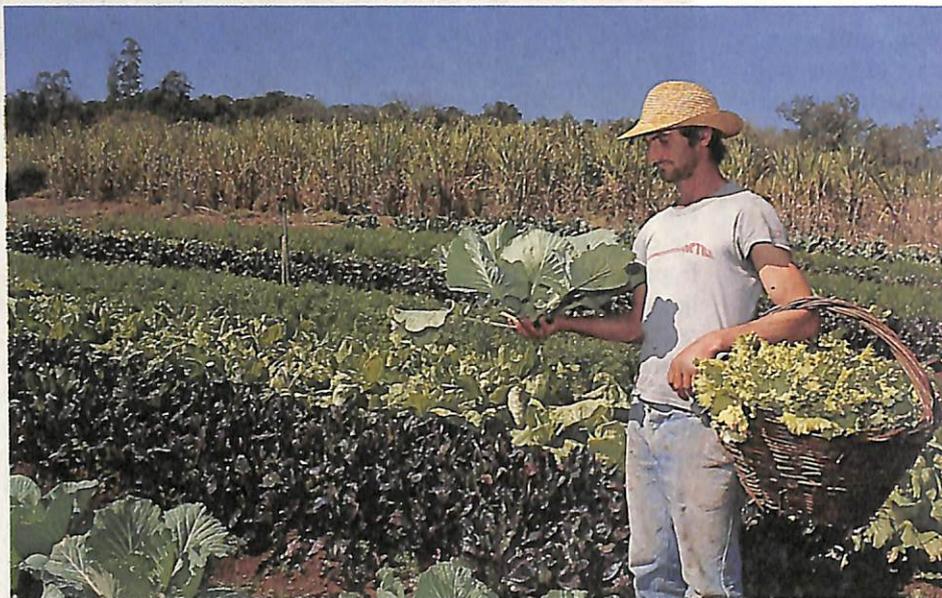
SÃO PAULO : R. da Consolação, 57 - 5º Andar - Cep 01301-000 - C. Postal 9054 - Tel.: 231-4100 (PBX) - Fax: (011) 231-4798
PORTO ALEGRE : Rua Dona Margarida, 1211 - Cep 90240-611 - C. Postal 2521 - Tels.: 343-1544 / 343-1050 - Fax: (051) 343-1544

Semente peletizada viabiliza horticultura

Os produtores de hortaliças não terão mais com que se preocupar quanto ao desperdício de sementes na fase de plantio. Quem oferece essa garantia é o Centro Nacional de Pesquisa de Hortaliças (CNPH), da Embrapa/DF, que vem colocando à disposição do agricultor sementes peletizadas. A técnica consiste em revestir as sementes com um material sólido e seco, modificando o formato e o tamanho, para facilitar a semeadura, já que muitas são menores do que um grão de areia.

Entre as vantagens a destacar, estão uma melhor distribuição de sementes; maior facilidade para o plantio mecanizado, pois inexistem riscos das sementes grudarem umas nas outras; e redução da quantidade normalmente empregada na implantação da lavoura. Neste último item, o pesquisador João Bosco Carvalho, do CNPH, faz uma comparação com as sementes de cenoura, onde o produtor, em geral, coloca entre seis e sete quilos por hectare. "Com 600g de sementes peletizadas, ele planta a mesma área", garante.

Para Carvalho, o gasto excessivo das sementes não-peletizadas decorre, muitas vezes, das características de algumas espécies — pequenas, com aristas, pêlos e formatos irregulares — dificultando a distribuição no momento de semear. O revestimento com *pelets* torna a superfície lisa e pode dar outra forma, o que facilita o trabalho. Assim, conforme explica o pesquisador, é possível mecanizar a lavoura em determinadas espécies, tradicionalmente cultivadas por transplantio, caso do tomate, cebola, alface e pimentão.



Horta produtiva: a peletização reduz custos de implantação e favorece o pleno desenvolvimento das plantas

Embora no Brasil haja disponibilidade de sementes peletizadas, o preço é elevado e pouco acessível aos produtores. As companhias que comercializam o produto importam diretamente da Holanda e Estados Unidos, ou mesmo enviam as sementes daqui para serem peletizadas lá fora. Carvalho assegura que os detentores da sistemática não a divulgam, limitando a produção e, conseqüentemente, elevando os custos. "Queremos popularizar a tecnologia, para colocar à disposição dos produtores sementes mais baratas."

Jeitinho para reduzir custos — Os estudos sobre peletização desenvolvidos pelo Centro Nacional de Pesquisa de Hortaliças começaram no ano passado, e, nos primeiros testes, ficou comprovada a viabilidade da produção de sementes. Para tanto, os estudiosos empregaram ingredientes nacionais de baixo custo, tais como argila, calcário, fosfato natural e gesso. Segundo o pesquisador João Carvalho, novos materiais são testados, principalmente para eliminar possíveis interferências do *pelet* no período de germinação. A partir daí, não há qualquer diferença entre uma planta vinda de semente peletizada ou de comum. "Estamos estudando, ainda,

outras técnicas, como o uso agregado de agrotóxicos, hormônios e nutrientes."

Em relação à incorporação de nutrientes, o sentido é dotar a semente de minerais, glicose e aminoácidos, explica Carvalho. Alguns produtores de tomate industrial são obrigados a refazer o plantio em grandes áreas, devido à deficiência de fósforo na primeira etapa de crescimento. Já a semente peletizada dotada de nutrientes pode as-

segurar o suprimento das necessidades da planta.

Por outro lado, no que diz respeito à aplicação de químicos na peletização, como os agrotóxicos, o pesquisador afirma que é durante a fase inicial de crescimento que as plantas são mais suscetíveis às doenças, cujo controle é executado com tratamento preventivo, através de materiais aplicados no sulco do plantio ou na semente. Para evitar problemas de intoxicação, a camada de *pelet* contendo o produto químico é coberta por outras camadas, eliminando o contato manual do produtor com os materiais nocivos, sendo possível até modificar-se a dosagem em função da aderência à superfície da semente.

O CNPH presta atendimento aos interessados, que poderão adquirir as sementes nuas no mercado e solicitar a peletização. Inicialmente, elas passarão por um teste de germinação, para evitar que sejam tratados produtos de baixa qualidade. Esse processo é recomendado, em especial, no caso de cenoura, alface, beterraba e tomate para indústria. As gramíneas e flores ornamentais também podem utilizá-lo.

Máquinas para colher milho



eficiência comprovada
há mais
de 30 anos.



COLHEITADEIRA DE ESPIGAS DE MILHO

GEM JH/SV

A mais nova e perfeita Colheitadeira de espigas de milho VERDE para industrialização ou consumo in-natura. Colhe com proteção total das espigas e aproveita totalmente os grãos. Colhe também espigas de milho secas para estocagem ou para posterior

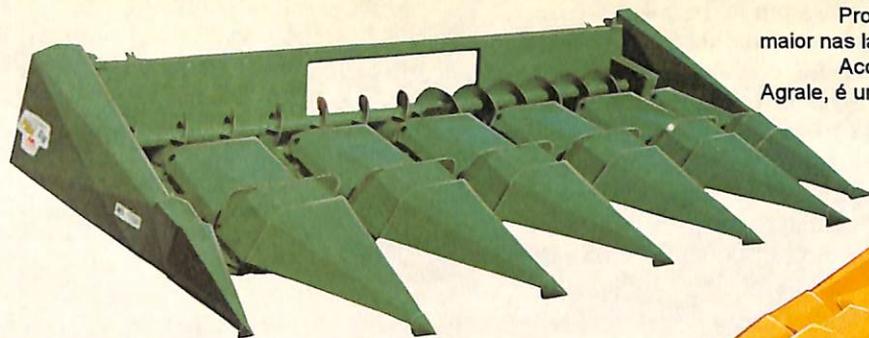
debulha. Esta máquina é também a grande aliada dos produtores de milho para sementes básicas ou comerciais.

Regulável na altura a 0,85 m, a meia altura e rente ao solo, colhe em lavouras de diversas condições.

A distância entre as linhas é regulável de 0,75 a 1,00 m.

Produtividade, 6 a 12 toneladas/hora, com rendimento maior nas lavouras em melhor estado.

Acoplável a tratores Ford, Massey Ferguson, Valmet e Agrale, é um equipamento muito versátil e de fácil manejo.



PLATAFORMAS COLHEITADEIRAS

PEM M/S



Vigorosas, com o mecanismo das unidades colhedoras extremamente aperfeiçoado, asseguram uma colheita completa e com alto rendimento.

Disponíveis em modelos para 2, 3 e 4 linhas, com distâncias entre as linhas reguláveis de 0,80 a 1,00 m.

Os modelos para 5, 6 ou mais linhas, são os únicos fabricados no Brasil com regulagem para 0,60 a 0,70 m. de distância entre as linhas, ou conforme as especificações do usuário.

Acopláveis as Colheitadeiras automotrizes Ford-New Holland, Massey Ferguson, John Deere, Maxion, Lavrale, SLC, Ideal e outras.

INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE MÁQUINAS AGRÍCOLAS MANTOVANI LTDA.

Rua João Pessoa, 392 - Ituverava - SP - Brasil
Cx. Postal, 108 - CEP 14500/000

Telefones: (016) 729.2722, 729-2039, 729.2150 - FAX (016) 729.2648
Telex (16) 5114 MAMV - BR End. Telegráfico "MANTOVANI"

Quarto de milha: versátil nas provas

Surgida há mais de três séculos no Oeste norte-americano, a raça quarto de milha movimentada, hoje, montanhas de dólares por todo o mundo. No Brasil, além de esquentar as pistas dos leilões e encantar o público, é uma verdadeira indústria, geradora de milhares de empregos

Se a indústria brasileira de cavalos pudesse ser vista em todos os detalhes, sem dúvida poderia constituir máquina poderosa em seu conjunto, com patrimônio líquido e oferta de empregos maiores do que a indústria automobilística. Essas considerações são de Ovídio Vieira Ferreira, presidente da Associação Brasileira de Criadores de Cavalos Quarto de Milha (ABQM).

Segundo ele, só a raça quarto de milha é composta por mais de 26 mil criadores, espalhados desde São João das Balizas, em Roraima, até Santana do Livramento, no Rio Grande do Sul. "Esses 26 mil criadores investem onde o País mais precisa: no campo. Oferecem aproximadamente 150 mil empregos diretos, 10 mil casas para empregados, além de criar mais de 100 mil empregos indiretos", declara o presidente da ABQM.

Esses empregos indiretos a que o presidente se refere são compostos por zootecnistas, veterinários, técnicos de laboratórios, indústria de ração, indústria farmacêutica e suas distribuidoras, fabricantes de equipamentos em geral, ferradores, seleiros, agrônomos, balconistas do varejo especializado, além de pedreiros, carpinteiros e jardineiros.

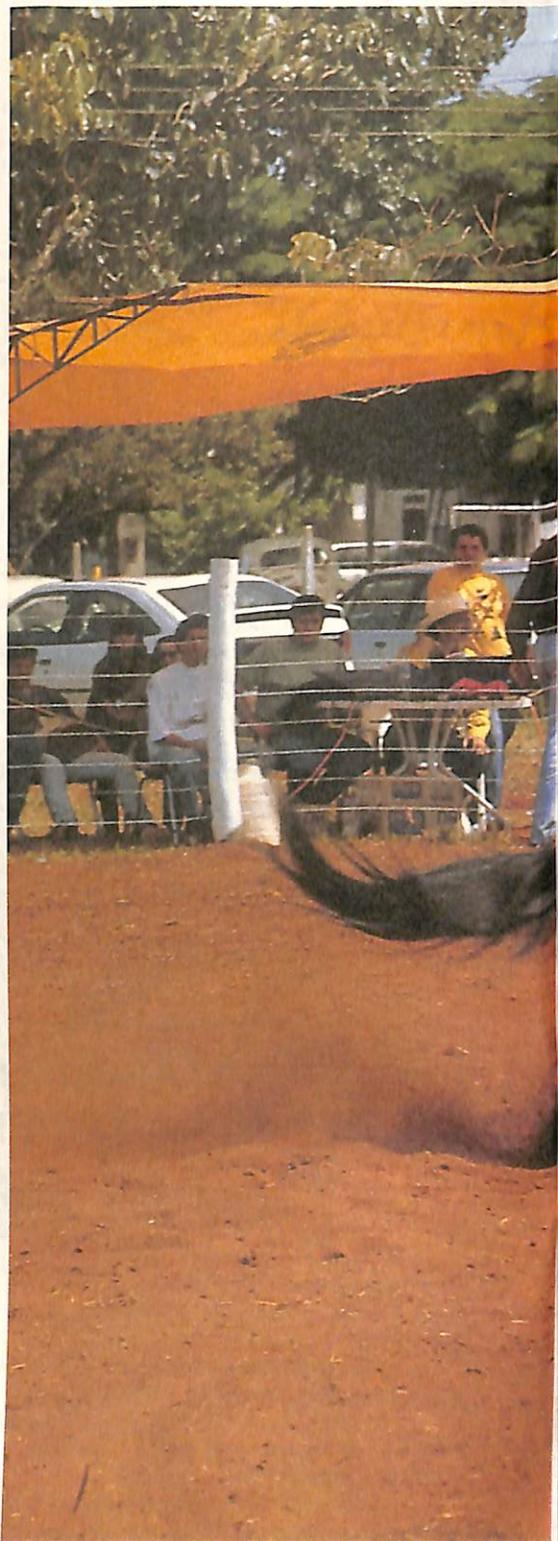
A raça nos esportes — A raça QM está muito ligada aos esportes, participando de provas de conformação, laço em dupla, laço de bezerro,

cinco tambores, três tambores, seis balizas, maneabilidade e velocidade, western pleasure, rédeas, apartação, salto, corridas e vaquejada, esporte muito popular no Nordeste. Por participar de todas essas modalidades, ganhou o pomposo nome de cavalo mais versátil do mundo.

O quarto de milha também é um animal de extrema velocidade em distâncias curtas, tendo linhagens especializadas nessa finalidade. A procura de animais de corrida é expressiva, porque "existem pencas em todos os Estados do Brasil, onde são disputadas corridas a peso de ouro. Se um criador não conseguir vencer com seu cavalo, busca, imediatamente, outro para substituí-lo, proporcionando uma procura cada vez maior dessa linhagem", afirma Nelson Fakry, titular do Rancho das Américas, criatório que todos os anos realiza no mês de maio, em Porto Feliz/SP, um dos maiores leilões da linhagem de corridas.

Ouro para os campeões — Mas a procura por essa linhagem tem outros motivos, sendo um deles a criação do Quarter Horse Golden Club, fundado em outubro de 1991, em Sorocaba/SP, que oferece prêmios milionários aos vencedores dos páreos. A premiação deste ano chegou a 12 quilos de ouro, além de US\$ 30 mil.

"O mercado de cavalos de corrida QM se manteve com bons preços, em virtude dos prêmios oferecidos pelo



e moeda forte nos leilões



No Campeonato Nacional e Potro do Futuro/93, trezentas crianças participaram das provas

Jockey Club de Sorocaba, principalmente os do Quarter Horse Golden Club”, observa Wellington Germano de Queiroz, presidente do Jockey Club de Sorocaba. Além desse hipódromo, existem outros oficiais, como em Carazinho/RS, Itapetininga/SP, Ribeirão Preto/SP, Campo Grande/MS, Salvador/BA, Fortaleza/CE, entre outros.

Recorde de inscrições — Se a procura por animais de corrida está acentuada, os cavalos na linhagem de trabalho e conformação não ficam atrás. No último Campeonato Nacional e Potro do Futuro, ocorrido no mês de julho, em Bauru/SP, reuniu 1.600 inscrições, e foram ofertados mais de CR\$ 5 milhões em prêmios, atraindo cerca de 2 mil criadores de todos os Estados, para participarem das provas de Conformação, Laço em Dupla, Laço de Bezerra, Cinco e Três Tambores, Seis Balizas, Maneabilidade e Velocidade, Western Pleasure, Rédeas e Apartação. Entre essas inscrições, mais de 300 eram de crianças, garantindo o futuro da raça. Segundo o presidente da ABQM, Ovídio Vieira Ferreira, “o número de inscrições foi recorde absoluto de toda nossa história”. Uma das novidades do evento, diz Ferreira, foi a participação dos gaúchos nas provas de Laço Comprido, que com seus lenços vermelhos e bombachas deram um show de técnica e habilidade.

Terra do Zebu comanda a apartação — Um esporte que também vem crescendo nos últimos anos é a apartação, tendo grande desenvolvimento na cidade de Uberaba em Minas Gerais, com o Circuito Guanacaste e Super Stakes, fruto de uma iniciativa conjunta da Associação Nacional do Cavalo de Apartação (Anca) e do Rancho Guanacaste, de propriedade de Paul Matheson, que investiu US\$ 3 milhões no conjunto de infra-estrutura hípica, voltado especificamente para apartação, esporte que movimenta US\$ 1 bilhão anualmente nos Estados Unidos.

“O alto nível técnico demonstrado durante as etapas tem atraído novos adeptos para a apartação”, constata Mário Torres, presidente da Anca. Ela surgiu no Oeste norte-americano no



Corridas: QH Golden Club oferece ouro aos campeões

final do século passado, e é o esporte hípico que mais exige do cavalo, que deve ser extremamente inteligente, com muito “senso de gado”. “Na prova, o cavaleiro tem dois minutos e meio para mostrar seu cavalo, que deve entrar em um grupo de reses, apartar uma delas e, sem o auxílio das rédeas, impedir que retorne ao rebanho”, ensina Luciano Borges Ribeiro, titular do Rancho da Matinha e um dos principais criadores dessa linhagem.

Forró e vaquejada — O boi é bravo. O peão é macho. Juntos fazem a festa da Vaquejada, esporte muito popular no Nordeste. No Parque Maria da Luz, em Campina Grande/PB, todo o ano cerca de 80 mil pessoas divertem-se, embaladas ao som de muita música, forró e cachaça, da pura. Esse esporte, autenticamente nordestino, passa de pai para filho. Teve início há vários anos, quando os proprietários de fazendas ordenavam aos vaqueiros que separassem o gado destinados à

venda. O acontecimento sempre se transformava numa disputa entre o homem e o animal e entre os peões.

A tradição da peleja entre o homem e o animal continua, só que agora dentro de limites determinados. A extensão da pista é de 140 metros, mas o boi só pode ser derrubado entre os 90 e 105 metros, sendo que o primeiro boi vale 8 pontos, o segundo, 9, e o terceiro, 10. A Vaquejada acontece durante três dias, mas os pontos só são contados a partir do segundo dia. Todas as classes sociais participam das competições, do peão ao empresário. “Quando começa o forró, inicia a Vaquejada, durando três dias e três noites, sem parar”, explica Pedro Freire, um dos principais criadores de cavalos para esse fim. Nessa festa, são oferecidos aos campeões cerca de CR\$ 1 milhão e três carros zero quilômetro, pelos organizadores do evento.

“Um bom cavalo meio-sangue para vaquejada custa aproximadamente US\$ 10 mil, calcula Freire.

Com toda essa versatilidade comprovada, nos principais leilões da raça quarto de milha são vendidos por ano mais de dois mil animais, proporcionando uma receita superior a US\$ 5 milhões, conforme estatísticas da Associação Brasileira de Criadores de Quarto de Milha, que possui mais de 200 mil animais, entre puros, mestiços e cruzados, registrados em seu Stud Book, espalhados por todo o País.

Os dois próximos grandes eventos da raça serão o Leilão Oficial, de 11 a 14 de março, e o IV Congresso Brasileiro Quarto de Milha, de 21 a 24 de abril, marcados para o próximo ano, com local a ser definido.



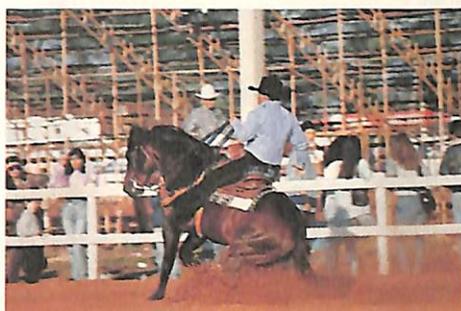
Balizas: prova contra o relógio, que sempre arranca aplausos da torcida

Provas do QM no Brasil



Western Pleasure: a prova mostra toda elegância

Western Pleasure — É a prova que consiste no prazer de cavalgar. O conforto e a comodidade do cavaleiro são analisados nos vários seguimentos do andar do cavalo, de acordo com as mudanças solicitadas por um juiz.



Rédeas: uma das provas mais técnicas

Rédea — Analisa o comportamento do cavalo, no percurso de um circuito.

Três Tambores — O cavaleiro deve contornar três tambores dispostos simetricamente, partindo e chegando em um mesmo ponto. O vencedor será aquele que fizer o percurso em menor tempo.

Cinco Tambores — Trata-se de uma peleja contra o relógio, mas que avalia, além da velocidade, a resistência e o adestramento. O competidor parte de um ponto, contorna cada um dos cinco tambores e vai até a linha de chegada. A fase de classificação é feita através dos tempos obtidos individualmente e, numa segunda fase, os disputantes vão se classificando através de duplas. O vencedor de cada dupla permanece na disputa até o final, sendo aclamado vencedor aquele competidor que chegar na frente.

Seis Balizas — É uma prova de precisão contra o cronômetro. O competidor parte de um ponto, contorna duas vezes seis balizas simétricas e atinge a linha de chegada. Considera-se vencedor o competidor que completar o percurso em menor tempo.



Laço de Bezerro: o cavaleiro tem que imobilizar o bezerro nas três patas

Laço de Bezerro — Consiste em um cavaleiro laçar um bezerro de aproximadamente quarenta dias e imobilizá-lo por três pés, com velocidade cronometrada.

Laço em Dupla — Aqui são avaliadas a habilidade e a velocidade de uma dupla de cavaleiros em laçar uma rês. O primeiro laça a cabeça, e o segundo os pés. A dupla vencedora será aquela que fizer o trabalho em menor tempo.



Apartação: nesta prova o cavalo deve demonstrar "senso de gado"

Apartação — Aqui é imitada a lida com o gado no campo, ou seja, o conjunto participante (cavaleiro e cavalo) tem que trabalhar uma rês, retirando-a do rebanho, causando o menor distúrbio ao lote e com menor participação do cavaleiro. Também avalia-se o "senso de gado" do cavalo.

Maneabilidade e Velocidade — Vários obstáculos são colocados em um circuito, para serem suplantados pelos participantes, e o vencedor é aquele que percorrer todo o trajeto em menor tempo.

Conformação — Aqui é analisado o aspecto exterior do animal, de acordo com o padrão estabelecido para a raça. As categorias são divididas por faixa etária e sexo, sendo que cada evento aclama, dentre os animais premiados, o grande campeão e reservado campeão, e a grande campeã e reservada campeã. 🐾

CLOSANTEL

INJETÁVEL 7,5%

LANÇAMENTO

Endo e ectoparasiticida para ovinos

INDICAÇÕES

Eficaz contra infestações por nematódeos gastrintestinais como HAEMONCHUS sp., TRICHOSTRONGYLUS sp., OESOPHAGOSTOMUM SPP., e trematódeos como FASCIOLA HEPÁTICA. Atua controlando infestações causadas por ectoparasitas como DERMATOBIA HOMINIS (beme), piolhos hematofagos e miíases (bicheiras).



INSTRUÇÕES DE USO: Aplicar 1 ml/30kg de peso vivo, por via subcutânea.



CIQUISA FARMACÊUTICA LTDA.

Rua Conselheiro Travassos, 629
Porto Alegre - RS
Fone: (051) 222-8042 ou 222-6159
Fax: (051) 222-4740

Multi OPERACIONAL FUNDISA



MÚLTIPLAS FUNÇÕES QUE FACILITAM O SEU TRABALHO

Uma máquina moderna, compacta e versátil, que desempenha funções de lixadeira, furadeira, esmeril, plaina, desempenadeira, serra circular e tupia

FUNDISA

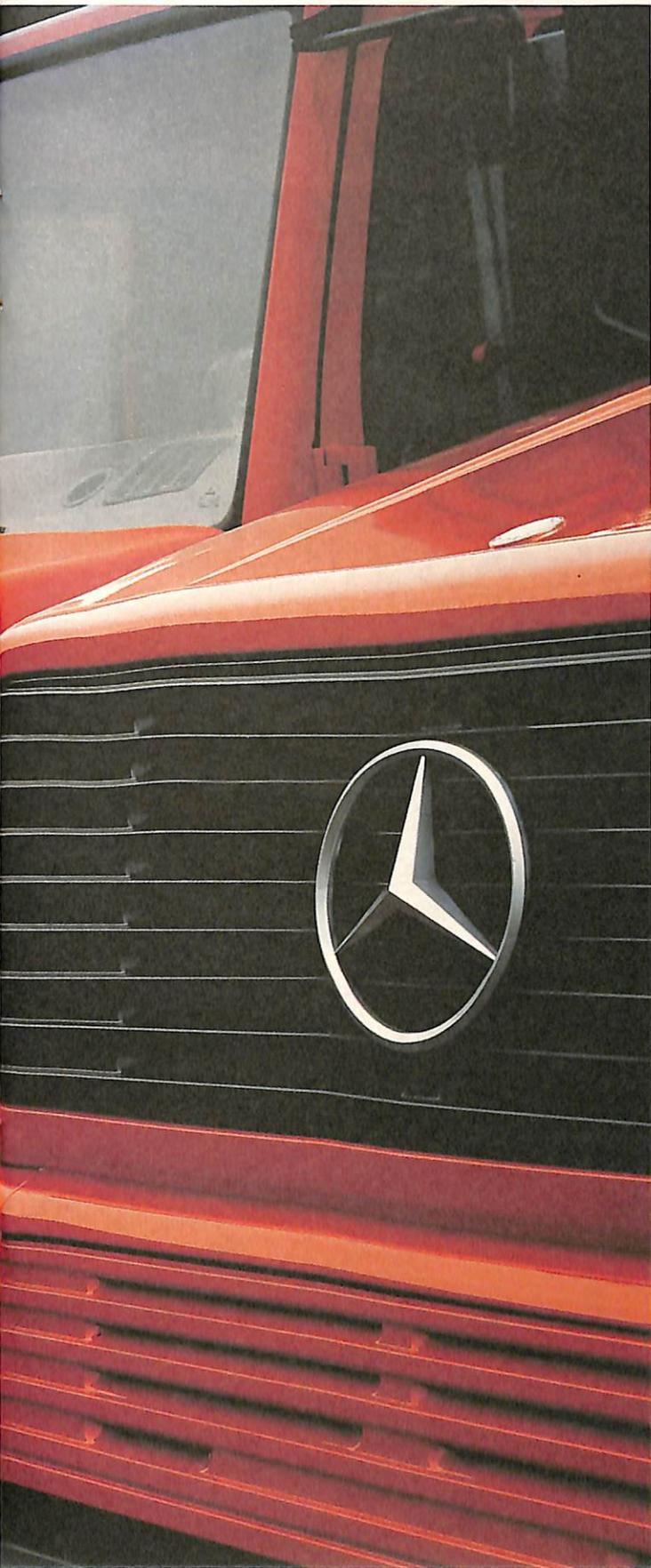
FUNDISA - Fundação Santa Rosa Ltda.
Av. Tuparendi, 588 - Cx. Postal 106
Tel: (055) 512-1994 e FAX 055 512-4335
CEP 98900 - 000 - SANTA ROSA - RS

Qualidade tem seu Na hora de comprar e na ho

A qualidade do meio ambiente é respeitada pela tecnologia Mercedes-Benz. Estes veículos estão em conformidade com o PROCONVE.



preço. ra de vender.



A qualidade que valoriza um caminhão Mercedes-Benz na hora da compra é a mesma que o valoriza na hora da venda.

Durante sua vida útil, um caminhão Mercedes-Benz proporciona maior economia e maior rentabilidade global, assegurando o valor tradicional de revenda de mercado.



Certeza de um bom negócio.

Opções de modelos para opções de negócios.

A Mercedes-Benz produz caminhões para as mais exigentes solicitações de transporte. Nas categorias leves, médios, semipesados, pesados e extrapesados, você encontra um caminhão com a configuração na medida exata para atender suas necessidades.



Motores desenvolvidos com a máxima tecnologia.

Torque valente.

Os motores que equipam a linha de caminhões Mercedes-Benz foram desenvolvidos com a máxima tecnologia para garantir grande performance. Aspirados, turboalimentados ou com turbocooler, os motores Mercedes-Benz asseguram, em estradas e áreas urbanas, maior agilidade, com torque elevado em qualquer rotação,



São mais de 340 pontos de atendimento pelo Brasil.

com grande desempenho e baixo consumo específico de combustível.

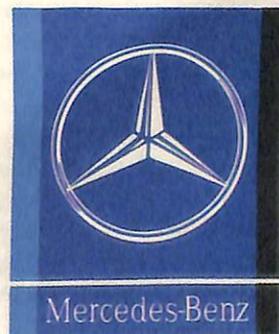
Serviço de primeira.

Os caminhões Mercedes-Benz contam com a assistência da maior rede de concessionários especializados em veículos comerciais do País. Para sua tranquilidade, o concessionário Mercedes-Benz oferece serviço ágil, executado por mão-de-obra altamente treinada e completo estoque de peças genuínas para imediata reposição. Toda a assistência técnica é feita seguindo estritamente as orientações de fábrica.

Mercedes-Benz. A marca da qualidade em caminhões. Comprando ou vendendo, o seu investimento está garantido.

Vá conferir no seu concessionário Mercedes-Benz e aproveite para conhecer as facilidades de compra para o seu caminhão e o plano de consórcio em 100 meses.

O caminhão que dá resultado.



O olhar do dono que, de fato, render mais

Juiz da ABCZ diz que 18 milhões de vacas deveriam ir para o frigorífico porque são subfêrteis. Elas ocupam lugar de animais produtivos, que poderiam aumentar em 30% a taxa de desfrute do rebanho nacional. Porém, há técnicas de observação visual que, em menos de 40 segundos, possibilitam localizar uma vaca que dá prejuízo

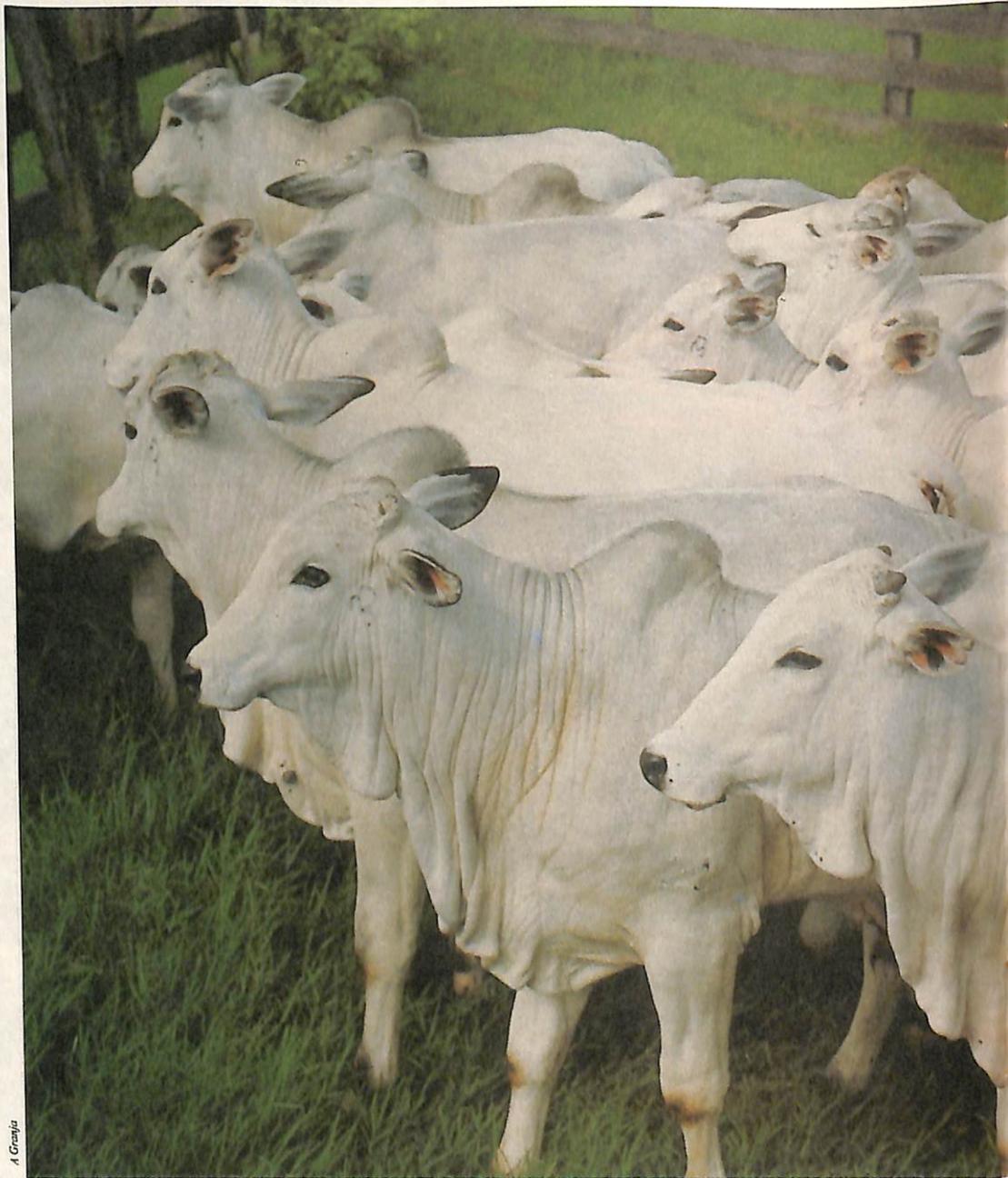
Texto: Antônio José do Carmo

Selecionar animais ruins e bons. Separar o joio do trigo. Parece simples, mas a pecuária de corte nacional está tendo um prejuízo de 30% com a criação de gado de corte porque não sabe fazer isso direito.

O maior prejuízo vem da criação de fêmeas, com o baixo índice de fertilidade do rebanho. Uma vaca precisa parir pelo menos um bezerro por ano, do contrário sua permanência no pasto será antieconômica e ineficiente.

O agrônomo, fazendeiro e pesquisador Ubaldo Olea, 60 anos, é o mais respeitado discípulo de Jan C. Bonsma, um africano que ficou famoso no mundo pela sua capacidade de selecionar animais com base em detalhes e sinais externos do corpo.

A técnica desenvolvida por ele e aprovada em várias teses internacionais de doutorado tem por finalidade agilizar o trabalho do fazendeiro na escolha das melhores fêmeas reprodu-

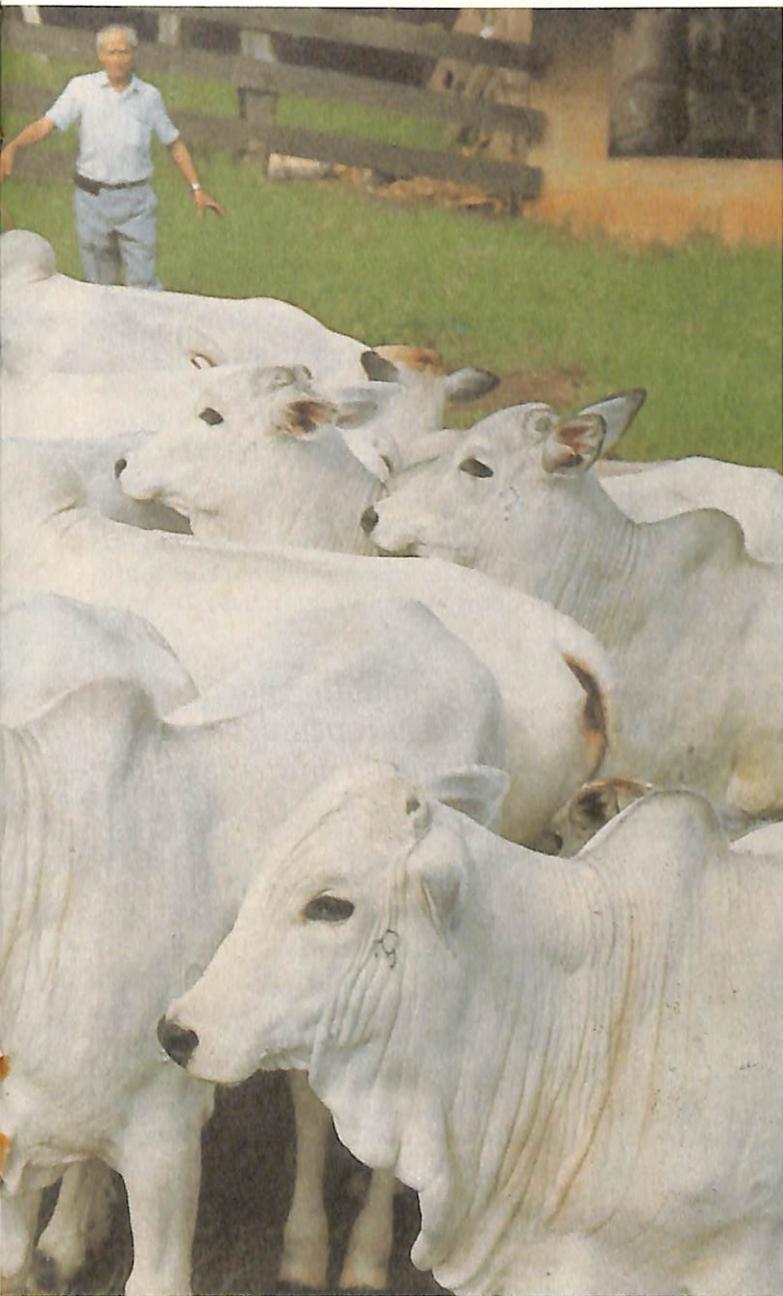


toras. Os machos também podem ser avaliados por esse método, porém são em menor quantidade, principalmente com a popularização da inseminação artificial.

Com a técnica de Bonsma, assimilada e aprimorada há 10 anos, Ubaldo

Olea senta-se numa cadeira perto da porteira e manda o peão passar a vacada. Em menos de 30 segundos de observação de cada uma, ele é capaz de analisar se está ou não com tendência a se tornar subfêrtil ou até mesmo estéril.

faz a boiada



“Apenas 5% dos criadores de zebu se preocupam com a seleção criteriosa do rebanho”

Jan C. Bonsma, que morreu faz dois anos, observou mais de 150 mil vacas, para confirmar suas teorias.

Criou inclusive uma raça com altíssima fertilidade e consagrou os países tropicais como os mais indicados para a criação do gado zebu. Os hormônios da hipófise, nesses animais, são liberados com maior abundância durante o verão, quando o capim fica verde e as fêmeas recomeçam a ganhar peso.

Olea é dono de 800 vacas em Santo Anastácio, região de Presidente Prudente, no interior de São Paulo. A cada dois meses, ele faz uma observação no desenvolvimento físico das mais jovens. Segundo o agrônomo, das 60 milhões de vacas em criação na pecuária de corte nacional, pelo menos 18 milhões poderiam ir diretamente para o frigorífico porque são subfêrteis e estão dando prejuízos aos criadores. Pior que as “maninhas” (estêreis de nascimento), facilmente reconhecidas, as subfêr-

teis enganam os pecuaristas, apresentando prenhez com longos intervalos ou abortando durante a gestação. Algumas dão duas crias, depois param. Outras ficam prenhes em intervalos de dois ou três anos.

Nelore — O gado zebu representa mais de 95% do rebanho de corte no Brasil. Os nelores são os preferidos. E foi com essa raça que se desenvolveram as técnicas de análise exterior da subfertilidade bovina.

A palestra que Olea profere em todo o País, a convite dos sindicatos rurais, começa com uma pirâmide de estratificação da pecuária de corte no Brasil. Segundo ele, apenas 5% dos criadores de zebu se preocupam com a seleção criteriosa do rebanho. Outros 25% compram desse grupo e fazem um seleção menos rigorosa, e os 70% restantes criam vacadas sem registro e sem controle de produtividade.

O ideal seria fazer uma ficha de cada animal, onde constassem dados como idade, peso ao parir, peso do bezerro e pelagem. Para Olea, as vacas subfêrteis estão em todas as faixas da criação. Mesmo as fazendas consideradas modelos podem estar valorizando demais vacas e touros nessas condições, por falta de observação.

A fertilidade nos machos também pode ser analisada pelo comportamento no pasto. Se o animal está sempre cabisbaixo, não é bom. O ideal é que apresente o pescoço e a cabeça para cima, ao se aproximar de uma fêmea. O “bom” de libido fica saliente, irrequieto, com as orelhas mexendo para todo o lado.

Bons reprodutores, no conceito de Ubaldo, têm pelagem escura nas patas. As patas traseiras não são retas, como pernas de frangos, mas fechadas no ângulo dos jarretes (joelhos traseiros). Dessa forma, se posicionam melhor na hora da monta. A libido se manifesta ainda na coloração dos pêlos que revestem a saída do pênis. Quanto mais escuros, maior capacidade de produzir sêmen. Em algumas exposições, essa avaliação é prejudicada porque os fazendeiros costumam cortar esses pêlos.

Fértil — A fertilidade tem quase tudo a ver com o meio ambiente. O gado zebu se adaptou com perfeição ao clima tropical. Suas glândulas endócrinas produzem maior quantidade de hormônios sexuais e de crescimento durante o verão.

Mas esse potencial genético sofre alterações por causa da interferência do homem ou da natureza. Cada 300

metros a menos numa altitude implicam mais 1,5 graus centígrados de calor na média anual da temperatura. Por isso se diz que, no interior de São Paulo, a região de Araçatuba é a melhor para criação de gado zebu. São aproximadamente 2 milhões de hectares e menos de 350 metros de altitude em relação ao nível do mar.

As pesquisas de Bonsma concluíram que o exterior dos animais, a começar pela pelagem, comunica sobre o que ocorre em seu interior. Pêlos sedosos, finos, demonstram boa nutrição. “Hormônios”, diz Olea, “são substâncias ativas formadoras de células e que passam pela corrente sanguínea, provocando várias transformações nos animais”.

A primavera é o período de queda dos pêlos. A pouca intensidade de luz e o frio reduzem a produção dos hormônios sexuais da hipófise, que agem diretamente sobre os pêlos. A queda começa de baixo para cima e, no verão, eles se apresentam como novos, sedosos e lisos.

A fertilidade das vacas zebuínas é manifestada geralmente após 200 milímetros de chuva, quando o capim já se recuperou do inverno.

A observação, para definir quais são as melhores fêmeas reprodutoras, deve começar aos 30 dias de nascimento, com a pesagem de todos os animais. Aos 60 dias, é possível fazer a primeira avaliação. Nas fêmeas, se verifica o equilíbrio da constituição óssea. A traseira deve ser mais pesada que o dianteiro. A feminilidade manifesta-se no pescoço, que, ao contrário

Bonsma, o bruxo da seleção

As teorias do africano Jan C. Bonsma se baseiam principalmente na análise de interação ecológica entre o gado e o meio ambiente. Alimentação, clima, altitude, intensidade de luz e manejo provocam reações imediatas nos animais. Detalhes simples exteriorizados no físico do gado foram reconhecidos internacionalmente como demonstradores de uma seleção quase perfeita.

Bonsma, que foi professor da Universidade de Pretória, na África do Sul, também criou a raça bonsmara para produção de carne, baseada no cruzamento das raças afrikander e shorthorn. Seus estudos chegaram ao conhecimento acadêmico mundial na década de 60, quando o pesquisador visitou diversas universidades da Europa e dos Estados Unidos, mas voltaram a ser discutidos por causa da preocupação ecológica.

Além de pesquisador de gado, Bonsma,

que faleceu há dois anos, era filósofo. No livro “Estudos sobre seleção de gado”, editado em 1966 e traduzido para diversos idiomas, há um capítulo inteiro dedicado à ecologia animal. O pesquisador admite que climas temperados, com altitudes abaixo de 600 metros, proporcionam maior fertilidade nos animais zebuínos. África, Austrália e América do Sul são as regiões que, em seu conceito, apresentam melhores condições climáticas para essa eficiência.

Toda a obra consiste em fazer o homem entender melhor a linguagem ditada pelo aspecto físico do gado. A melhoria das condições de fertilidade e ganho de peso pode ser conquistada através de um paciente trabalho de observação. O sucesso estará na maneira cada vez mais equilibrada de interferir no manejo, para se conseguir a melhor relação entre bovinos de corte e o meio ambiente.

do macho, é fino e longo. A cabeça tem traços longos e suaves, enquanto as menos férteis possuem mandíbulas pesadas. Aos 180 dias do nascimento, o fazendeiro pode apartar as primeiras fêmeas que certamente vão produzir poucos bezerros.

A melhor idade da prenhez, no conceito de Olea, é a definida pela natureza. Por isso, ele critica os criadores que esperam as vacas ficarem grandes e gordas, para serem cobertas pelo touro. O peso ideal, afirma o agrônomo, é 320 quilos. Algumas atingem essa condição aos 14 meses, outras só depois dos 24, a alimentação constituindo fator determinante para isso. O pH do solo também é impor-



Ubaldo Olea: pesquisador e criador de gado em Presidente Prudente/SP

tante para tornar as fêmeas férteis, sendo que, numa escala de 1 a 7, o melhor índice seria 6.

Sinais de masculinização na vaca são o primeiro sintoma de que está se tornando subfêtil. Muitas vezes, o pecuarista provoca essa transformação quando retarda a primeira cria, na expectativa de conseguir bezerros mais pesados. O hormônio sexual liberado, porém não

utilizado, provoca reações como o alargamento da paleta e a parte dianteira mais alta do que traseira. Algumas ficam com o úbere recolhido.

Vaca magra não é sinal de subfertilidade. E as fêmeas “vazias” (as que aguardam prenhez) precisam ter mais alimentação do que as prenhes, exigida pela liberação do hormônio sexual. Depois da prenhez, há um aumento da taxa de conversão, transformando produtos de baixa qualidade em bons nutrientes.

Melhoramento genético do gado europeu deve ser realizado do ponto de vista bioclimático

Raças européias — Segundo o veterinário Pedro Genro Surreaux, pecuarista em Uruguaiana/RS e também seguidor das teorias de Bonsma, em termos não oficializados, mas como resultado de uma observação prática, as raças de origem européia que povoam os campos do Rio Grande do Sul têm mostrado um progressivo aumento de problemas relacionados com a fertilidade.

Esses problemas, diz ele, são enobertos pela preferência que o criador dá aos aspectos seletivos visuais ligados à estética em vez da produção. “Se fizermos uma retrospectiva, nos depararemos com um quadro um tanto desalentador. O principais tópicos que regem o aumento de produção não evoluem há muitas décadas, como índice de natalidade, taxa de mortalidade pós-parto, número de ter-

neiros desmamados, peso ao desmame, idade média e peso de abate dos machos, idade de entoure das novilhas.”

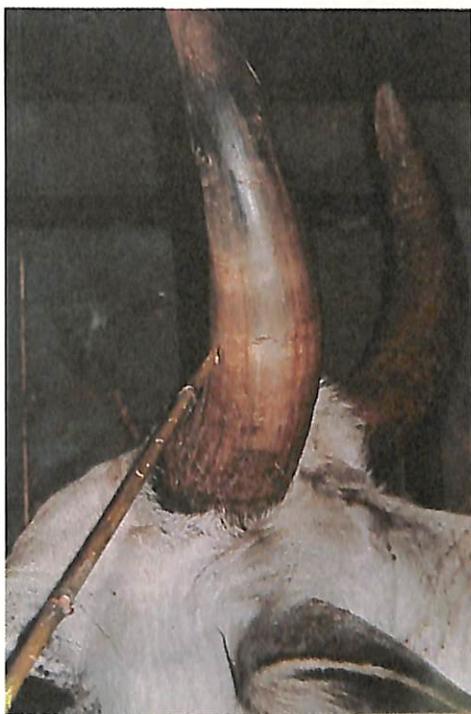
Embasado nos conhecimentos de Bonsma, Surreaux afirma que o criatório gaúcho, caracterizado pela europeização, já possui um rebanho bovino evoluído do ponto de vista genéti-

co. Partindo desse princípio, existe maturidade suficiente para ser iniciado um trabalho bioclimático de melhoramento genético, baseado unicamente naqueles animais que mostram condições superiores de produção, sem a necessidade de inclusão de indivíduos de fora. A própria natureza informa as medidas que devem ser

tomadas, num tipo de seleção interna. Foi o que todos os países desenvolvidos fizeram e continuam fazendo, assegurando.

O pesquisador garante que a maioria dos problemas analisados por Bonsma é fruto, não de uma genética, mas de mecanismos de desadaptações climáticas. **✎**

Os 13 pontos que podem levar a vaca para o gancho



Chifre vitrificado: aspecto unânime nas subfêrteis



Maçã do peito para baixo e para frente: característica de subfertilidade

A detecção da subfertilidade foi definida em 13 pontos, mas a confirmação de três itens é suficiente para condenar um animal ao abatedouro. Os pontos são os descritos abaixo.

1 — Cabeça: tem tamanho desproporcional. Criadores costumam dizer que a vaca está com cara de touro, com mandíbulas pesadas.

2 — Peito: a maçã do peito fica grande. Cresce para frente e para baixo. Se o animal perdeu algum bezerro em fase de amamentação, a maçã do peito apresenta uma saliência do tamanho de uma bola de ping-pong.

3 — Pêlos: são grossos e compridos, semelhantes aos de rato. Na altura da paleta, eles crescem em posição contrária. Já na vaca fértil, são lisos e sedosos. Quando está prenhe, se assentam ao couro, na altura do lombo. O redemoinho próximo ao cupim não fica com os pêlos arrepiados.

4 — Desequilíbrio: a parte anterior do animal é mais avantajada que a posterior. Paleta larga e patas mais altas.

5 — Gordura: há gordura no peito, entre as escápulas e adiante do úbere. Também são gordas na anca, recobrando os ísquios. Cupim sobre o pescoço e bastante volumoso.

6 — Rabo: desce acompanhando a forma arredondada do corpo, que ganha meneios de gordura, ao passo que as vacas férteis possuem rabo perpendicular às patas traseiras.

7 — Músculos: apresentam formas arredondadas. Musculatura exagerada no pescoço, sobre a paleta e nas patas traseiras.

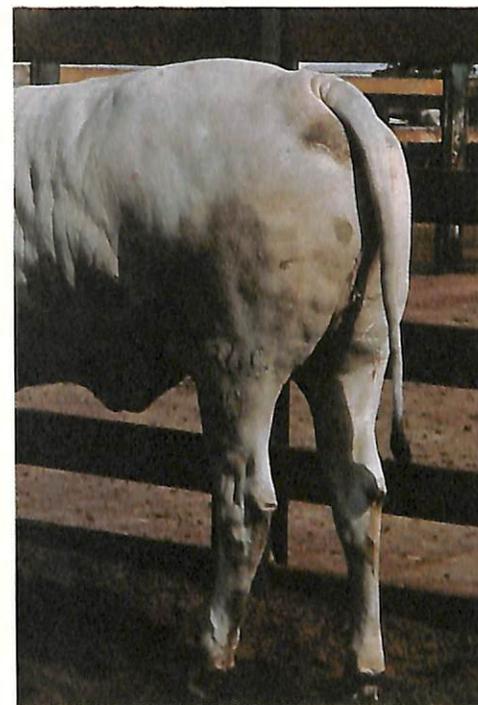
8 — Colo: o pescoço é grosso e curto. As férteis possuem pescoço fino e longo.

9 — Vulva: a vagina é pequena. Há abaixo dela uma bolsa de gordura e o orifício vaginal está em posição desfavorável ao acasalamento.

10 — Cupim: além de gorduroso, situa-se quase sobre o pescoço. Nas férteis, tem pouco volume e localiza-se na mesma linha vertical das patas.



Traseiro arredondado e pescoço curto e grosso: vaca subfertil



Vagina infantil e maneiço de gordura abaixo da mesma: dificultam o acesso do pênis na hora da monta

11 — Gigantismo: a vaca é extremamente grande em relação às normais. Em geral, é alta.

12 — Úbere: é infantil, recolhido.

13 — Chifres: são porcelanizados, lisos, enquanto nas férteis apresentam-se esgarçados e com anéis de alto-relevo para cada bezerro parido.

CAFÉ

Em busca do melhor sabor

Com a popularização do café expresso nas grandes cidades, o consumidor torna-se cada vez mais exigente. Esse fato está determinando uma mudança no perfil do produtor, que passa a valorizar a qualidade em detrimento da quantidade. Assim, amplia-se o espaço para cafeicultores que pretendam investir em tecnologia avançada, já que o valor de mercado de cafés finos é até 50% superior

*Texto: Marcelo Lyra
Fotos: Marcos Muzi*

Graças aos bons resultados obtidos na safra 92-93, o Brasil voltou a ser o maior produtor de café. O resultado representou um alívio ao orgulho dos produtores, ferido por mais de quarenta anos de perda gradual do mercado mundial para países como a Colômbia, Quênia ou Costa Rica.

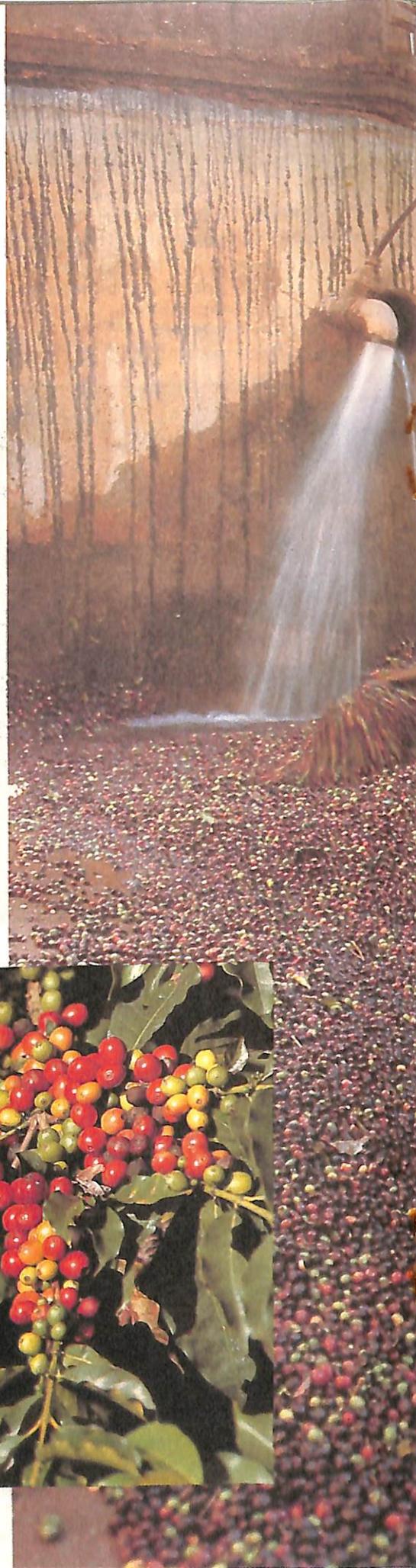
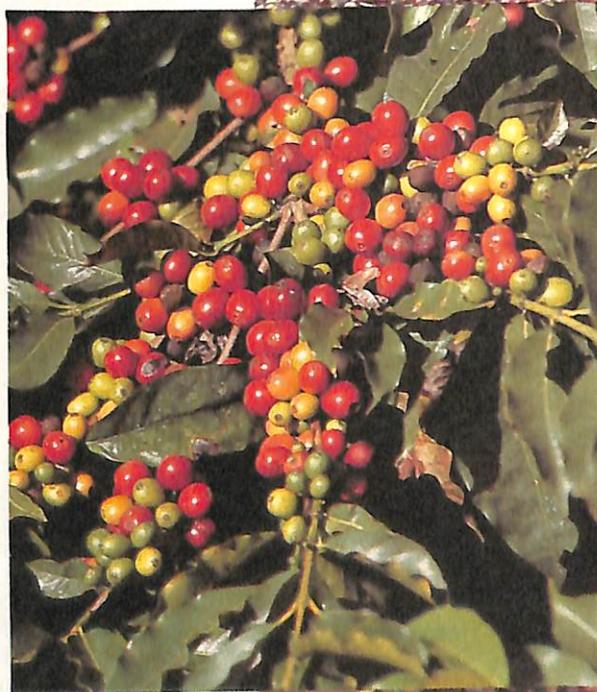
Esse resultado favorável se deve basicamente à descoberta de novas regiões produtoras, como o Cerrado mineiro, e também à consolidação das variedades desenvolvidas pelo Instituto Agrônomo de Campinas, a Novo Mundo e, principalmente a Icatu, que reúnem qualidades como maior resistência e boa produtividade.

Em relação ao Cerrado mineiro, ele foi descoberto pelos produtores a partir do final dos anos 80 e valeu a Minas Gerais o posto de maior produtor de café, tradicionalmente ocupado por

São Paulo, revertendo aquela situação que perdurou por muitas décadas, na qual Minas era o maior produtor de leite e São Paulo, de café.

O Cerrado mineiro apresenta uma boa vantagem para os produtores do café: praticamente não há geadas, responsáveis por grandes prejuízos em São Paulo e Paraná, a ponto de motivar a erradicação de muitos cafezais, substituídos por lavouras mais resistentes ao frio.

Foi o que aconteceu com Gérson Nai-





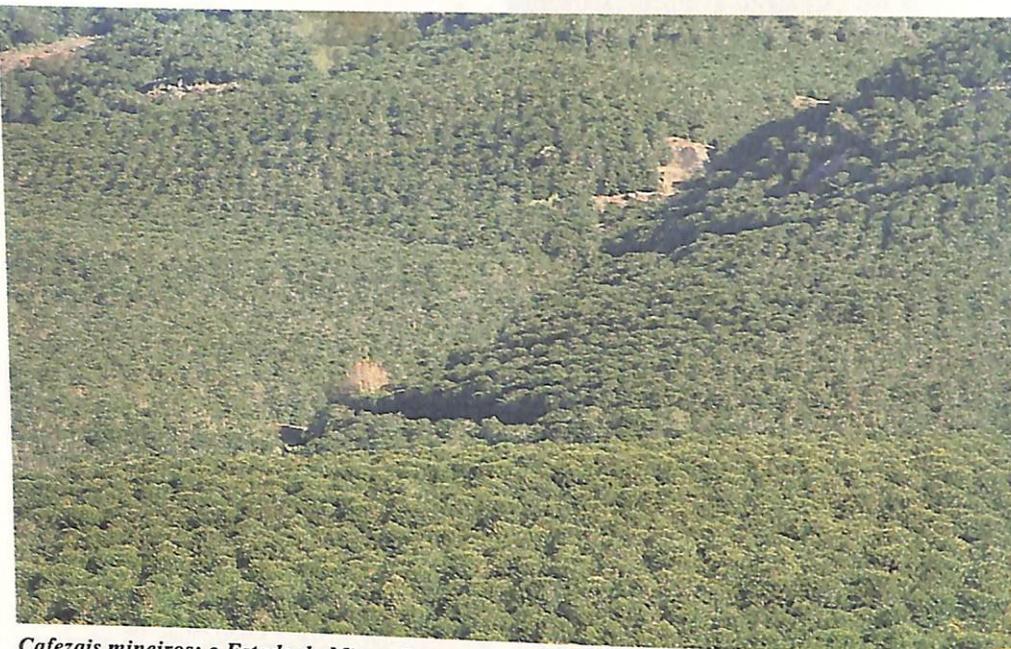
meg, cafeicultor há mais de 30 anos. Depois de perder duas safras inteiras para as geadas, em 1975 e 1981, ele sentiu que não dava mais. Tinha duas opções: ou mudava de produto ou vendia a propriedade e procurava local mais adequado. “Como sou apaixonado pelo plantio de café, resolvi mudar para Minas, pois tinha uns amigos aqui em Patos de Minas garantindo que a terra era boa para o café.”

O resultado não poderia ser melhor. Em poucos anos, Gérson plantou 300 hectares e alcançou a média de 75 sacas/ha. Há dois anos, ouviu falar do concurso de qualidade instituído pela empresa italiana Illy Café, e resolveu mandar uma amostra para concorrer. Resultado: tirou o primeiro lugar no ano passado. Junto com o prêmio de US\$ 50 mil, levou para casa um contrato de venda direta para a Itália, por um preço 40% maior que a tabela de exportação.

*Cerca de 500
cafeicultores exportam
por preços de 20% a 50%
acima da tabela*

Já o cafeicultor Ernesto Fornaro optou pelo café quase por acaso. Até 1989, tinha uma pequena fazenda junto com os irmãos na região de Araras, em São Paulo, onde plantava com sucesso cana-de-açúcar, uva e laranja. Problemas de safra obrigaram-no a vender as terras, e surgiu a oportunidade de estabelecer-se em Minas, na região de Guaxupé. “Meus irmãos queriam criar gado, mas achei melhor continuar plantando por causa da nossa experiência com a lida da terra”, conta.

Depois de conversar com agrônomos, entusiasmou-se com o café. “Um deles me deu uma receita por escrito, dizendo que se fizesse daquele jeito ia ter um café de boa qualida-



Cafezais mineiros: o Estado de Minas Gerais é o maior produtor de café do País

de.” Segundo Ernesto, muita gente aconselhava a plantar de qualquer jeito, que o importante era a quantidade, “Não acreditei, pois quando a gente entra no supermercado, quer comprar arroz e feijão bonito”, explica. “Resolvi fazer um café assim e segui a receita do agrônomo direitinho.”

Quase sem querer, ele acertou em cheio. No segundo ano de produção, sua lavoura já produzia 3.600 sacas e ganhava o prêmio qualidade. “Quando o pessoal viu que dava dinheiro, também resolveu investir na qualidade”, orgulha-se. Hoje há cerca de 500 cafeicultores nesta região produzindo excelente café e exportando por preços de 20% a 50% acima da tabela. Fornaro ainda conta um segredo: “Desde que comecei a usar salitre do Chile na adubação, as plantas ficaram mais bonitas e produtivas”.

Antônio de Salvo, representante da Illy Café no Brasil, acredita que está havendo uma mudança no perfil do produtor de café. “Hoje em dia, nas conversas entre eles, não se pergunta mais quantas sacas cada um obteve, mas de qual qualidade.” Para o representante, essa virada qualitativa se deve, principalmente, ao advento do café expresso. “As máquinas de expresso exigem café de melhor qualidade, o que levou os importadores europeus a estimular os produtores a elevar o padrão.”

O diretor da Associação Brasileira das Indústrias de Café (ABIC), David Nahum Neto considera que há uma mudança na mentalidade do novo pro-

ductor. “Quem procura plantar hoje possui visão empresarial e entra no mercado para produzir mais com qualidade e alta tecnologia.” Para ele, a melhora na qualidade é devida também ao surgimento de casas que servem cafezinho de alto padrão no País. “Esses estabelecimentos igualmente procuram um café melhor.”

Bebendo defeito — Para se ter uma idéia da situação absurda do produto bebido no Brasil, basta lembrar que os países importadores aceitam apenas café de padrão 2, enquanto o brasileiro, há muito tempo, consome o de padrão 6 ou 7. Essa tabela de avaliação da qualidade do café funciona da seguinte maneira:

* Retira-se uma amostra de 300 gramas de cada lote.

* Examina-se atentamente cada grão.

* Separam-se substâncias estranhas, como pedras.

Cada grão imperfeito, pedra ou palha encontrados são considerados como defeitos. Se forem localizados até quatro, o lote é classificado como tipo 2, de excelente qualidade. Se a amostra contiver doze defeitos, será considerada tipo 3. Se tiver 26, será do tipo 4 ou base.

Os cafés abaixo do base são classificados como inferiores. Se a amostra tiver 46 defeitos, o lote será do tipo 5. Caso possua 86 defeitos, será do tipo 6. Com 160, se classificará no tipo 7, e com 360, no tipo 8.

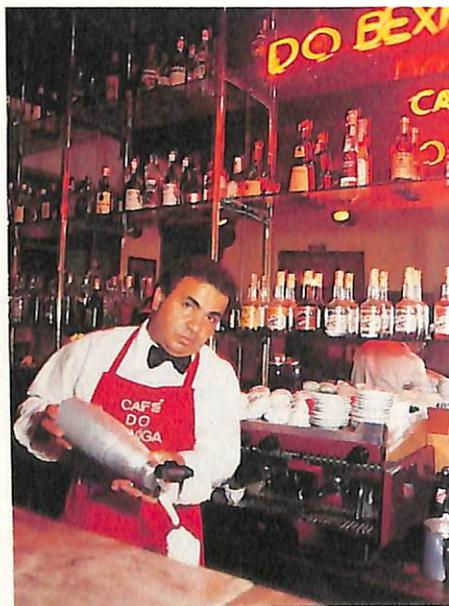
Diante desse quadro, é preocupante saber que o cafezinho nosso de cada dia contém de 86 a 160 defeitos a cada 300 gramas. Tudo porque a política cafeeira do Brasil estimulava a produção em quantidade. Mesmo que um produtor obtivesse um café bom, na cooperativa ele seria misturado a outros ruins, nivelando tudo por baixo.

“O papel do governo é estabelecer normas, e não o de intervir no mercado”

O mercado dá as cartas — O agrônomo, economista e especialista em economia cafeeira Luis Moricochi, do Instituto de Economia Agrícola (IEA), órgão vinculado à Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, é contra a presença do governo no mercado. “O papel do governo é estabelecer normas, e não intervir no mercado”, garante.

O cafeicultor e ex-governador de São Paulo Roberto Abreu Sodré concorda e vai mais longe: “A extinção do IBC tirou o governo de cena e fez com que as leis de mercado comessem a vigorar”, assegura. E o mercado há muito tempo quer qualidade. Para Abreu Sodré, a política cafeeira do extinto IBC era errada. “O governo fixava preços para o produto pelo volume, independentemente da qualidade, e com isso os produtores começaram a relaxar.” Sodré possui hoje cerca de mil hectares plantados com quase três milhões de pés de café.

Moricochi acredita que os produtores têm plenas condições de reger o mercado. “Uma coisa que o governo poderia fazer é criar um órgão capaz de fornecer números confiáveis acerca da pro-



Café expresso: nas cafeterias, o consumidor pode saborear a bebida

dução brasileira.” Segundo ele, esse número é fundamental para a fixação dos preços. “O café é um produto de demanda inelástica e fica muito vulnerável às especulações.”

Em outras palavras, isso significa que o preço da saca varia de acordo com a oferta, assim como acontece com o petróleo, por exemplo. Se houver muito produto disponível, o preço cai e vice-versa, o que explicaria o fato de os importadores americanos sempre superestimarem as colheitas brasileiras.

Segundo o USDA, o organismo agrícola norte-americano, o Estado de São Paulo teria produzido 5 milhões de sacas no ano passado, números contestados por Moricochi: “Posso garantir que a produção mal chegou a 3,5 mi-



Roberto Abreu Sodré: “Sete grandes torrefadoras controlam o mercado mundial”

lhões”. Abreu Sodré concorda. “Não podemos condená-los, pois eles querem pagar menos. Só não podemos entrar nesse jogo.”

Sodré esclarece que sete grandes torrefadoras controlam o mercado mundial, incluindo a Philip Morris, a Nestlé e a Coca-Cola. “Elas não deveriam valer-se do poder econômico para ditar os preços, mas devemos estar preparados para que isso ocorra.”

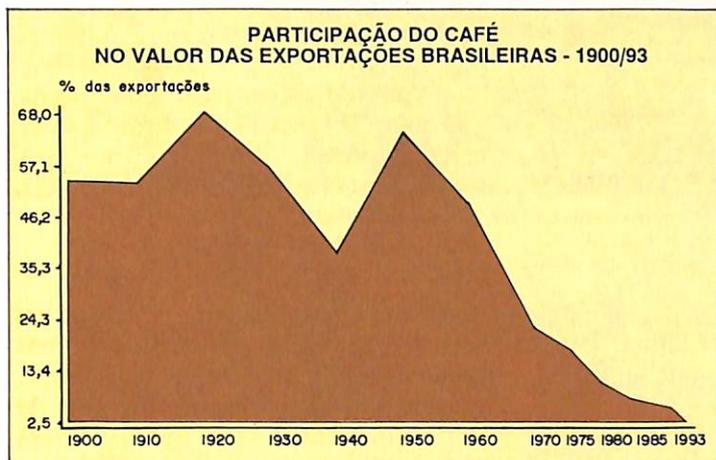
O governo brasileiro está relan-

çando o Departamento Nacional de Café, para voltar a ter controle sobre o setor. O órgão, que tem o mesmo nome e atribuições de outro semelhante, criado em 1946, já foi apelidado por Abreu Sodré de “Fuscafé”, pois, assim como o Fusca, havia sido extinto e só voltou por determinação do presidente Itamar Franco. “Espero que dessa vez entreguem a direção do órgão aos cafeicultores, que são os maiores interessados no sucesso de qualquer política econômica para o setor.”

A qualidade do produto final depende da colheita, secagem e beneficiamento

Fita de vídeo — Os italianos ficaram tão impressionados com a melhoria da qualidade do café brasileiro que resolveram investir para que mais produtores elevassem o padrão. Além de instituir o Prêmio de Qualidade, estão lançando no mercado uma fita de vídeo que ensina todos os detalhes para obter um produto de primeira.

O responsável pela parte técnica é Aldir Alves Teixeira, ex-técnico do antigo IBC e atuando há mais de 30 anos no mercado de café. Profundo conhecedor de cafeicultura, Aldir procurou transmitir os fundamentos básicos para obter um bom produto final. “O cafeicultor brasileiro sabe plantar e colher bem, mas erra feio no beneficiamento”, garante. Para Aldir, é na hora de colher, secar e armazenar os



Fonte: IEA/SP

SAFRAS & Mercado

ESTÁ NA HORA DE PLANEJAR A COMERCIALIZAÇÃO DA SUA SAFRA

Quando você faz uma assinatura de SAFRAS & Mercado, você está entrando num completo sistema de informações e análises de mercado.

Assine SAFRAS & Mercado e garanta um ano de lucros na comercialização de seu produto.



CUPOM DE ASSINATURA

Gostaria de receber a(s) publicações especializada(s) SAFRAS & Mercado, por três (3) meses, que pagarei na forma indicada abaixo:

Publicação	valor do Pagto.
SAFRAS & Mercado SOJA & Grãos (semanal)	Cr\$ 14.500,00
SAFRAS & Mercado MILHO (quinzenal)	Cr\$ 11.250,00
SAFRAS & Mercado ARROZ (quinzenal)	Cr\$ 11.250,00
SAFRAS & Mercado CARNES (quinzenal)	Cr\$ 11.250,00

ANEXO CHEQUE NOMINAL A: EDITORA SAFRAS LTDA. Av. Otávio Rocha, 115/11º andar - CEP 90.020-904 - POA - RS

Cartão de Crédito nº: _____ Validade: _____ Sistema Visa

Se quiser ligue: (051) 224.7039.

NOME: _____ CARGO: _____

EMPRESA: _____ CEP: _____

ENDEREÇO: _____ UF: _____

CX. POSTAL: _____ CIDADE: _____

CGC/CPF: _____ FAX: _____ TLX: _____

TELEFONE: _____ DATA: ____/____/____

ASSINATURA
PREÇOS VÁLIDOS ATÉ 30 DE OUTUBRO DE 1993



Secagem perfeita: para evitar a fermentação, os grãos, depois de colhidos, devem ser esparramados no terreiro em camadas de, no máximo, três centímetros

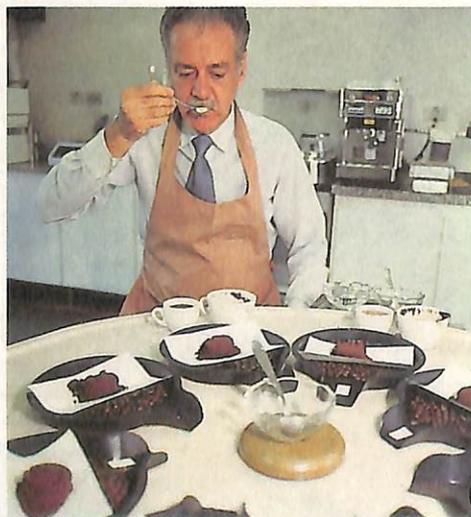
grãos que todo o trabalho pode ir para o brejo. Antes da colheita, ele sugere uma arruação em volta do cafeeiro, o que consiste em limpar o chão ao redor das plantas. Isso porque, na hora da derriça (forma de colheita em que os frutos são puxados pelo colhedor de uma vez só), os grãos caem no chão e misturam-se aos que haviam caído de maduros, e estavam deteriorados. Ao invés da arruação, pode-se forrar o solo com um pano.

Outra dica importante é esperar que a maioria dos frutos esteja maduro e só então iniciar a colheita. Na Colômbia, por exemplo, os grãos são colhidos um a um, de modo que só se retirem os maduros. Lá isso é possível porque a mão-de-obra é muito barata, mas, no Brasil, essa prática encareceria demais o produto.

Para evitar a fermentação, os grãos devem ser levados ao terreiro no mesmo dia da derriça, caso contrário muitos ficarão ardidos e com uma cor marrom-esverdeada depois de secos. Pelo mesmo motivo, não se deve amontoá-los, mas, sim, esparramá-los

pelo terreiro em camadas de, no máximo, três centímetros de altura. Dessa forma, a secagem fica mais uniforme, e o café, mais saboroso.

Durante a secagem, é preciso revolver constantemente o café. “Pelo menos 15 vezes por dia”, ensina Aldir. Sempre no sentido do sol. Há



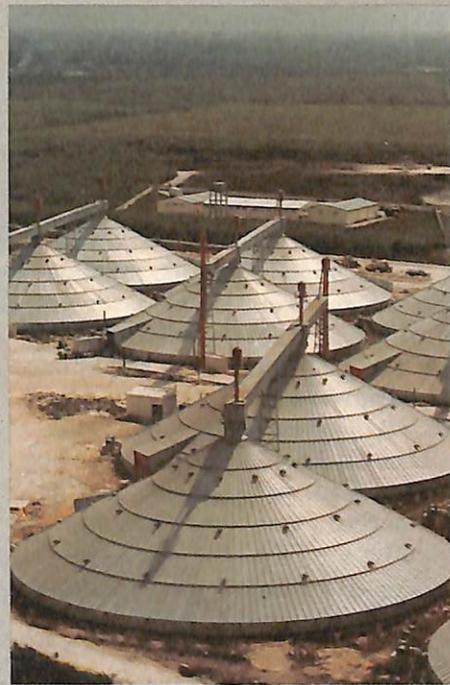
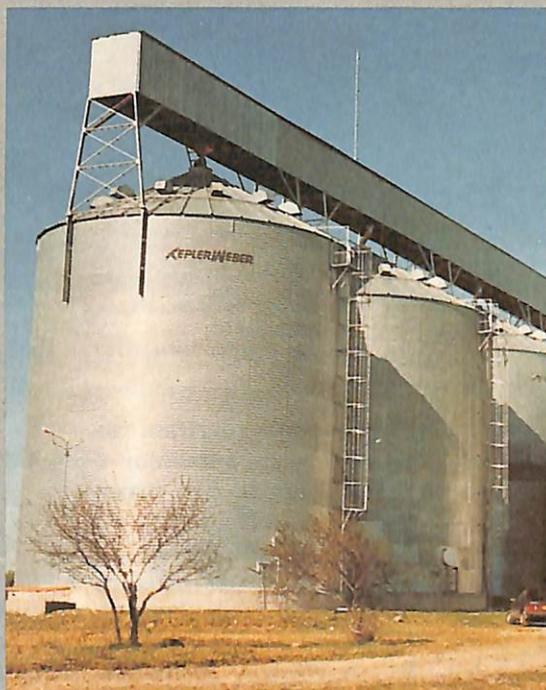
Aldir Alves Teixeira: especialista em classificação e provas de café em xícaras

quem ache um exagero. “Cinco ou seis vezes por dia, principalmente nas horas de sol mais forte, já está bom”, garante Ernesto Fornaro, do alto do seu prêmio de melhor qualidade em 1991. Aldir argumenta que quanto mais vezes revolver, mais rápida será a secagem.

O ideal é separar os grãos de café de acordo com a umidade e deixar secar os lotes separadamente. “Assim, cada um seca a seu tempo”, explica Aldir. Um truque simples é lavar o café. Quando imersos em água, os grãos mais secos bóiam, enquanto os cerejas e verdes ficam no fundo. Esse procedimento livra o produto de outras sujeiras e impurezas, melhorando ainda mais a qualidade.

Quando o café atingir a meia seca, deverá ser amontoado. Para proteger contra a chuva, pode-se cobri-lo com uma lona. Qualquer umidade é extremamente prejudicial. Depois de beneficiado, ou seja, após ser retirada a casca, é preciso armazená-lo em locais onde haja umidade, temperatura e luminosidade constantes. Nessas ►

Pluralidade de produção



Safras pequenas, médias ou grandes. Num país como o Brasil, a pluralidade da produção exige tecnologias apropriadas para armazenar todo o tipo de grão, com múltiplas opções de capacidades e velocidades. Nossos silos, secadores, sistemas de aeração e termometria, máquinas de limpeza e transportadores de granéis sólidos verticais ou horizontais, foram desenvolvidos para agroindústrias, maltarias e cervejarias, terminais portuários e complexos de armazenagem em geral. Safras pequenas, médias ou grandes. Com uma produção tão variada, o Brasil armazena melhor com a Kepler Weber.

KEPLERWEBER

SUA SAFRA MERECE ESTA MARCA

FONES: Panambi (055) 375-2322 ● Porto Alegre (051) 341-1044 ● Cascavel (0452) 25-1099
São Paulo (011) 825-7433 ● Goiânia (062) 281-2888 ● Campo Grande (067) 742-3013 ● Cuiabá (065) 627-1087

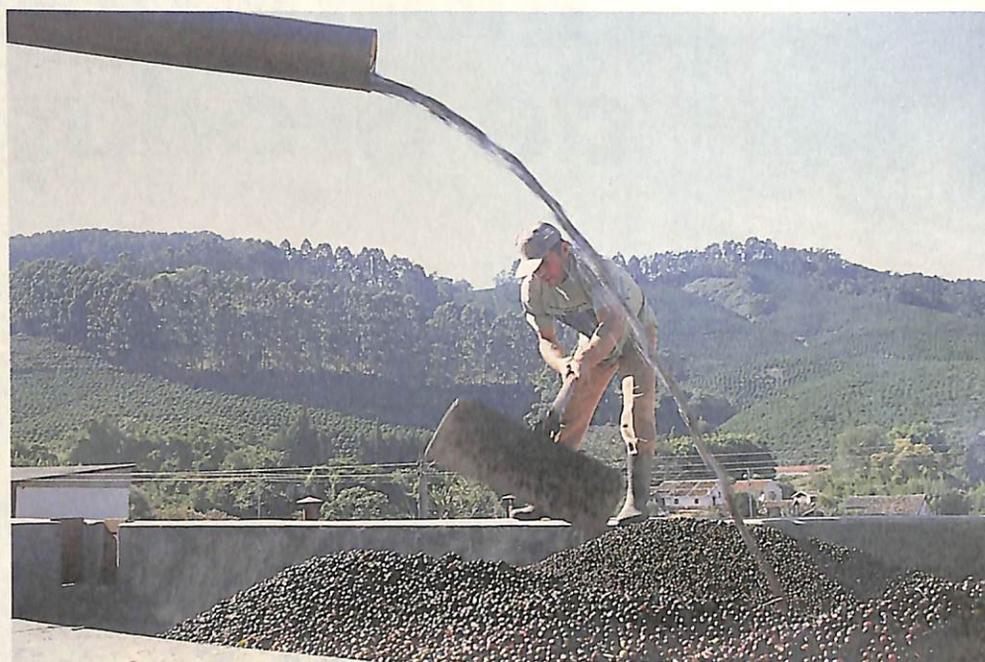
A variedade Icatu, desenvolvida pelo IAC, é resistente à ferrugem e bastante produtiva

condições, pode ser estocado por mais de cinco anos, sem grandes alterações no sabor.

Nada de solo ácido — Segundo o professor Flávio Azevedo Levi, pesquisador na área de genética cafeeira do Instituto Agronômico de Campinas (IAC), São Paulo, as regiões do Cerrado apresentam normalmente clima favorável ao desenvolvimento do café. O maior obstáculo está no solo muito ácido. Mas segundo Levi, basta um pequeno investimento para resolver o problema. “Corrigindo o solo com calcário na dose certa, o Cerrado tem grande potencial para a implantação de cafezais.”

Já Abreu Sodré acha que a aplicação de calcário nem chega a ser um custo a mais. “O solo brasileiro é ácido por natureza, sendo raro encontrar local onde não seja necessário corrigir o solo.” O Cerrado leva outra vantagem. Como a lavoura de café ainda é nova na região, praticamente não há ataque da ferrugem, o principal inimigo da cultura.

Variedades usadas no Brasil — O café é uma planta do gênero *Coffea*, possuindo diferentes seções. A espécie *Arabica*, pertencente à seção *Eucoffea*, é a mais plantada no Brasil (90% dos cafezais), destacando-se as variedades Mundo Novo e Catuí. A Mundo Novo apresenta porte alto, ao



Lavagem do grão: retira as sujeiras e impurezas e permite separar os cerejas dos secos

contrário da Catuí, que tem tamanho reduzido.

Nas plantações que aderiram ao uso de tecnologia para aumentar a produtividade, a genética é a maior aliada. O Instituto Agronômico de Campinas lançou recentemente no mercado uma variedade de cafeeiro que vem dando o que falar. Trata-se da Icatu, resultado do cruzamento da variedade Mundo Novo, usada por grande parte dos produtores, com a

Robusta, da espécie *Canephora*.

O clima ideal para o desenvolvimento da cultura situa-se entre 18°C e 22°C

A principal qualidade da Icatu é a alta resistência à ferrugem, eliminando a necessidade do uso de fungicidas, o que representa boa economia. Além disso, tem elevada produtividade nas primeiras safras. “A primeira colheita dessa variedade chega a ser 50% maior que a Novo Mundo”, garante o pesquisador Flávio Levi. “Só a partir da quinta safra é que o volume colhido se iguala às outras.”

A Icatu começou a ser pesquisada experimentalmente em 1956, mas só a partir de 1970, quando a ferrugem passou a ser um problema sério, é que se investiu em seu desenvolvimento. Além dela, o IAC promete, em dois anos, entregar ao mercado outra variedade, que será uma Icatu de porte mais baixo, para facilitar o plantio mais adensado e a colheita, já que a cultivada atualmente tem altura elevada.

Todas as variedades existentes apresentam em comum o fato de serem economicamente rentáveis durante pelo menos trinta anos, desde que seguidos os tratamentos culturais adequados.



Vida útil: um cafezal bem conduzido mantém-se produtivo por 30 anos

Condições ideais — O clima ideal para o desenvolvimento do café é o que apresenta médias entre 18°C e 22°C ao longo do ano.

Regiões com média mais baixa ou que, em alguns dias do ano, sejam próximas ou inferiores a zero não servem, pois envolvem constante risco do prejuízos.

A irrigação dos cafezais é outro ponto polêmico. Em algumas regiões, como o Cerrado mineiro, é possível encontrar cafeicultores obtendo bons resultados com lavouras irrigadas. Mas há dúvidas, na maioria dos casos, quanto à relação custo-benefício, ou seja, só depois de descontados o investimento na compra e manutenção do equipamento, o café obtido terá condições de ser vendido a preços competitivos.

O cafeicultor Ernesto Fornaro é contra a irrigação. “Tem gente aqui na região que irriga, mas acho que dá para dispensar, pois estou conseguindo um bom produto a um custo bastante razoável.” Para ele, o cuidado no preparo da terra e um bom trato



Solo trabalhado: o sucesso da implantação de um cafezal está relacionado com o bom preparo da terra

cultural são suficientes.

Em todo o caso, é importante escolher uma região com boa média de chuvas. A precipitação ideal está em torno dos 500mm a 1.500mm por ano.

A planta tolera até índices superiores, desde que bem distribuídos ao longo do ano, especialmente na primavera, verão e outono. Regiões com estiagens no inverno podem ser usadas.

Anuncie no Suplemento Rural do Jornal do Comércio.

A grande maioria dos leitores do Jornal do Comércio, além de pertencer às classes A/B, sabe que os investimentos e o lazer não estão somente na capital. Eles possuem propriedades no campo que vão desde pequenos sítios até grandes fazendas. É por isso que o seu produto não pode deixar de aparecer no Suplemento Rural. Toda quinta, no Jornal do Comércio.

*Ou você acha que
empresário não gosta
da vida no campo?*



Quem lê, não troca.

Departamento Comercial fone: (051) 221.8688 FAX: 221.3013

O uso do adensamento deve elevar a produtividade média brasileira, que é de sete sacas por hectare/ano

O adensamento é outra das novas tendências da cafeicultura e consiste basicamente em plantar mais pés por hectare. Agindo assim, aumenta-se o número de sacas colhidas, mas são necessários maiores cuidados, especialmente na adubação. Para um bom adensamento, é preciso consultar um agrônomo com experiência.

Em busca da realidade — Segundo estimativas dos produtores, a fim de se obter algum lucro com o café, é necessário colher em torno de nove sacas por hectare. Ocorre que a média de produtividade brasileira é muito baixa, algo em torno de sete sacas, pouco se comparada com as 16 obtidas pela Colômbia e Costa Rica, por exemplo.

Problemas fitossanitários — As novas variedades de café disponíveis são muito resistentes, mas não é por isso que se pode descuidar no trato do solo. A partir da abertura da área a ser plantada, começam os cuidados. O primeiro passo é uma boa calagem, orientada por agrônomos, para corrigir a acidez do solo. Devem ser feitas vistorias periódicas, pois o uso de



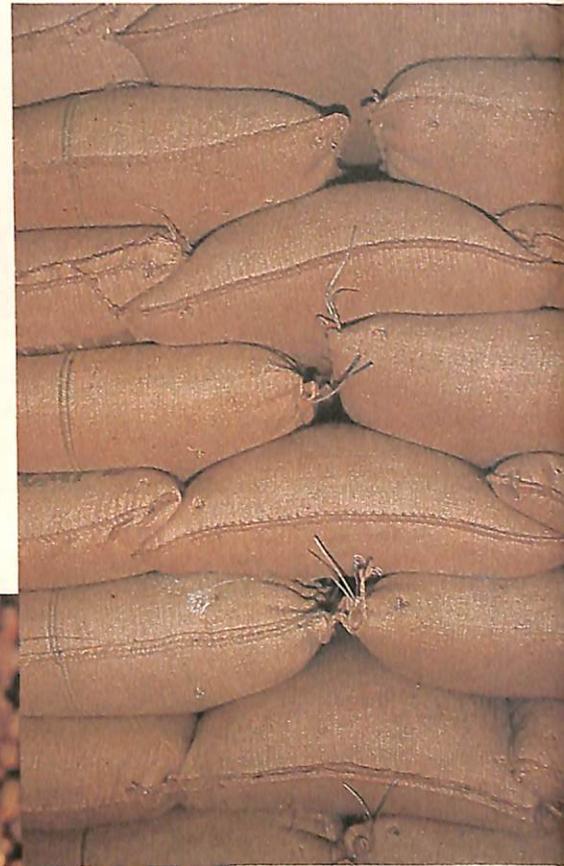
Tratos culturais: capinas e desbrotas são práticas agrônômicas indispensáveis

adubos, especialmente determinados tipos nitrogenados, podem desequilibrar novamente o solo.

Depois da calagem, é preciso adubar corretamente, de acordo com as necessidades da planta. Na fase de crescimento, são necessárias mais duas ou três adubações. Não se pode deixar de acompanhar o dia-a-dia do desenvolvimento, para detectar eventuais problemas a tempo de saná-los. Capinas e desbrotas devem ser feitas freqüentemente, a fim de impedir que o mato dispute os nutrientes do solo com os pés de café.

O uso indiscriminado de herbicidas pode ser fatal para o café, só devendo

ser usados em casos de extrema necessidade, sempre sob rigoroso acompanhamento técnico. É mais barato e adequado fazer o desbaste das ervas manualmente, procedimento adotado pela maioria dos cafeicultores. ►



Torrefação: na indústria os grãos de café são torrados a elevadas temperaturas, entre 190°C e 230°C, antes de serem vendidos ao mercado consumidor



Onde a revista
a granja
A REVISTA
DO LÍDER RURAL

tem seu campo de provas!



Café do Brasil pode conquistar a Europa

A crescente demanda por café de qualidade está provocando uma verdadeira corrida dos produtores. Todos querem obter um produto melhor e, quem sabe, conseguir contratos de exportação. O mercado externo está atento a essa movimentação. Segundo Antônio de Salvo, da Illy Café, sempre há espaço para café bom na Europa. Qualquer investimento nessa área, portanto, vale a pena.

O café brasileiro praticamente não tem concorrentes no mercado de expresso. Apenas a Etiópia está na disputa, por possuir um produto de qualidade semelhante. Mesmo as-

sim, sua produção é pequena e não constitui ameaça. O café da Colômbia e demais países da América Central é do tipo lavado, ou seja, a casca é retirada antes da secagem. Isso ocorre porque o clima desses países é muito úmido e, se o fruto fosse armazenado com casca, fermentaria.

Secando sem a casca, o café perde o sabor, o que explica o fato de muitas vezes considerarmos o produto americano muito fraco. É que, na maioria dos estados, usa-se o café lavado. Já o café brasileiro é seco com a casca, adquirindo um paladar e um aroma mais marcantes, sendo

O uso exagerado de fertilizantes frequentemente causa toxidez. Determinados elementos, quando em excesso, podem acabar envenenando o café.

Plantas que enfrentarem dias muito frios são passíveis de descoloração de parte das folhas, sem que isso prejudique a produção. Em solos muito are-

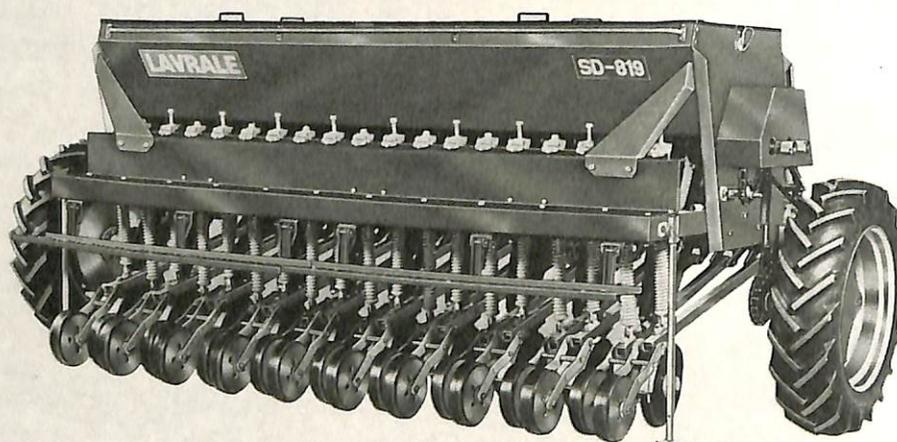


Antônio de Salvo: representante da empresa italiana Illy Café

muito apreciado na Itália e, especialmente, pelos consumidores do expresso. Assim, à medida que produtores oferecerem um produto de qualidade, maiores serão as exportações. A médio prazo, o café poderá recuperar parte da importância econômica que tinha há algumas décadas, quando era o principal produto exportado pelo Brasil.

nosos, é possível ocorrer a chamada lesão de colo, aquela parte entre a raiz e o caule. Plantas novas são protegidas com o uso de cobertura morta. **F&M**

SEMEADEIRAS E PLANTADEIRAS LAVRALE Plantio Direto e Convencional



Versões:
SD - PD - SPD

“UMA ÚNICA MÁQUINA PARA TODAS AS CULTURAS”

- Realiza tanto o plantio direto como o convencional de arroz, trigo, aveia e cevada e de soja, milho, sorgo, feijão, tremoço, etc.
- Uma mesma máquina básica permite realizar todos os plantios de cereais de inverno e verão.



Rua Oberdan Cavinatto, 290
Fone: (054) 222.2211
95055-450 - Caxias do Sul - RS - Brasil

ABIC investe no consumidor nacional

Aumentar em 20% o consumo de café no mercado nacional até o final de 1994. Essa é a meta da Associação Brasileira da Indústria de Café (ABIC), entidade que congrega 472 torrefadores, responsáveis por 85% do café torrado e moído comercializado no País. Para isso, a Associação está investindo US\$ 2 milhões em comunicação institucional já neste ano.

Hoje, o Brasil consome nove milhões de sacas/ano, ocupando a segunda posição no mercado de consumo mundial, que é de 95 milhões de sacas. Os Estados Unidos figuram em primeiro lugar.

Segundo o presidente da ABIC, empresário Américo Sato, o brasileiro hoje toma bem menos "cafezinho" do que há 20 anos — 2,8 quilos/per capita/ano. Na década de 70, o consumo anual chegava a 4,5 quilos por pessoa. No entanto Américo Sato acredita que um dos principais filões de que a indústria dispõe para atingir essa meta é o de café finos ou "gourmet", mercado ainda pouco explorado.

Garantia de pureza — A defesa da pureza e qualidade do produto é uma prioridade básica, que será mantida, garante Sato. "Em 20 anos de atividade, a ABIC conseguiu consolidar uma nova imagem para o café brasileiro, alterando uma mentalidade que predominou durante muito tempo entre os consumidores, baseada em expressões equivocadas como: "todo o café de qualidade produzido no Brasil é exportado" ou "café é tudo igual".

O Selo de Pureza ABIC lançado em 1989, através do Programa de Autofiscalização e Controle da Pureza do Café, foi determinante para a consolidação de uma nova mentalidade. Assim, a proposta do programa, de fiscalizar e desestimular as fraudes praticadas contra o café, foi atingida, garante o presidente. Provas disso são a redução significativa da prática de fraude e a adesão de um número cada vez maior de indús-

trias ao Programa de Controle de Pureza. Hoje, mais de 800 marcas de café já possuem o selo em suas embalagens.



Como funciona o controle do Programa:

1 — A ABIC, através de empresas de auditoria independentes, de renome internacional, coleta, durante todo o ano, amostras de café diretamente nos pontos de venda.

2 — As empresas de auditoria enviam essas amostras para análises ao Instituto Adolfo Lutz, em São Paulo, em sacos plásticos lacrados e com etiquetas codificadas numericamente, que não permitem a identificação da marca.

3 — De posse dos laudos das análises, as empresas de auditoria identificam as marcas e encaminham os resultados a ABIC.

4 — A partir dos resultados, a ABIC autoriza o uso do Selo de Pureza. E, quando for o caso, suspende ou cancela a sua autorização de uso. Esses resultados são encaminhados pela ABIC ao Ministério Público, aos órgãos de defesa do consumidor e à imprensa.

Café brasileiro - Consumo Interno - Exportação (milhões de sacas) - 1970 a 1992

Ano	Volume * Safrá	Consumo ** Interno	Exportação *** verde + sol.
70/71	11,0	6,8	16,0
71/72	24,6	6,9	20,0
72/73	24,5	7,0	19,2
73/74	14,3	7,1	17,6
74/75	28,1	7,2	13,4
75/76	22,2	7,3	14,1
76/77	6,0	7,4	17,3
77/78	16,1	7,5	7,3
78/79	20,0	7,6	12,8
79/80	21,6	7,7	13,3
80/81	16,4	7,8	15,7
81/82	35,4	7,9	16,6
82/83	16,2	8,0	17,3
83/84	30,4	8,2	18,8
84/85	21,8	8,3	19,7
85/86	32,6	8,8	15,0
86/87	13,5	8,6	12,6
87/88	42,9	8,6	18,6
88/89	22,5	8,7	16,4
89/90	25,4	8,7	18,6
90/91	31,0	8,8	10,1
91/92	28,5	9,0	21,8

Fontes: * IBC e USDA - ** FEBEC e ABIC - *** IBC e FEBEC

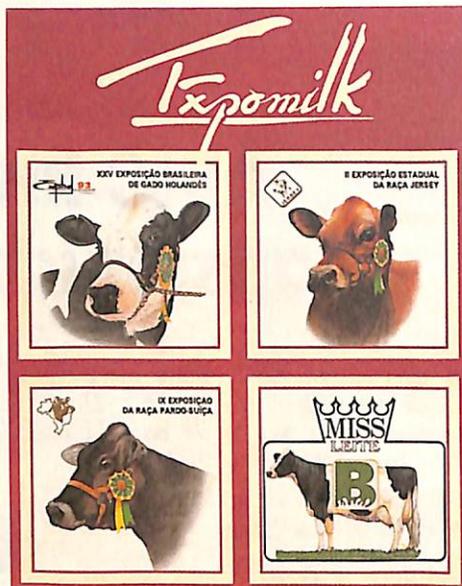
EXPOMILK

A nata do leite nacional

A Expomilk 93, realizada de 11 a 17 de outubro no Parque Água Funda, em São Paulo/SP, reuniu 902 animais que constituem a nata da pecuária leiteira nacional. Os exemplares das raças holandês, jersey e pardo suíço, apresentados por uma elite de selecionadores de várias regiões do País, foram destaque. No entanto, além da qualidade do gado, houve um saudável intercâmbio de informações entre os expositores, fazendo com que ressurgisse o torneio leiteiro "Miss Leite B". A campeã da prova foi "Ruan Simon Luann", vaca da raça holandês, de propriedade de João Carlos Camolesi, de Agudos/SP, a qual produziu em três dias 222,340 quilos de leite, com uma média

de 74,11 kg/dia.

Para esse certame, os ventres foram esgotados às 14h do dia 13, sendo a primeira ordenha efetivada às 22h do mesmo dia, e a última, no dia 16, às 14h. Assim, foram nove ordenhas, com intervalo de oito horas entre elas. A fim de estimular a descida do leite das concorrentes, foi permitido o uso da oxicina. Aproveitando o embalo, o superintendente-técnico da Associação Brasileira dos Criadores de Gado Jersey (ABCGJ), Roberto Vicente Lopes, reivindicou, para o próximo torneio, a premiação também dos animais que apresentarem maior teor de proteína e gordura.



Destaques — O principal destaque do evento foi o criador de gado holandês Veridiano Tavares Filho, de São José dos Campos/SP. Tavares teve três animais premiados. A grande campeã, "C.

Kenslake Sultan Sacha", a reservada de grande campeã, "C. Fourthdale Astro Shori", e a terceira melhor vaca, "C. Mapleley I. Trisha".

Na raça jersey, Sueli Alves Nogueira, de Piracaia/SP, figurou como a principal expositora, com 2.233 pontos, e, ainda, como a melhor criadora, atingindo 973,7 pontos. Na pardo suíço, Amílcar Yamin, de Porto Feliz/SP, ficou em primeiro lugar, como criador, somando 1.310 pontos, e a Agropecuária América, de Sorocaba/SP, sagrou-se melhor expositora, com 1.530 pontos. 



O mínimo que você pode esperar de um arame é que ele seja resistente.

O máximo é que ele seja Belgo Z-700.

Arame ovalado é Belgo Z-700. Igual, não tem

outro. Como o próprio nome já diz, Belgo Z-700 resiste a impactos de até 700 kgf. É arame forte que aguenta firme as investidas da boiada, sem machucar o couro do animal. Tem proteção de zinco contra



ferrugem e grande elasticidade. É maleável e muito fácil de trabalhar. Valorize a sua fazenda, faça a sua cerca com o arame liso que dá sossego. Use Belgo Z-700. A proteção completa.

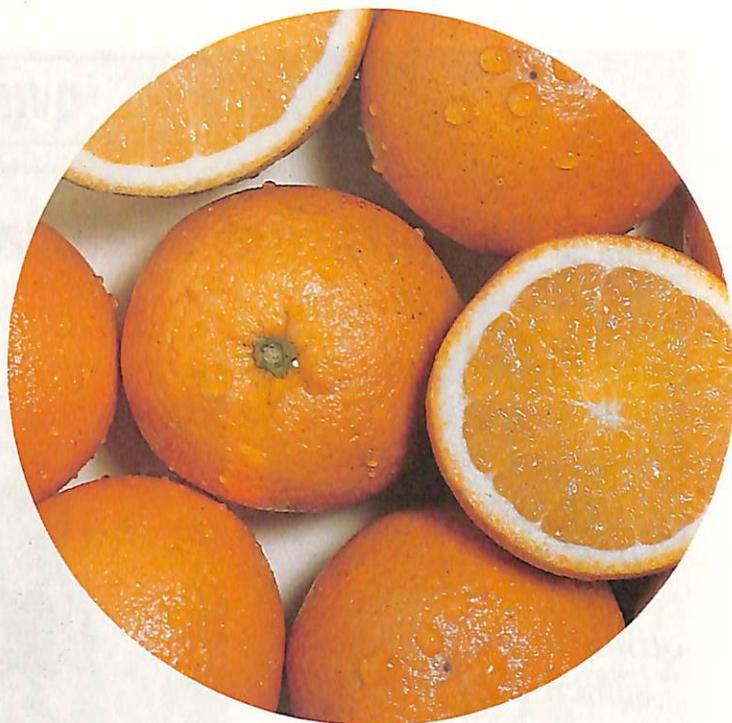


É firme, é forte. É Belgo-Mineira.

CITRUS

A laranja que virou vinho

Quando se fala em vinho, a uva vem à mente. Porém, em Caçapava do Sul, interior do Rio Grande do Sul, Osmar Paixão faz com o suco da laranja esta enebriante bebida



A partir do momento em que o homem passou a utilizar de forma mais criativa a sua inteligência, surgiu o vinho. No entanto, como a criatividade humana não cessa, atualmente esse precioso líquido é feito não somente de uvas, mas também de outras frutas. O agricultor do município de Caçapava do Sul, interior do Rio Grande do Sul, Osmar Peres da Paixão, é um desses iluminados. Em sua propriedade, distante nove quilômetros do centro da cidade, fabrica, de maneira artesanal, vinho de laranjas colhidas no pomar.



Paixão engarrafa o vinho depois do suco fermentar seis meses

O fio que une essa história começou há seis anos. Osmar conta que com o decorrer dos anos foi aumentando sua produção. “Na primeira vez, fabriquei 350 litros, porém, atualmente, já estou produzindo em torno de 3.000 litros.

Paixão afirma que, depois de receber algumas dicas de um vizinho, não teve grandes dificuldades em elaborar a bebida, que, segundo ele, é um bom negócio, pois é bastante procurada por pessoas de várias regiões do Brasil e até do exterior. O preço de cada garrafa de 750ml vale em torno de

CR\$ 200 mil.

Cerca de doze agricultores de Caçapava do Sul fabricam e comercializam vinho de laranja, mas Paixão é o maior produtor. No ano passado, por exemplo, um grupo de turistas europeus foi a Caçapava e comprou vários engarrafados, que foram levados para o Velho Mundo. Porém os principais consumidores ainda são os próprios moradores, os quais adquirem o produto na feira municipal, que acontece aos domingos.

Época da safra — A partir do dia 15 de junho, Osmar dá início a sua produção. “Só depois que as laranjas estão bem maduras, começo as espreme-las para retirada do suco”, explica. Essa preocupação do vinicultor é atestada pelo técnico Takuo Hashizume, do Instituto de Tecnologia de Alimentos (Ital), entidade ligada à Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo. “Neste ponto, as laranjas encontram-

se ricas em açúcar, elemento necessário para a bebida atingir o grau alcoólico adequado”, confirma Hashizume. Além disso, o técnico destaca que é fundamental a escolha de frutos saudáveis, ou seja, livres de podridão e do ataque das moscas-das-frutas.

Embora desconheça os pormenores da ciência, Osmar Paixão produz vinhos seco e suave de ótima qualidade, ambos apresentando coloração branco-amarelada. A quantidade de açúcar de cana adicionada ao suco de laranja é o que diferencia o processo de elaboração dos dois tipos de vinho, revela Osmar. “Na fabricação do seco, uso uma calda contendo 40 quilos de

açúcar e, no suave, uma calda com 60 quilos de açúcar”, finaliza o produtor. ☞



Paixão dá a receita

Ingredientes:

200 litros de suco de laranja

40 litros de água

60 quilos de açúcar de cana (vinho suave)

40 quilos de açúcar de cana (vinho seco)

Modo de fazer

1 - Espremer as laranjas para retirada do suco.

2 - Coar o suco.

3 - Através da fervura (20 minutos) de açúcar e água, fa-

plástico.

5 - Fechar o tambor, porém deixar um respiro na tampa, para eliminação dos gases provenientes da fermentação da mistura.

6 - Após seis meses, retirar o vinho, que está pronto para ser consumido, a fim de engarrafá-lo. A retirada deve ser feita pela parte superior, pois, assim, a borra mantém-se no fundo do tambor.

zer a calda.

4 - Misturar a calda com o suco de laranja num tambor

I. A. intra-uterina acelera melhoramento genético

A inseminação artificial intra-uterina por laparoscopia, desenvolvida na Austrália em 1982, otimiza o emprego de sêmen congelado em ovinos

Méd. Paulo Aginsky



Prática: ovelha na mesa operatória, em decúbito dorsal, sendo inseminada com sêmen congelado

Na moderna criação de animais, cada vez mais se buscam técnicas avançadas para aumentar a produtividade dos rebanhos. Entre essas, a inseminação artificial e controle reprodutivo dos ovinos constituem, hoje, os meios mais eficazes para obter-se um melhoramento genético acelerado na totalidade dos animais trabalhados.

Assim sendo, a inseminação artificial é empregada com sucesso dentro do objetivo principal de possibilitar a difusão do patrimônio genético dos melhores machos disponíveis no maior número possível de fêmeas.

Existem diferentes métodos, empregados conforme as circunstâncias dos criatórios. A inseminação por via cervical, com sêmen fresco ou refrigerado, é muito difundida nos maiores centros produtores de ovinos do mundo, com bons resultados de fertilidade. Em países como a França, esse método possibilita a disseminação da genética de carneiros comprovadamente melhoradores em milhares de rebanhos situados próximos às centrais de inseminação e controle de reprodutores. Entretanto, quando se trata de sêmen congelado, a inseminação

por via cervical não atinge índices satisfatórios de fertilidade. Isso é devido, principalmente, à dificuldade de transporte do sêmen através da cerviz do aparelho genital da ovelha e à perda de qualidade que sofre o material durante o processo de congelamento.

No entanto, as técnicas de congelamento são muito valiosas no que diz respeito ao resguardo do patrimônio genético dos melhores reprodutores, bem como para a conservação do sêmen, no caso de exportação para outros núcleos produtores.

Exatamente com o objetivo de melhorar os resultados obtidos com o uso do material congelado, a inseminação intra-uterina por laparoscopia, em ovinos, foi desenvolvida na Austrália em 1982, mas foi em 1987 que a Ovicon trouxe essa técnica da França, realizando os primeiros experimentos no Brasil. Hoje, o processo já está relativamente difundido, existindo várias equipes atuando no País.

Basicamente, a inseminação intra-uterina visa à deposição do sêmen diretamente nos cornos uterinos da ovelha, eliminando a necessidade de sua passagem através da cerviz. Além disso, existe uma economia significativa

na dose de sêmen utilizada, o que praticamente multiplica por dez o aproveitamento desse sêmen, em relação à inseminação cervical.

As ovelhas jejuam doze horas, a fim de diminuir o volume abdominal

Para realizar a inseminação por laparoscopia, é preciso observar os procedimentos descritos a seguir. Primeiramente, as fêmeas devem ter seu ciclo sincronizado artificialmente. Para isso, é colocada uma esponja que contém um gestágeno (progesterona sintética) no fundo da sua vagina, com o fim de bloquear momentaneamente o ciclo estral. Após 14 dias, a esponja é retirada e aplica-se uma injeção intramuscular de gonadotrofinas (FSH e LH), para estimular a aparição do cio e da ovulação na ovelha tratada, que será inseminada entre 56 e 58 horas após a injeção. Essas fêmeas devem passar por um jejum prévio de doze horas, antes da inseminação, para que ocorra uma diminuição do volume abdominal, facilitando, assim, a operação. ▶

EXISTEM ALGUNS LUGARES ONDE A COBRANÇA BANRISUL AINDA NÃO CHEGA.

POR ENQUANTO.

Tem gente que faz de tudo para fugir da Cobrança Banrisul. Porque ela é ágil, eficiente e confiável. A Cobrança Banrisul tem o suporte da maior rede de agências do Estado e de mais de 600 cidades espalhadas pelo país, com atendimento direto. E você tem a facilidade de escolher entre vários tipos de cobrança, desde a campeira até por

meios eletrônicos. A sorte de alguns devedores é que existem lugares onde a Cobrança Banrisul ainda não chega. Mas isso é uma questão de tempo.

O BANCO FORTE
DOS GAÚCHOS
banrisul
BANCO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, S. A.

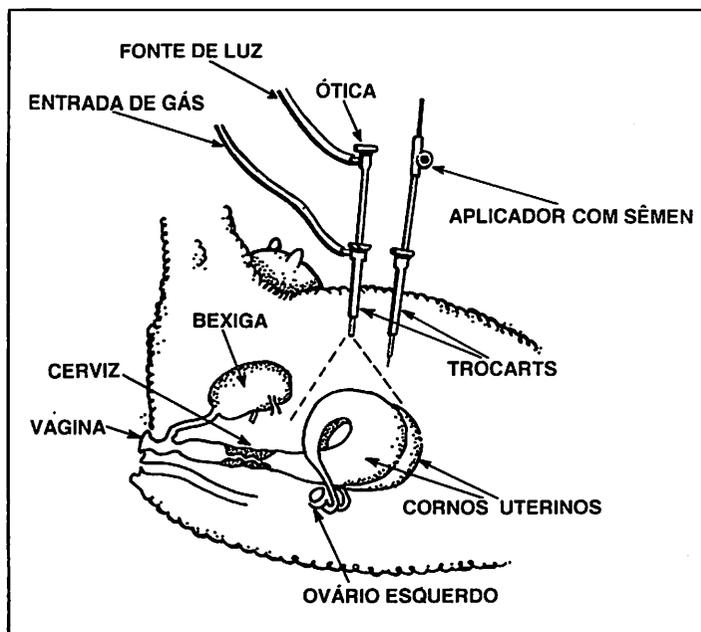
 GOVERNO
DO ESTADO

A ovelha é, então, colocada sobre uma mesa operatória, em decúbito dorsal, e é feita a esquila e desinfecção da área operatória. Duas pequenas incisões, de menos de 1cm, são necessárias para a introdução dos dois *trocarts* — cânulas metálicas com êmbolos pontiagudos, usados para fazer punções — um para a entrada do gás (CO₂) e da ótica (laparoscópio), outro para a entrada do aplicador com o sêmen. A cavidade abdominal da ovelha é insuflada com CO₂, a fim de que se tenha um aumento do campo de visão. Os cornos uterinos são visualizados, e o sêmen é injetado no terço médio de cada um deles, com o auxílio de uma agulha situada na extremidade do aplicador. Após a inseminação, o gás é evacuado da cavidade e é feita a sutura das incisões. Todos esses procedimentos duram de dois a três minutos e não afetam a vida reprodutiva da ovelha. Quanto aos resultados de fertilidade, a inseminação por laparoscopia atinge índices que situam-se entre 50% e 70%, e é, atualmente, a melhor técnica disponível para o emprego de

sêmen congelado.

A proprietária da Cabanha Candelária, no município de Alegrete/RS, Maria do Carmo Jardim Galvão, tradicional criadora de texel, tem utilizado a técnica em seu rebanho. Em dezembro de 1992, foi inseminado um lote de 30 ovelhas em sua propriedade, obtendo-se um resultado de 70% de fertilidade e 115% de prolificidade. A criadora declara estar muito satisfeita com os resultados da técnica e com os produtos obtidos. "Com a inseminação por laparoscopia, temos a oportunidade de utilizar as melhores linhagens mun-

Esquema da I.A. intra-uterina



Fonte: OVICON

diais, por um custo bem mais acessível, sem a necessidade de importar reprodutores, que, além dos altos custos e riscos de importação, ainda podem sofrer problemas de adaptação." Avaliando os resultados obtidos, Maria do Carmo conclui: "Este ano a produção foi excelente e obtivemos uma melhora significativa tanto no plantel puro como no plantel cruza com controle de gerações".

Como o uso da técnica tem custo alto, é recomendada para animais de cabanha

Além da Cabanha Candelária muitas outras têm se servido do método, com bons resultados. E todas as experiências efetivadas atestam que inseminação intra-uterina por laparoscopia possibilita um aproveitamento bem melhor dos sêmens importados das melhores origens genéticas mundiais, acelerando, assim, o melhoramento dos rebanhos brasileiros. Mas, apesar de sua eficácia, a técnica necessita de um equipamento caro, possui um custo operacional ainda alto e precisa de mão-de-obra especializada, o que restringe um pouco sua utilização em rebanhos de cruzamento. Por isso, deve ser recomendada, principalmente, para os trabalhos de melhoramento em plantéis puros que tenham à disposição sêmens de animais de qualidade. ■



**ATENDIMENTO
MÉDICO-ODONTOLÓGICO
AMBULATORIAL E HOSPITALAR
ÀS EMPRESAS E PARTICULARES.**

FONE: 342-4242



Eficiência reconhecida

A SLC S.A. Indústria e Comércio ganhou o Prêmio Exportação 93, da ADVB/RS, devido à liderança no setor de exportações brasileiras de colheitadeiras, com uma participação de 51,6% no volume global de vendas voltadas ao exterior, nos últimos 12 meses. Esse percentual representa um crescimento em relação ao ano passado, período em que a empresa gaúcha, com sede em Horizontina, contribuiu com 48,9% da comercialização dessas máquinas para o mercado internacional. No desempenho deste ano, somente nas exportações é estimado um faturamento de US\$ 20 milhões, contra os US\$ 14 milhões do exercício anterior.

Sessenta anos da SARGS

No dia 8 de outubro, a Sociedade de Agronomia do Rio Grande do Sul (SARGS) comemorou os seus sessenta anos de fundação, numa festividade que reuniu seus associados no 7º andar do Palácio do Comércio. Na ocasião, foi entregue o título de Mérito Agrônomo de 1993 aos profissionais que se destacaram na sua comunidade. O primeiro presidente desta sociedade, em 1933, sr. Geraldo Nunes Vieira, esteve presente e saudou a entidade, parabenizando-a e encorajando os participantes a prosseguir no trabalho pela Agronomia. O entomologista Milton Guerra, um dos méritos agrônômicos, falou em nome de seus colegas e da Sociedade, enfocando a necessidade da atuação do agrônomo junto ao agricultor e sua família.

Combate à fome

O I Encontro Regional Sudeste de Ciência e Tecnologia de Alimentos acontecerá de 15 a 19 de novembro, em Juiz de Fora/MG. Numa promoção conjunta das faculdades de Farmácia e Bioquímica da Universidade Federal de Juiz de Fora, esse evento, de caráter nacional, visa promover o intercâmbio, a reciclagem e a busca de alternativas e soluções para a implementação dos Programas Nacionais de Combate à Fome e à Miséria. Na oportunidade, serão desenvolvidas conferências e palestras, além de outras atividades, como cursos, oficinas e grupos de trabalho. A secretaria geral atende pelo telefax (032) 229-3807.

Experiência crioulista

Dirceu dos Santos Pons, um dos mais tradicionais criadores de crioulo e detentor de vários prêmios, inclusive o Freio de Ouro, resolveu transmitir seus conhecimentos aos demais crioulistas e escreveu "O cavalo crioulo, seis décadas de experiência". Com 144 páginas e 145 ilustrações de Berega, trata-se de uma obra prática e acessível, que pode ser utilizada tanto por iniciantes como por aficionados. Foi editada pela Livraria e Editora Agropecuária, de Guaíba/RS, e seu lançamento aconteceu no dia 7 de outubro, durante a Exposição de Bagé/RS.

Aula sobre cooperativismo

A Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) e a Cooperativa de Crédito Rural/RS (Cocecrer) assinaram um convênio para prestação de serviços técnicos, com a finalidade de elaborar um projeto pedagógico sobre cooperativismo, voltado às escolas de primeiro grau gaúchas. Para tanto, a universidade vai produzir uma apostila para educadores; mostra fotográfica; folder e cartaz para divulgação, bem como cursos de treinamento e saídas a campo.



Destaque agrônomo

A Associação dos Engenheiros Agrônomos do Estado de São Paulo concedeu a medalha "Fernando Costa" a Kurt Kissmann, 60 anos, como destaque na área agrônoma. Ele é natural de Não-me-Toque/RS e, há mais de 23 anos, trabalha na Basf Brasileira, sendo o primeiro com atuação numa empresa privada a receber tal distinção. Formado pela Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Paraná, é o autor de "As plantas infestantes e nocivas", considerado um dos trabalhos mais completos, em termos de Brasil, nessa área. A obra, com dois tomos impressos em português pela Basf da Alemanha, terá seu terceiro volume concluído em meados do ano que vem.

Parasita controlado

Cerca de 60 pesquisadores de parasitologia participaram do Simpósio Técnico da Cyanamid, realizado no dia 14 de outubro, em São Paulo. No evento, o gerente técnico da Cyanamid para a América Latina, dr. Maurício Bulman, apresentou as vantagens do uso do Moxidectin (princípio ativo do Cydectin) no combate aos parasitas dos bovinos e ovinos, destacando a importância do controle prolongado, obtido com a utilização do produto. O diretor da divisão de saúde e nutrição animal da Cyanamid Química do Brasil, dr. Fernando Heiderich, encerrou o simpósio lembrando que o novo desafio dos agropecuaristas brasileiros é apostar no controle prolongado de endo e ectoparasitas, para aumentar a produtividade da pecuária nacional.

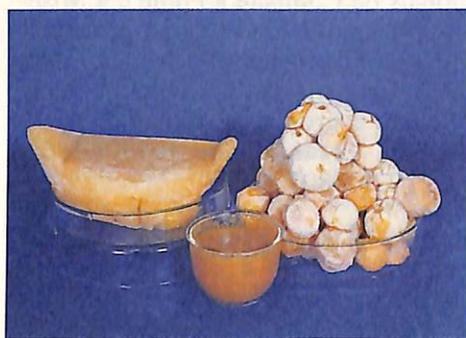
Acerola em perigo

O cultivo da acerola no Brasil está em plena fase de expansão no Distrito Federal e Estados vizinhos, onde a produção tem o mercado externo como objetivo final. Recentemente, para preocupação dos produtores, foi encontrado o nematóide-das-galhas *Meloidogyne incognita*, em forte ataque a mudas de acerolas em viveiros da região e em mudas de origem desconhecida, comercializadas por vendedores ambulantes. Essa moléstia é considerada um dos mais importantes patógenos em Porto Rico, Estados Unidos (Flórida) e Havaí, países onde tem provocado fortes danos, com elevadas perdas econômicas em plantações comerciais desenvolvidas em solos mais arenosos.

Ravi Sharma, pesquisador do Centro de Pesquisa Agropecuária dos Cerrados (CPAC), descobriu que as bactérias *Bacillus thuringiensis* e a variedade *B. israelensis*, normalmente empregadas no combate biológico de insetos, podem agir de maneira eficiente contra o nematóide-das-galhas. Testes executados com plantas de cevada acusaram uma redução significativa, com a aplicação dos bacilos. Sharma conta que, após a colocação das bactérias em cultivos de acerolas contaminadas, obteve índices de controle que variaram de 53% a 66%. "O *B. thuringiensis* aparece como uma nova alternativa para fulminar o parasita, seja em forma isolada, como numa integração via rotação de culturas, seja empregando variedades de plantas mais resistentes ou tolerantes."

Popularização de fruteiras

Frutas nativas da região dos Cerrados, nos próximos anos, poderão ser tão conhecidas e consumidas como a banana, a maçã ou o amendoim. No Centro de Pesquisa Agropecuária dos Cerrados, da Embrapa/DF,



os pesquisadores selecionaram oito frutas (araticum, baru, cagaita, jatobá, pequi, gueroa, buriti e mangaba) que permitem a produção de bolos, geleias, farinhas e licores, além de serem consumidas *in natura*. As espécies possuem sabor agradável e a vantagem de completa adaptação ao clima e solo pobre dos Cerrados. A pesquisadora Semíramis Almeida acredita que a preservação das espécies nativas em extinção e seu aproveitamento, como alternativa alimentar e comercial, vão permitir o aumento de renda dos pequenos e médios produtores rurais.

Novos lançamentos

A Asgrow do Brasil Sementes, através de sua Estação Experimental de Hortaliças, em Paulínea/SP, está prevendo o lançamento, em 94, dos seguintes produtos: abobrinha; alface americana; semente peletizada VPE 500 (novo processo); cebolas tropicais; melancia sem sementes; melões do tipo amarelo valenciano; pimentões vermelho e amarelo; repou-

lho; couve-flor; brócolis; tomates e abóbora japonesa. Além do grande volume de novos produtos e da evolução tecnológica que eles significam, comparativamente aos existentes, a Asgrow capacita contínua e tecnicamente seu sistema de distribuição, principal fonte de orientação a produtores sobre o cultivo correto das sementes que produz.

Agricultura sustentável

O Wye College, Universidade de Londres, criou recentemente o curso de mestrado em Agricultura Sustentável, com ênfase no manejo do solo. Para maiores informações, entrar em contato com The Register Wye College, University of London Wye, Ashford, Kent TN25 SAH — England, ou com a Associação de Agricultura Orgânica, situada na Av. Francisco Matarazzo, 455, CEP 05001-300, São Paulo, fone (011) 263-8013.

Ensinando a plantar

Uma série de títulos que apresentam as principais recomendações técnicas com relação a hortaliças e fruteiras diversas, a "Coleção Plantar", é colocada à disposição do público pela Embrapa.

Clima, principais variedades, épocas de plantio, preparo do solo, calagem e adubação, irrigação, controle de pragas e doenças, medidas preventivas, uso correto de agroquímicos, cuidados pós-colheita e comercialização são temas desenvolvidos pela coleção. A cultura do alho, da lentilha, da ervilha e da mandioquinha-salsa são títulos já lançados. Maiores esclarecimentos podem ser adquiridos junto ao Serviço de Produção de Informação (SPI), SAIN — Parque Rural, W3 Norte, subsolo, Caixa Postal 040315, CEP 70770-901, Brasília/DF, fone (061) 347-4991.

Confusão híbrida

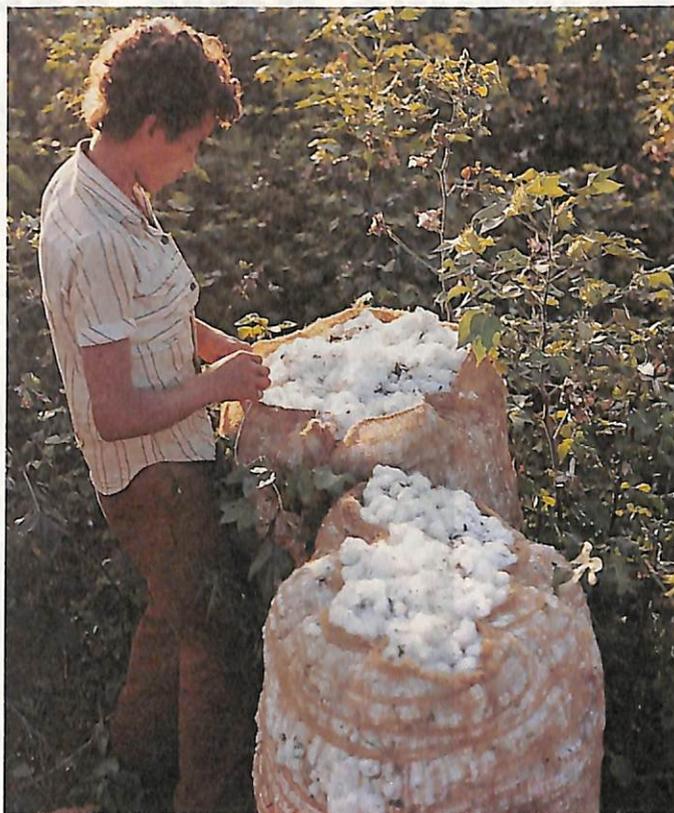
Há mais de oito anos, a Estação Experimental de Lages, da Secretaria da Agricultura e Abastecimento/SC, conduz experimentos de cultivares de milho para produção de grãos e silagem. E um dos objetivos é gerar resultados que orientem o agricultor na escolha do híbrido mais produtivo e adequado às suas condições de clima e solo. Apenas no biênio 92/93, foram testados 88 materiais, 60 cultivares de porte baixo ou precoce, e outros 28 de alto, com a seleção de 15 cultivares. A existência de vários tipos de milho no comércio atrapalha no momento de decidir, garantem os técnicos.

Troca-troca

As sementes nativas de seringueiras, dendê e fruteiras tropicais serão coletadas por pesquisadores do Brasil e da Malásia, por meio de expedições conjuntas, de janeiro a março de 94, pela Bacia do Rio Negro e parte sul do Rio Amazonas. O acordo foi firmado entre a Embrapa e Institutos de Pesquisa daquele país, sendo que os volumes colhidos serão divididos em partes iguais. A Malásia doará, em contrapartida às sementes brasileiras, clones de elite de última geração de seringueiras, material melhorado de dendê e, ainda, fruteiras originárias do Sudeste asiático.

Algodão subsidiado

A subvenção do preço de venda de sementes certificadas aos produtores de algodão de São Paulo faz parte do recém-criado "Programa de Revitalização da Cotonicultura", promovido pela Secretaria de Agricultura e Abastecimento, absorvendo verbas da ordem de US\$ 5 milhões neste ano agrícola de 93/94. O secretário Roberto Rodrigues informa que a finalidade é garantir uma melhor remuneração ao cotonicultor e, ainda, a conseqüente manu-



tenção de milhares de empregos no campo, tendo em vista que essa cultura exige uma expressiva mão-de-obra.

As áreas prioritárias beneficiadas são o Pontal do Paranapanema, Nova Alta Paulista e Região Oeste de São José do Rio Preto. O programa visa alcançar uma área plantada de 250 mil hectares, beneficiando 40 mil agricultores paulistas, com a instalação de 600 postos de comercialização de sementes espalhados por 300 municípios. Esse subsídio poderá ser estendido a outros Estados, entre os quais Mato Grosso, Pernambuco, Bahia e Ceará.

Batata melhorada

Um campo-piloto com o novo cultivar de batata chamado de "Monte bonito" está sendo implantado na propriedade do agricultor Jaci Breda, na localidade de Mato Castelhana, em Passo Fundo/RS. O trabalho vem sendo conduzido pelo

Serviço de Produção de Sementes Básicas (Gerência Regional Sul), da Embrapa, que está prevendo a realização de um dia de campo — ainda sem data definida — para mostrar o novo material aos produtores interessados na cultura.

Segundo Airtton França Lange, gerente da Regional, o "Monte bonito" foi desenvolvido pelo Centro Nacional de Pesquisa de Fruteira de Clima Temperado, em Pelotas/RS, e apresenta como características relevantes a rusticidade e a produtividade. A batata tem película clara, polpa creme, gemas rasas, formato com tendência a redondo e tolerância às doenças *Phytophthora* e *Alternaria*. Caso sejam comprovadas todas essas melhorias, a Embrapa vai ampliar os campos de testes.

Lucro com milho

O custo total de um hectare de milho, no Mato Grosso do Sul, com base em custos fixos e variáveis, deve girar em torno de US\$ 500, para a presente safra. A fim de cobrir esse patamar, a produtividade média indicada pelos técnicos precisa ser superior a 4.600kg/ha. Em condições normais de produção, garantem, é possível ultrapassar esse índice e chegar a 6.000kg/ha, o que significa lucro com o plantio do grão. Maiores detalhes podem ser obtidos junto à Embrapa de Dourados/MS, pelo fone (067) 421-0411, ramal 138.

Avicultura deve continuar crescendo em 94

A avicultura brasileira, que, junto com o milho e a soja, forma o tripé que hoje é a base de um dos mais modernos e verticalizados setores do agríbussines nacional, vai produzir, neste ano de 1993, um recorde de mais de três milhões de toneladas de carne de frango, já quase empatando com a produção de carne bovina. É um crescimento de 9% sobre o ano passado, muito superior ao previsto incremento do PIB, como a provar mais uma vez que o Brasil funciona, sim, apesar de seus governos. E nem se pode dizer que isso acontece porque, afinal, todos precisamos comer. Não está aumentando também a produção de automóveis?

O fato é que há consumo. Apesar de os preços se mostrarem relativamente elevados, puxados pela carne bovina. O preço do frango vivo andava por volta de 70 centavos do dólar em outubro. Um nível historicamente bom, depois de chegar a atingir 85 centavos há alguns meses. Se existe consumo a tais preços, é porque há renda. E estamos falando em renda interna, não do consumidor de Primeiro Mundo. Pois é o consumo interno que está sustentando esse crescimento da produção de frangos, e não a exportação, esta eivada de barreiras e subsídios que estão dificultando uma boa colocação do produto brasileiro. Ou seja, tudo coisas que soam, à primeira vista, espantosas para um país com tal grau de crise, como este em que vivemos.

E não vai ficar nisso. Já para 1994 se antecipa novo crescimento: a produção de frango vai continuar em alta, embora em ritmo menor, que se imagina entre 3% e 5%, no mínimo.

Crescimento do consumo interno mesmo com preços elevados. Como



se explica? A resposta é óbvia: há realmente melhora do poder aquisitivo. Na verdade, vêm ocorrendo algumas mudanças profundas no nível da renda nacional que não podem ser ignoradas e que decorrem das alterações progressivas na política salarial, especialmente em relação ao salário mínimo.

A produção de carne de frango está aumentando, tanto nos países ricos como nas nações em desenvolvimento

Até o início do ano passado, o salário mínimo comprava apenas 55 quilos de carne de frango. Nos primeiros meses de 1993, a relação já era de 65 quilos (relação com base sempre no preço do frango resfriado no varejo). Em maio, com a reavaliação real do salário mínimo e reposição de perdas,

essa relação chegou a bater em 97 quilos. Embora não se sustentando nos meses seguintes, a média dos primeiros nove meses deste ano chega a 70 quilos por salário mínimo, acima da média do mesmo período, em 1992, que foi de 64 quilos.

Para 1994, a continuidade da expansão na produção, ainda que em ritmo menor, estará relacionada à manutenção dos efeitos da reposição salarial e ao fato de ser um ano eleitoral. Mas há outros fatores positivos a considerar: a tendência de contínua, embora lenta, recuperação da economia brasileira e mundial, e a expectativa de queda nas taxas de juros.

Tendência mundial — Trata-se, de qualquer forma, de uma tendência mundial. Enquanto a produção internacional de carne bovina mostra-se estagnada, a de frango segue crescendo, tanto nos países desenvolvidos como nas chamadas nações em desenvolvimento. Em uma produção total de carnes estimada, para este ano, em quase 185 milhões de toneladas, a carne de aves deve colaborar com 44,2 milhões de toneladas, quase 4% acima do ano anterior. Os países em desenvolvimento, caso do Brasil, possivelmente contribuirão com a maior parte desse crescimento, da ordem de 7%, para um novo recorde de 18 milhões de toneladas.

A carne bovina, enquanto isso, limitar-se-á a repetir os 53 milhões de toneladas do ano passado, confirmando a tendência de transformação nos padrões de consumo iniciada nos últimos anos, com a carne de aves efetivamente ganhando cada vez mais espaço na demanda, em detrimento das carnes vermelhas.

Silmar C. Müller



Julio Madeira (centro), esposa e o engenheiro da Ciber

Forrageira automotriz

O inventor Julio dos Santos Madeira, aos 79 anos de idade, após ter batalhado por muito tempo em busca de um fabricante, finalmente vai ver sua obra-prima ingressar na linha de produção. Madeira é autor do projeto de uma forrageira automotriz sem similar no mundo, prometendo revolucionar as técnicas do aproveitamento e conservação de forragens. O inventor informa que o equipamento corta, pica, ensila, desensila e arração. "É ágil, eficiente, versátil e constrói silos seguros, sem a necessidade de obra civil, com apenas um operador." A FA 1000 será fabricada e distribuída pela Companhia Industrial Brasileira de Equipamentos Rodoviários (Ciber) e terá um custo inicial de US\$ 100 mil, podendo ser adquirida via Fimame Rural.

Suínos para iniciantes

O Centro Nacional de Pesquisa de Suínos e Aves (CNPISA) da Embrapa, em Concórdia/SC, lançou "Suinocultura, noções básicas", nº 31 da Série Documentos, com 37 páginas. A publicação traz informações

indispensáveis ao iniciante, porém os autores alertam que é necessário aprofundar-se nos conhecimentos, com a orientação técnica e a consulta a outras referências bibliográficas. Informações pelo fone (0499) 44-0122.

Mombaça

Uma nova gramínea forrageira da espécie *Panicum maximum*, batizada de Mombaça, foi lançada pelo Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Corte, unidade da

Embrapa, em Campo Grande/MS. A planta é originária da África e foi coletada pelo *Institut Français de Recherche Scientifique pour Développement en Coopération (Orstom)*. A comercialização das sementes está sendo preparada pelo Serviço de Produção de Sementes Básicas, da Embrapa, em Brasília, e elas estarão disponíveis ao produtor a partir de agosto de 94.

Produtor sem terra

Que tal ser pecuarista sem ter, ao menos, um metro de terra ou, tampouco, precisar arrendá-la? Essa é a proposta que Paulo Roberto de Andrade, diretor da Fazendas Reunidas Boi Gordo, em São Paulo, faz a investidores, para que entrem no sistema de engorda de bois. Andrade, pertencente à família tradicional de pecuaristas, dispõe de sete fazendas, sendo cinco em São Paulo e duas no Mato Grosso. Mais de 500 pessoas, entre empresários, médicos ou engenheiros, aceitaram o convite, tendo assegurada a isenção de quaisquer riscos, a garantia do peso na hora da venda e até a cobertura, no caso da eventual morte de algum animal. Todos os meses, sai

um extrato com informações do ganho de peso que o gado vai adquirindo. Além disso, os pecuaristas da cidade podem visitar regularmente a propriedade.

Criatórios alemães

O superintendente técnico da Associação dos Criadores de Gado Holandês/RS, José Luiz Rigon, esteve durante 13 dias visitando criatórios na Alemanha, a convite da ZVK-Zuchtvieh-Kontor. Essa empresa, com sede em Munique, exporta anualmente mais de 27 mil animais, entre eles 18 mil da raça holandês; cinco mil fleckvieh e dois mil pardo suíço. Rigon acompanhou uma comitiva de técnicos e criadores de Santa Catarina, que adquiriram 120 exemplares, entre holandês e fleckvieh, bem como foi o representante da Secretaria da Agricultura e Abastecimento/RS, como observador do estágio de desenvolvimento da pecuária leiteira alemã, visando futuros negócios para os condomínios rurais.

Os criadores alemães, disse Rigon, têm um excedente alimentar de, pelo menos, oito meses. "A comida está sobrando sempre, tendo por base a silagem (milho, aveia, azevém ou qualquer gramínea) e o feno. Os campos são plantados anualmente, e toda a matéria orgânica é transformada em adubo para as culturas. "O nosso problema é justamente alimentação, porque asseguro que os animais de ponta brasileiros são melhores do que os alemães", conclui Rigon.

Registro genealógico

O Ministério da Agricultura, do Abastecimento e da Reforma Agrária e as Associações Delegadas para a execução dos serviços de registro genealógico estarão discutindo a modernização desses serviços, em Campinas/SP, no período de 22 a 25 deste mês, durante a realização do I Seminário Nacional sobre Registro Genealógico dos Animais Domésticos. A programação do evento prevê também a apresentação dos sistemas de registro genealógico utilizados na Argentina, Canadá e Itália.



Telão milionário: as vendas do remate totalizaram CR\$ 22 milhões

■ Gado sai da pista e entra na tela

Um público superior a 700 pessoas, formado por pecuaristas gaúchos, catarinenses, paranaenses e paulistas, presenciou o 1º Remate no Telão, ocorrido dia 1º de outubro, na Estância do Minuano, em Santa Maria/RS. Na telinha, desfilaram 1.053 animais, com a venda total da oferta, onde os lotes, entre 20 a 40 animais, mal eram anunciados pelo leiloeiro Pedro Burtet, da Agropecuária Cacique, e seguia-se o lance. A arrecadação final alcançou CR\$ 22 milhões, e a média geral, CR\$ 21 mil.

O empresário e pecuarista Édson Burmann, diretor da Força Rural, uma das empresas promotoras do evento, afirmou que a iniciativa superou todas as expectativas. "Comprovamos a seriedade e, ao mesmo tempo, a segurança desse tipo de negócio, em que vendedor e comprador saíram satisfeitos. Em síntese, num contexto maior, o próprio segmento da pecuária está de parabéns pelo sucesso do empreendimento, que deverá acontecer mensalmente."

Um dos maiores compradores foi o produtor Paulo Afonso Ribas Reis, de Cruz Alta, Rio Grande do Sul, que adquiriu 92 animais, entre os quais terneiros, novilhas e vacas. Em seguida,

figuraram os também gaúchos Izavas Tolio, de Santa Maria; Orli Wenning, de Itaqui e José Valmir Martins, de Triunfo. O lote que registrou maior valor era composto de vaquilhaonas e saiu por CR\$ 32 mil cada exemplar. O pecuarista Gilberto Machado, de São Gabriel/RS, um entusiasta da idéia, considerou o remate como o maior evento do gênero no País. "Algo semelhante só assisti no Texas, EUA", revelou.

■ Appaloosa

No 6º Leilão Arizona Centenário, da raça appaloosa, realizado em 30 de setembro, no Parque Água Branca, em São Paulo, foram comercializados 33 cavalos e cinco coberturas. A média de preços ficou em US\$ 5,8 mil, e o destaque foi o potro de 25 meses "Belduino LRV", arrematado por US\$ 63,43 mil pelo Haras Emoção, de São Paulo. Filho de pais importados dos EUA, o animal pertencia ao Haras Estância Irapuã/SP.

■ Garanhão por US\$ 153,8 mil

A raça árabe experimentou dois novos recordes em vendas e média de preços durante o leilão da Agropecuária Omar Guazelli, do empresário paulista Omar Guazelli, ocorrido no último dia 3 de outubro, no Hotel Palace/SP. O garanhão "Etat" saiu pela importância de US\$ 154 mil, adquirido pelo Haras Inforpress. O animal já produziu 40 filhos campeões nos EUA, Europa e Brasil. Mesmo assim, o maior valor de todos os tempos continua pertencendo a "El Shaklan" (US\$ 460 mil), por ocasião do 5º Leilão de Liquidação Total da Fazenda Santa Gertrudes, de Nagib Audi. A média geral ficou em US\$ 21,4 mil, para uma arrecadação total de US\$ 907 mil, com a venda de 42 equinos.

■ Expande

Um público de aproximadamente 80 mil pessoas é aguardado para participar da XIII Exposição Estadual de Animais e Produtos Derivados (Expand), de 6 a 21 de novembro, no Água Funda, em São Paulo. A promoção é da Agrocentro, nova administradora do parque, e da Secretaria da Agricultura e Abastecimento. Inúmeras raças serão exibidas, representadas por mais de 5.000 exemplares, pertencentes a 600 criadores, sendo que vários leilões estão programados para os 16 dias de exposição.

■ Árabe no Palace

O Haras Capim Fino, de Paulo Roberto Levy, em conjunto com outros selecionadores da raça árabe, promoveu o leilão *Hall of fame*, dia 19 de outubro, no Palace/SP. Ao todo foram 40 lotes, sendo sete de Levy, que resultaram num montante de CR\$ 43,5 milhões ou US\$ 290 mil. O animal mais valorizado foi "Yankee Daisy FHP", criação da Fazenda e Haras Paulista, que saiu para Mauro Zanco Lourenço/SP, por CR\$ 8,9 milhões (US\$ 59,7 mil). A média do leilão ficou em CR\$ 1,11 milhão (US\$ 7,5mil).

■ Nelore "VR"

Torres Homem Rodrigues da Cunha, proprietário da tradicional marca "VR", Fazenda Cafezinho, em Aracatuba/SP, acolheu cerca de mil neloristas que participaram, recentemente, do V Leilão VR. Nesse evento, considerado uma rara oportunidade de adquirir animais integrantes da elite do nelore brasileiro, foram vendidos 203 exemplares, gerando um faturamento de US\$ 1,2 milhão, o dobro da edição anterior.

A Agropecuária Lucídio Coelho, do Mato Grosso do Sul, se destacou nas compras, arrematando 17 exemplares pela soma de CR\$ 11,6 milhões. Com apenas 1 ano e nove meses de idade, o bezerro "Janagar" alcançou um dos principais valores do leilão (CR\$ 1,3 milhão), comprado pela Companhia Agropastoril Fazenda Floresta, de Lins/SP.

Nova Índia — Outra chance para aprimoramento de plantel foi dada no dia 9 de outubro, por ocasião do 10º Leilão Nova Índia, em Uberaba/MG. Ao todo, houve a transação de 50 lotes, entre os quais oito embriões, somando US\$ 284 mil, com a média de US\$ 5,8 mil para animal, e US\$ 9,4 mil, para embrião. A novilha "Bilara V PO da Nova Índia", que pertencia a Lúcio Costa, saiu para a Fazenda

Ubá, do Rio de Janeiro, pelo considerável valor de US\$ 22 mil, que inclusive figurou como o principal. A organização e divulgação deste evento esteve sob a responsabilidade da Plu-bique, de São Paulo.

■ Elite em pista

Os leilões de primavera no Rio Grande do Sul seguem de vento em popa. No último dia 20 foi a vez do Remate Tellechea Associados, no Local Umbu, em Uruguaiana. Ali foram negociados 783 animais, representando um volume de CR\$ 34,2 milhões. O principal comprador foi o criador gaúcho José Moacir Teixeira, arrematando 158 vaquilhaonas brangus ibagé por CR\$ 9,1 milhões, média de CR\$ 58 mil. Já o produtor paulista José Mário Junqueira Neto, de Orlandia, comprou 14 vaquilhaonas aberdeen angus e 11 touros brangus, sendo essa a principal venda para outro Estado. Além de bovinos, desfilaram em pista eqüinos crioulo e ovinos corriedale, ideal, suffolk e ile de france.

Azul — O Remate Cinco Estrelas, do Grupo Cabanha Azul, de Quaraí/RS, realizado no dia 19 de outubro, chegou a US\$ 333 mil, com a venda de 95% da oferta de bovinos e crioulos, divididos em 150 aberdeen

angus, 60 polled hereford, 20 devon, 50 brangus, 10 braford e quatro crioulos. O criador mato-grossense Allan Guerra, de Juara, desembolsou US\$ 3 mil pelo touro "Cacique", da raça brangus, duas vezes campeão na Expoin-ter, o maior valor do pregão.

Palmeira — A primeira comercialização de bovinos da raça devon da temporada aconteceu no dia

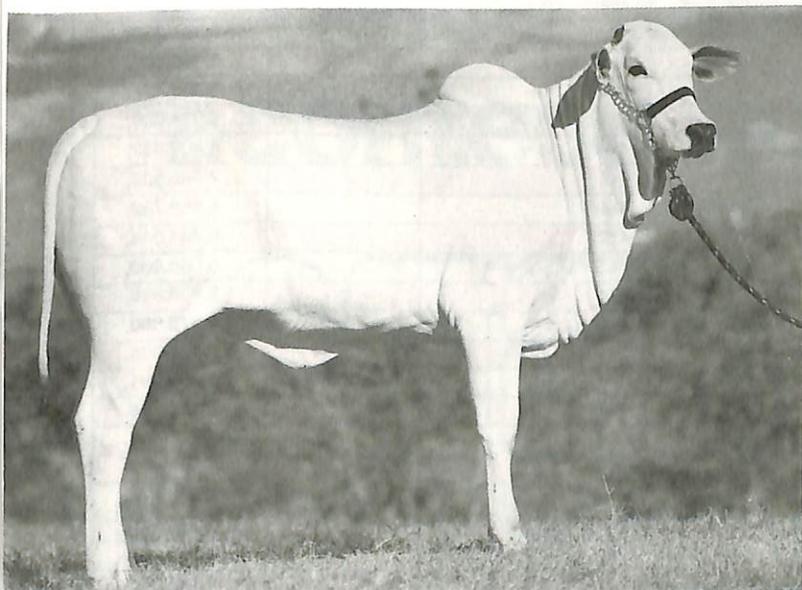
2 de outubro, durante o IX remate da Fazenda Palmeira, de Cláudio Plácido Ribeiro, em Camaquã/RS. O leiloeiro Marcelo Silva comandou o espetáculo, onde foram negociados 133 exemplares de devon e duas éguas crioulas, chegando a CR\$ 19.410.000,00. Ribeiro ficou satisfeito com o resultado alcançado, destacando que permitiu a participação até de criadores pequenos.

■ Expovelha bate recordes

A Exposição e Feira de Ovinos do Estado de São Paulo (Expovelha), em sua sexta edição, ocorrida de 5 a 10 de outubro, em São Manoel, bateu todos os recordes das mostras anteriores. Nos julgamentos, foram inscritos 180 animais, enquanto que, em pista, passaram 246 ovinos, resultando em um faturamento de CR\$ 6,5 milhões, com média geral de CR\$ 26,4 mil (US\$ 177,80). O maior preço, CR\$ 135 mil, ficou para um borrego suffolk PP da Servabis Agropastoril Ltda., de Curitiba/PR, adquirido pelo criador Francisco Ruiz, de Bauru/SP.

■ Expolages

A XXXVII Expolages, que aconteceu de 4 a 10 de outubro, em Santa Catarina, movimentou US\$ 157 mil, com a venda de 117 animais, entre bovinos, eqüinos e ovinos. Somente a raça pardo suíço arrecadou mais de US\$ 75 mil por 43 animais, tendo como carro-chefe o touro "PJ Aguirre King", criação de Paulo Vieira Branco, de Lages, adquirido por Pedro Pedrossian, de Campo Grande/MS, que pagou US\$ 3,6 mil. As demais raças venderam o seguinte: 18 charolês — US\$ 17,3 mil; 10 normando — US\$ 10,3 mil; 6 crioulo — US\$ 9,6 mil; 6 simental — US\$ 5,7 mil. Segundo Adolfo Martins, do escritório Martins Remates, a comercialização atingiu valores superiores às edições precedentes. "Esse fato demonstra, mais uma vez, que, embora a crise instalada no País, a pecuária não pode parar".



"Bilara V PO da Nova Índia": a novilha de 15 meses de idade foi vendida por US\$ 22 mil, preço top do Leilão Nova Índia

ESCOLHA SEU TRATOR

	MODELO	TIPO	RODAGEM	PREÇO		MODELO	TIPO	RODAGEM	PREÇO
AGRALE	4100	HSE-24 ST		1.496.825,	MAXION	MF 235			3.619.782,
	4300	HSE-24		2.634.391,		MF 235 E			3.508.287,
AGRALE/DEUTZ	BX-60			4.682.053,		MF 265			4.482.428,
	BX-4.60			6.010.089,		MF 265 E			4.348.151,
	BX-90			6.157.012,		MF 265/4			6.117.448,
	BX-4.90			8.015.436,		MF 275			5.106.513,
	BX-100			7.276.810,		MF 275/4			6.573.494
	BX-4.110			9.273.365,		MF 272			5.056.131,
	BX-4.130			10.559.286,		MF 290			6.106.193,
	BX-4.130	SH		9.714.544,		MF 290/4			7.585.962,
	BX-4.150			12.610.460,		MF 290RA			4.875.451,
	BX-4.150	SH		11.601.623,		MF 292			6.522.043,
CASE	580H AX			14.662.487,		MF 292/4			8.045.610,
	W 18D			21.558.426,		MF 297			7.119.388,
	W 20D			24.075.022,		MF 297/4			8.534.957,
	W 36D			42.212.163,		MF 299			8.262.730,
	W 30D			34.323.197,		MF 299/4			10.207.289,
	888 CKE			37.189.103,		MF 630			10.163.788,
CATERPILLAR	D4E-SR			14.967.555,		MF 640			11.306.668,
	D6E-SR			21.126.252,		MF 660			13.556.389,
	D5E-DD			30.486.188,	MX 9150			12.211.204,	
CBT	8240			5.905.730,	MX 9170			13.237.452,	
	8440			6.042.599,	TM 12	c/teto solar simples		11.408.170,	
	2105	TMM/STD		6.567.483,	TM 12	c/teto solar duplo		12.017.663,	
	8060	4x4		9.491.303,	TM 14	c/teto solar simples		12.69C.241,	
	8450	4x4		8.290.529,	TM 14	c/teto solar duplo		13.838.156,	
	8060	4x2		7.382.507,	TM 17	c/teto solar simples		15.556.155,	
	8260	4x4		9.491.657,	TM 17	c/teto solar duplo		16.388.483,	
	8240	CC		5.011.798,	TM 25	c/teto solar duplo		18.089.672,	
	8440	CC		5.145.781,	TM 25	cabine/duplo		19.118.797,	
	2105	CC		6.173.432,	TM 31	c/teto solar duplo		24.626.503,	
ENGESA	1128-CF			13.419.247,	TM 31	cabine/duplo		26.460.042,	
	1428-CF			14.377.765,	SM 370	C		7.335.863,	
	923-CF			11.981.471,	SM 400	CR		4.837.718,	
	815-CA			6.709.624,	SM 500	CR		4.902.913,	
	EE-510			17.253.318,					
FORD	4630		16.9/14x30	3.975.198,	VALMET	685	4x2		4.666.277,
	5630		16.9/14x30	4.660.236,		685	4x2F		3.381.360,
	5630	TR	18.4/15x30	6.275.057,		685	4x4F		6.063.123,
	6630		18.4/15x30	5.049.481,		685	4x4		6.365.427,
	6630	TR	18.4/15x30	6.605.431,		785	4x2		5.914.029,
	7630		18.4/15x30	6.076.420,		785	4x2F		6.408.632,
	7630	TR	18.4/15x30	7.680.538,		785	4x4		7.665.522,
	7830	TR	18.4/15x30	8.847.861,		785	4x4F		6.969.782,
	8030	TR	18.4/15x30	9.422.774,		885	4x2		6.764.544,
FIATALLIS	7D			17.475.347,		885	PCR		5.068.860,
	FD9C0			23.704.408,		885	4x4		8.668.828,
	FD9E0			23.704.408,		985	4x2		7.678.860,
	FA120			23.625.817,		985	4x4		9.998.036,
	14CTC0			24.596.036,		1180	4x4		11.292.891,
KOMATSU	14CTE0			29.128.506,		1280	4x2		8.511.108,
	D30E			15.508.065,		1280	4x4		11.526.261,
	D50A			20.935.886,		1580	4x4		14.350.622,
	D60E			32.841.776,	1780	4x4		16.038.776,	
	D60F			39.911.287,	TC 11			1.387.259,	
	D65E			34.283.192,	1040 STD			3.337.684,	
	D73E			38.442.179	1050D STD			4.448.017,	
MÜLLER	8240			5.905.730,	STA. MATILDE				
	8440			6.042.599,					
	2105	TMM/STD		6.567.483,					
	8060	4x4		9.491.303,					
	8450	4x4		8.290.529,					
	8060	4x2		7.382.507,					
	8260	4x4		9.491.657,					
	8240	CC		5.011.798,					
	8440	CC		5.145.781,					
	2105	CC		6.173.432,					

ESCOLHA SUA COLHEDEIRA

	MODELO	TIPO	RODAGEM	PREÇO		MODELO	TIPO	RODAGEM	PREÇO
IDEAL	9070	grão		11.464.597,	N. HOLLAND	TC 55	arroz irrigado		9.579.798,
	9070	arrozeira		10.912.979,		TC 55	trigo e soja		9.718.285,
	9075	grão		12.740.841,		TC 57	arroz irrigado		10.846.260,
	9075	grão turbo		13.442.910,		TC 57	trigo e soja		11.005.640,
	9075	arroz		12.935.401,	SANTA MATILDE	5105			8.774.985,
	9075	arroz turbo		13.648.200,		1200			8.220.743,
LAVRALE	L 300	arrozeira/direto		6.509.041,	SLC	6200	versão básica (S/PC)		6.317.010,
	L 300	p/cereais		6.355.105,		6200 turbo	c/motor turbo (S/PC)		6.925.343,
	L 300	p/milho		7.255.241,		6200 H/4	transmissão hydro (S/PC)		7.553.915,
LEILA	LEILA 2	esteira		4.502.400,		6200 H/4 T	turbo hidrostático (S/PC)		8.162.248,
	LEILA 2	roda		4.020.000,		6200	versão arrozeira (S/PC)		6.569.660,
	LEILA 1	esteira		3.912.800,		6200 turbo	c/motor turbo (S/PC)		7.177.984,
	LEILA 1	roda		3.644.800,		6200 H/4	transmissão hydro (S/PC)		7.806.567,
MASSEY FERGUSON	3640	arrozeira		11.094.383,		6200 H/4 T	turbo hydro (S/PC)		8.414.900,
	3640	grão		10.825.456,		Série 200	plataformas		
	5650	grão		11.425.555,		PC 213	corte 13 pés rígida		1.354.011,
	5650	arrozeira		11.520.267,		PC 216	corte 16 pés rígida		1.368.234,
	5650	grão turbo		12.368.928,		PC 213	corte 13 pés flexível		1.428.706,
	5650	arroz turbo		12.122.999		PC 216	corte 16 pés flexível		1.445.319,
	MX 90	grãos		13.157.823,			controle aut. p/flexível		252.699,
	MX 90	grãos turbo		13.707.923,	PM 3209	p/milho 3 linhas regul.		1.743.774,	
	MX 90	arrozeira		13.235.172,	PM 4209	p/milho 4 linhas regul.		2.371.612,	
	MX 90	arrozeira turbo		13.780.866,	CE 6200	conjunto de esteiras 6R		2.773.914,	
	6845	grão		13.157.823,					
	6845	grãos turbo		13.707.923,					
	6845	arrozeira		13.235.172,					
	6845	arroz turbo		13.780.866,					

OBS: 1) Os preços são posto-fábrica, fornecidos em outubro. 2) Preços para as regiões Sul e Sudeste. 3) Não confirmaram preços: Engesa e Fiatallis

Saiba todo mês o que acontece no agribusiness

agranja

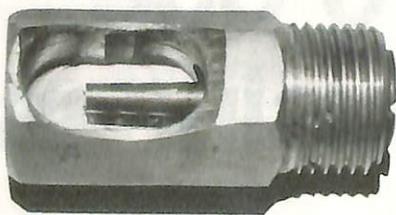
A REVISTA DO LÍDER RURAL

Para assinar
ligue
GRÁTIS
(9051) 233-1810
HORÁRIO COMERCIAL



Volvo na frente

Menor custo operacional, melhora do valor de revenda e segurança são as principais razões para que o caminhão NL Volvo seja o mais vendido do País, entre todas as marcas de pesados com cabine convencional. Conhecido entre os profissionais do volante como "focinhuda", o tipo "N" está inserido num segmento que representa nada menos do que 92% do mercado nacional. Enquanto, de janeiro a agosto, a comercialização de caminhões pesados foi de 9.210 unidades (5.801 em igual período de 92), as vendas da Volvo atingiram 2.837 caminhões, todos de cabine convencional. Volvo do Brasil — Motores e Veículos, Rua Lateral Direita, 2.600, Caixa Postal 7981, CEP 81260-000, Curitiba/PR, fone (041) 271-8101.



Chupeta para aves

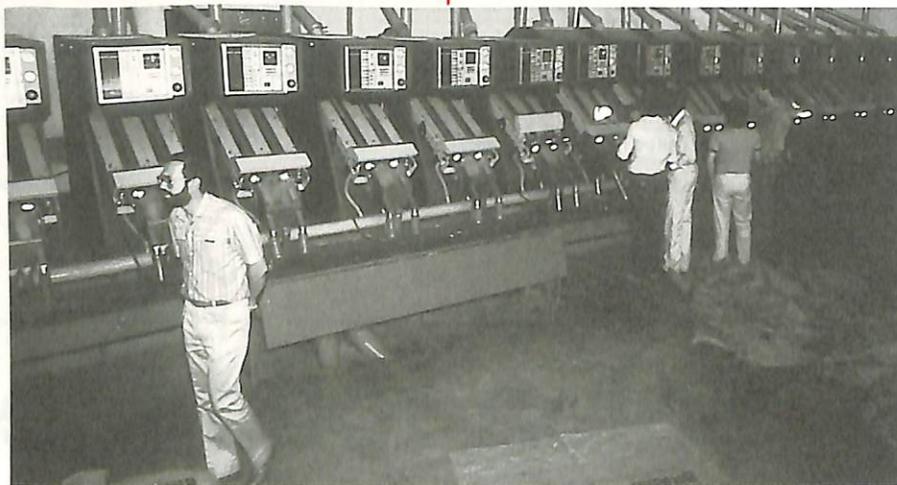
O bebedouro para galinhas poedeiras em forma de chupeta é o recente lançamento da Indústria Mecânica Siri. Cada unidade pode ser acoplada a um conjunto de quatro gaiolas. Ele é de alumínio, com mecanismo em bronze e mola de aço inox. A bitola é de 1/2 polegada. Indústria Mecânica Siri Ltda., Rua Espírito Santo, 524, Caixa Postal 44, CEP 99700-000, Erechim/RS, fone (054) 321-3859.

Liquidando os ratos

A baixa toxicidade encontrada na formulação do raticida Klerat fez com que o Ministério da Saúde o enquadrasse na faixa azul, categoria considerada menos ofensiva ao homem e meio ambiente. A ICI, fabricante do produto, garante ser ele o único capaz de eliminar em uma só dose os roedores. Também é com exclusividade no País que apresenta na composição o ingrediente ativo "brodifacoum", impedindo o desenvolvimento de resistência junto aos ratos ou sequer despertando desconfiança na colônia. Dessa forma, os resultados são superiores, quando comparados aos demais raticidas. Além da formulação bloco-parafinado, ideal para ser empregada em áreas externas, bueiros e plantações, o Klerat é encontrado na



forma de *pellets*, sendo assim indicado para lugares mais secos, tais como armazéns e residências. ICI Brasil S/A, Rua Verbo Divino, 1356, CEP 04719-002, São Paulo/SP, fone (011) 525-2322.



A seleção do grão

A Tecnostral, pioneira na fabricação de seletoras de grãos, considerada a primeira no Brasil e segunda no mundo, desenvolveu em seus laboratórios de pesquisa o Módulo M-20, destinado à seleção de arroz em geral, porém otimizado para o parboilizado. Segundo o fabricante, esse equipamento, dotado de tecnologia de ponta, oferece ao usuário o que há de mais moderno no que diz respeito à seleção eletrônica de grãos. Entre as características que se destacam, estão os comandos básicos comuns a todo o equipamento, independente do número de módulos; maior produção em

espaço mínimo (cada M-20 tem apenas 52cm de largura); sistema interno de transporte de arroz, especialmente projetado para garantir o perfeito alinhamento dos grãos; câmara de análise do produto intensamente iluminada, proporcionando melhor discriminação das diversas tonalidades encontradas no arroz; preciso processo ótico, pelo qual sensíveis componentes eletrônicos examinam o produto; elevado desempenho na re-catação, também conhecida como seleção inversa, e muito mais. Tecnostral S.A., Estrada do Tindiba, 979, Rio de Janeiro/RJ, fone (021) 392-7649.



■ Nova série de lagartas

A família 300 de escavadeiras hidráulicas está sendo lançada no Brasil pela Caterpillar, como aconteceu recentemente nos Estados Unidos, Europa e Japão. Essa série de última geração é composta de versões de 11t a 75t, destinadas aos mercados de construção, mineração, agricultura e à indústria florestal. Já os modelos 320, 320L, 325L e 330L, de 20t, 25t e 30t, estão disponíveis para entrega imediata. Esses equipamentos foram projetados para oferecer condições superiores de produtividade, durabilidade, confiabilidade, mecânica e conforto ao operador. A tecnologia desenvolvida atende sugestões recebidas de clientes no mundo todo. Caterpillar, Rodovia Luiz de Queiroz, Km 157, s/n, CEP 13420-900, Piracicaba/SP, fone (0194) 29-2245, fax 33-5234.

■ Mandrack!

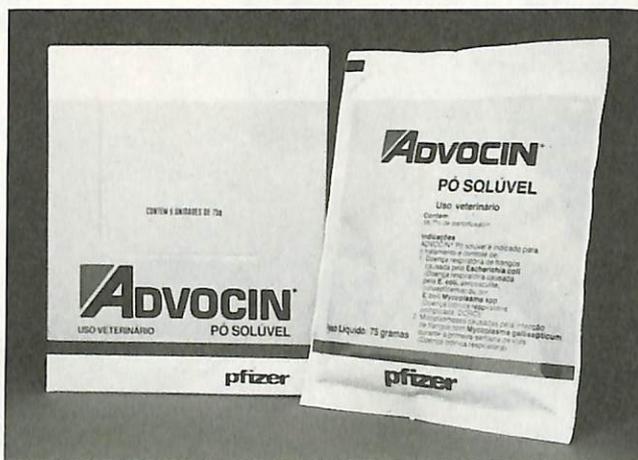
O imobilizador para bovinos, cujo nome comercial é Vicegrip, funciona bloqueando a resposta motora dos animais, através da paralisação dos músculos estriados voluntários. Esse aparelho traz uma nova proposta no manejo de bovinos, aumentando a segurança, a produtividade e a eficiência nas várias práticas comuns na pecuária.

O Vicegrip é indicado para procedimentos como descorna, marcação, castração, suturas, curativos, estética, tatuagem, coleta de material e outras atividades que exigem a imobilização do animal. O equipamento é eletrônico, importado, portátil e funciona



através de bateria (recarregável no próprio isqueiro do carro). Não possui contra-indicações ou efeitos adversos. Ciquisa Farmacêutica Ltda., Rua Conselheiro Travassos, 629, CEP 90230-140, Porto Alegre/RS, fone (051) 222-8042, fax 222-4740.

■ Amplo raio de ação



O antibacteriano Advocin, para aves e bovinos, é o mais novo lançamento da Pfizer. O produto contém o ingrediente ativo *danofloxacin*, que controla

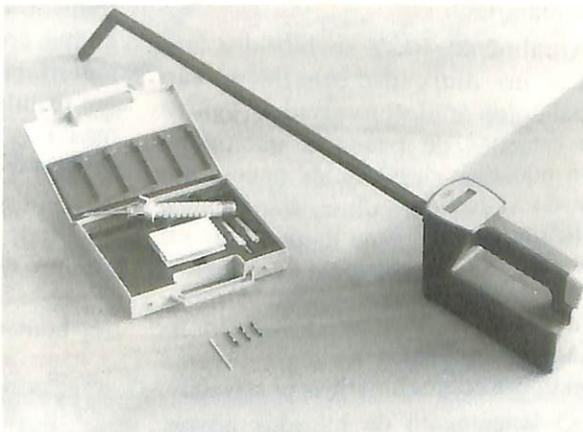
e trata uma grande variedade de moléstias, e é encontrado nas versões pó solúvel (avicultura) e solução injetável (bovinos e suínos). No primeiro caso, dissolve-se facilmente em água, não deixando resíduos nos encanamentos e válvulas de bebedouros. O medicamento entra rapidamente na corrente circulatória, concentrando-se especialmente no pulmão. Laboratórios Pfizer, Av. Tancredo de

Almeida Neves, 1.111, CEP 07190-916, Guarulhos/SP, fone (0800) 11-1919, fax (011) 964-7400.

■ Identificação aérea

Um inédito sistema automático de registro de animais, denominado comercialmente de Sara, acaba de ser colocado no mercado pela Aeroeletrônica, uma empresa do grupo Aeromot. Por meio de um dispositivo (transponder) do tamanho de um palito de fósforo, aplicado sob a pele do animal, são emitidos os dados de identificação, tais como: data de nascimento; everminações; banhos carrapaticidas; sexo; pelagem; filiação; parição; pesagens periódicas; dentição, entre ou-

tras. Essas informações, contidas nas unidades de leitura, são enviadas para um computador e trabalhadas em um banco de dados. Aeroeletrônica, Indústria de Componentes Avionicos S/A., Av. Seratório, 4.400, Caixa Postal 8031, CEP 91040-620, Porto Alegre/RS, fone (051) 341-5211, fax 341-5973.



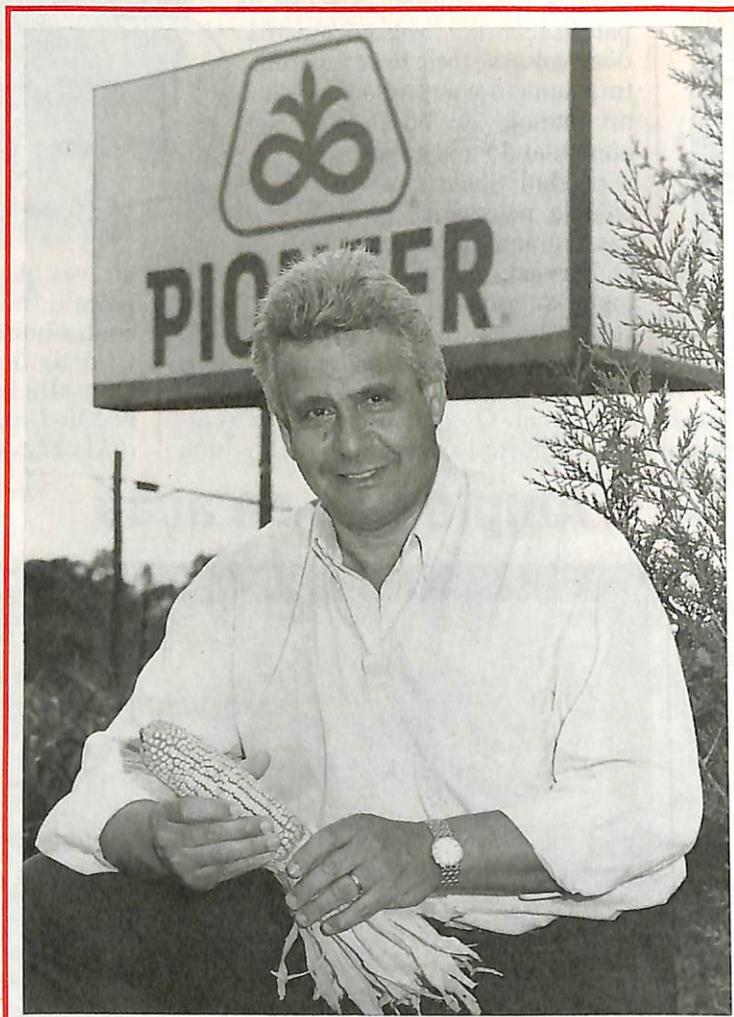
Pioneirismo em híbridos

A Pioneer Sementes, uma subsidiária da Pioneer Hi-Bred International Inc., com matriz em Johnston, Iowa, Estados Unidos, surgiu em 1972 como a primeira empresa no Brasil (Proagro-Pioneer S/A) a atuar no ramo de sementes híbridas de milho precoce, de porte baixo, sendo considerada uma verdadeira revolução tecnológica à época.

Nesta primeira etapa, apenas a multiplicação dos híbridos era feita no País, a pesquisa se limitando a avaliações locais dos materiais aqui chegados. Porém, a partir de 1974, teve início um programa de estudos, com sede em Santa Cruz do Sul/RS, expandindo-se posteriormente para outros pontos do Brasil, acompanhando o crescimento das fronteiras agrícolas. Hoje, existem estações também em Londrina/PR e Itumbiara/GO.

Atualmente, todos os híbridos lançados no mercado brasileiro são trabalhados e desenvolvidos dentro das estações de pesquisa nacionais, com materiais voltados às necessidades do nosso agricultor. Para tanto, utilizamos os recursos disponíveis no Banco de Germoplasma da Pioneer, o maior banco privado em nível mundial, local em que se encontram linhagens adaptadas às mais severas condições edafoclimáticas possíveis.

O lançamento de híbridos novos,



Carlos Mariano Dias, diretor nacional de marketing da Pioneer Sementes

como o 3041 e 3051, específicos para o Brasil Central, região em que o problema da ferrugem está criando sérios transtornos à cultura do milho em algumas áreas, devido à inexistência de materiais mais tolerantes, é apenas um exemplo da importância de podermos nos valer desse valioso recurso sempre que for preciso.

A Pioneer, atualmente em nível mundial, possui dentro dos seus programas de melhoramento uma preocupação constante com a produtividade, bem como com a qualidade. Há

vários anos, desenvolvemos programas que só têm sido viabilizados por meio de uma perfeita integração entre o melhoramento convencional e o uso de processos sofisticados de biotecnologia.

Entre esses, podem ser destacados os relacionados com o valor nutritivo, considerando-se basicamente o teor de óleo, quantidade e qualidade das proteínas de amido, além dos aspectos ligados ao campo da resistência a pragas e doenças. Estas são as características relevantes tanto para o grão destinado à alimentação humana quanto para o dirigido ao consumo animal.

A nossa empresa, como uma das maiores investidoras em biotecnologia, mostra como tendência do momento presente, e não para o futuro, a crescente integração denominada melhoramento convencional/biotecnologia. Esta tem por objetivo alcançar, da forma mais rápida possível, os desafios impostos pela ascendente demanda mundial por alimentos de maior valor nutricional.

Nesse sentido, a Pioneer abre espaço à área de nutrição animal, trazendo ao mercado o resultado da genética microbiana, que são os próbios e os inoculantes específicos para a silagem, os quais proporcionam a maximização da produção animal.

Apenas para ilustrar a ênfase que a Pioneer vem dispensando ao seu setor de pesquisa, o atual investimento mundial representa um montante de US\$ 110 milhões, dos quais US\$ 1 milhão está sendo aplicado no Brasil. ■

Agenda Centaurus 1994

**É única.
É country.
É prática.
É charmosa.**

**A capa da agenda*
é emborrachada**

Não rasga. Não vinca. Não mancha.

**Durabilidade a toda prova
(a dobra tem reforço
de tecido maturado e texturizado):
V. pode jogá-la no chão ou
contra a parede. Nada acontece.*

A TIRAGEM SERÁ LIMITADA.

FORMATO:

Fechada: 17,3cm x 21cm

Aberta: 36cm x 21cm



Os meses são
intercalados com
o traço de Berega,
o mais consagrado
artista plástico
do Brasil
especializado em
figuras eqüinas.

Já!
*Você encomenda
agora e
ganha dinheiro!*
Preço oferta/congelado,
sem juros, sem correção
monetária.

Apenas:
CR\$ 4.500,00
até 26 de novembro/93

ÚTIL

• Calendário agrícola
mensal, abrangendo 32
produtos

- Calendário para eqüinos,
bovinos de corte, de
leite, e ovinos.
- Quadro de conversão
de medidas. Sistema
métrico. Medidas
inglesas.
- Dezenas de informações
gerais e outras tantas,
dirigidas diretamente ao
produtor rural.



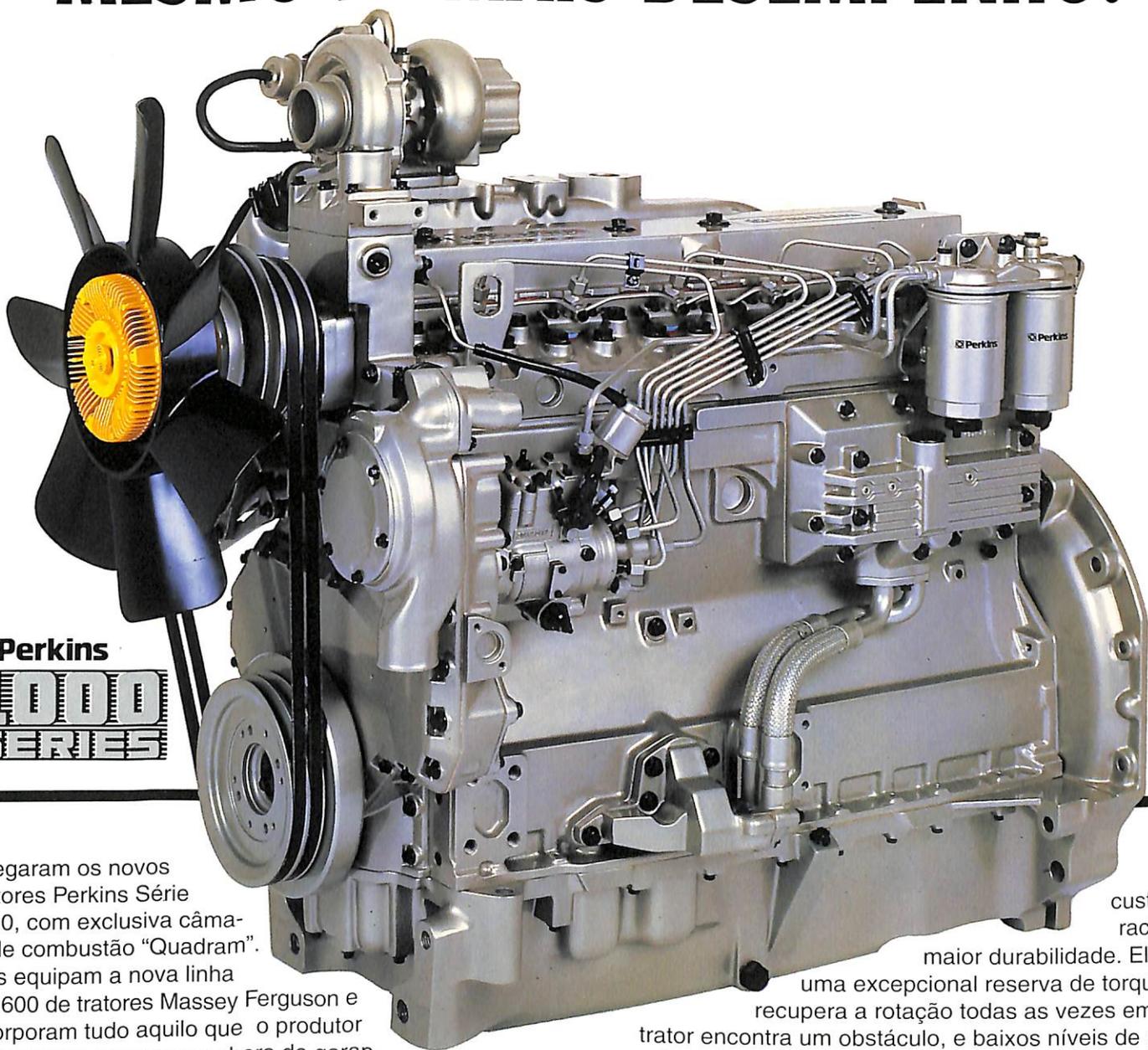
EDITORA CENTAURUS

Av. Getúlio Vargas, 1558
CEP 90150-004 - Caixa Postal 2890
Porto Alegre - RS

Tel.: (051) 233-1822 - Fax: (051) 233-2456

Em suas mãos,
sem custo de frete
até dia 15 de dezembro.

PERKINS SÉRIE 1000. A AGRICULTURA ESTAVA PRECISANDO MESMO DE MAIS DESEMPENHO.



Chegaram os novos motores Perkins Série 1000, com exclusiva câmara de combustão "Quadram". Eles equipam a nova linha MF 600 de tratores Massey Ferguson e incorporam tudo aquilo que o produtor rural sempre procurou na hora de garantir o melhor plantio: robustez, eficiência e força. Em outras palavras, desempenho. A Série 1000 antecipa a tecnologia mais avançada, oferecendo motores de alta performance,

baixo custo operacional e maior durabilidade. Eles têm uma excepcional reserva de torque, que recupera a rotação todas as vezes em que o trator encontra um obstáculo, e baixos níveis de ruído e vibração. Além disso, a manutenção é muito simples e você ganha tempo para produzir mais. Conheça os novos motores Perkins Série 1000. Trabalhando com eles, você planta confiança e colhe satisfação.




IOCHPE-MAXION
DIVISÃO DE MOTORES